Set. Out
1930
ANNO XXIV — N.º 36
Rio, 6 de Setembro 1930
— PREÇO: 1$000 —
FON FON

As dores de cabeça

desapparecem em poucos minutos com dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

A promessa

POR FERNANDO PIO

(Ao Mario Sette)

MANOEL VICTORINO, estirado no leito do hospital, naquella promiscuidade de enfermaria, um odor forte de desinfectante a castigar-lhe as narinas a todo instante, procurava recompôr como aquillo tinha acontecido...

— Fora obra do demo, não tinha geito de não ser... Pois havia tanto tempo trabalhava no engenho do coronel Sarmento, desde menino quasi, acostumado com todo o serviço que era capaz de fazer até de olhos fechados, e nunca succedêra nada... Agora sem quê nem porquê... Não podia mesmo achar explicação... Sabia só que a roda lhe tinha comido o braço quasi todo. E, que sorte não ter morrido ali naquella hora!... Ainda fôra feliz...

E o velho sertanejo, a quem o accidente prostrára entre morte e vida, olhava o braço, uma pontinha só que restava do braço direito, toda enrolada em gazes meio tintas de sangue.

— E agora que iria ser delle, da mulher e da Rosinha, de sua Rosinha já quasi ficando moça?

Uma tristeza enorme enchia-lhe o espirito transbordando pelos olhos rasos dagua.

— Tinha o coronel, que não *havéra* deixar morrer de fome um trabalhador, a bem dizer, creado no engenho... Mas não era a mesma coisa...

Dava de caridade e a elle, Manoel Victorino, nunca lhe passára pela cabeça que no fim da vida fosse viver de esmola.

Assaltado pelas lembranças caseiras, o coração apertado, procurava esconder as lagrimas que lhe corriam rosto abaixo.

— A ultima vez que vira seu povo fôra pelo tempo da festa e já faltavam dois mezes para entrar São João... Tambem quatorze leguas não era brinquedo para se tirar a pé!...

Um ruido de passos distrahiu-lhe a meditação: o medico que vinha fazer a visita da tarde. O matuto não se conteve e, com a voz tremula, sumida, implorou:

— *Seu* doutor, me diga uma coisa: eu no mez de S. João já posso ir p'ra casa?

O dr. Carvalho Paes notou os olhos do sertanejo brilhantes e molhados.

— Já, meu caboclo, descanse que já. Com mais trinta dias você terá alta.

E procurando animal-o:

— Só o que não lhe posso dar é o braço que cortei. Mas a cangica, descanse, que você vae comer em casa, junto com sua mulher...

Manoel Victorino, embalado pelas esperanças, abriu os labios num sorriso de confortado.

——

Naquella hora de crepusculo, triste, enervante, o coração de Rosinha encheu-se de soffrimentos e saudades. Olhava as serras, distantes, confusas, quasi cobertas pelo nevoeiro que prenuncia a noite. Uma cigarra estridulava num coqueiro em frente á casa. Gallinhas cacarejavam, subindo pelas arvores, quando se não despencavam lá de cima, azas abertas, num insuccesso de equilibrio.

— Era a hora de meu pae chegar...

E a lembrança do velho causticou-lhe o pensamento, cheio de dolorosa incerteza. Feriu o silencio o apito estridente de um trem que passava entre serras, caminho da estação.

— Teria morrido?

Imaginando essa fatalidade, a garganta apertava-se-lhe e não continha os soluços.

— Estaria orphã, sozinha quasi, no meio do mundo? A mãe, coitada! — quem podia contar com ella? Qualquer coisinha que fazia, uma estirada, um susto, prompto, já sabia: a maldita só faltava lhe dar cabo. Queimava de febre, falando sozinha e dizendo toda especie de doidice deste mundo.

E dos olhos negros vivos de Rosinha escorriam fios de lagrimas.

— Seria possivel que N. Senhora não se compadecesse della?

Cheia de crença christã, herança de familia pobre, mas creada no temor a Deus, Rosinha ajoelhou-se.

Tinha ouvido longe, muito apagado mesmo, o sino da capellinha a tocar as badaladas da Ave-Maria.

Num transbordamento de fé, ergueu aos céus os olhos tristes e doces:

— Meu S. João faça com que meu pae fique bom que no *vosso* santo dia eu prometto passar a fogueira de pé no chão...

Na simplicidade do pedido havia o reflexo de um coração sincero e bom.

Explodiam num tiro secco e agreste as bombas e as ronqueiras. Limalhas zuniam para rebentar, depois, estrepitosamente. Em frente á casa de Rosinha uma fogueira desmoronava em lençol de cinza branca. Grupos de mulatinhas passavam, trocando chistes com os rapazes, naquella noite enfatiotados, chapéo novo, flor na lapella, o lenço ensopado em essencias ordinarissimas.

A PROMESSA

(Conclusão)

— Bôa noite, Rosinha; tem sabido noticia?

— Qual, minha filha, nem sombra!...

— Ha de estar melhor, Rosinha, com os poderes de Deus.

A moça limpava os olhos. O grupo proseguia, tagarellando, alheiado á immensa dôr daquella filha.

A noite ia subindo. Distante, uma voz solou:

Capellinha de melão,
é de São João;
é de cravos, é de rosas,
de mangericão...

Agonia incontida dominou, então, o coração da sertaneja: a promessa feita tinha falhado! Noite de S. João e seu pae não chegara!... Tinha morrido mesmo... Era coisa sem geito, e ella, sozinha, abandonada no mundo!

Uma crise de chôro abalou-lhe o corpo. Sentada no tamborete, escondeu o rosto entre os braços, apoiados no parapeito da porta. Chorou muito, muito, até que, num esgotamento de nervos, adormeceu.

.. ..

Uma voz pronunciou, agreste:

— Rosinha! Acorda, Rosinha!

A cabocla despertou, assustada:

— Meu pae! E' *vossmicê*, meu pae?

Esfregou os olhos como si duvidasse.

— Sou eu, minha filha. O trem veiu atrazado e por isto cheguei tarde.

Rosinha lembrou-se da promessa.

— Foi S. João, meu pae, foi São João!

Descalçou dos chinellos os pés morenos e pequeninos e, numa concentração de respeito e fé, caminhou para a fogueira desfeita em brazas.

O velho olhava-a, surpreso.

— Rosinha, que está fazendo, minha filha?

Era tarde. A moça já havia atravessado o brazeiro sem que um unico carvão lhe houvesse tostado a pelle.

Correu para o pae, ansiosa e feliz:

— Foi a promessa, meu pae, que alcancei do milagroso S. João! Vossmicê voltou sarado...

Distante, a mesma voz repetia:

Capellinha de melão,
é de São João;
é de cravos, é de rosas,
de mangericão...

montra de livraria

PLENITUDE — Poemas de Carvalho Filho. Sonho. Fantasia. Espiritualização de nossas coisas. Um bello livro de versos, cuja singeleza encanta e fica a vibrar como um longinquo repique amigo de sinos na manhã clara...

CORTINA DE RENDA — Contos de Luis Paula Freitas. Prosa leve. Sentimento leve. Uma cortina de renda adejando ao vento, como o proprio autor escreve, separando da banalidade do mundo. E os desenhos ligeiros desse aereo cortinado projectam sobre as paginas do livro os seus arabescos subtis.

MOTIVOS DO BRASIL MODERNO — Ensaios juridicos e sociaes de Attilio Vivacqua. Vasados em linguagem clara e denotando a bella cultura do autor. Um volume de critica e observação apreciavel.

ENTRE ESMERALDAS E RUBIS — Romance de Dilke de Barbosa Rodrigues, uma escriptora de talento. Sonho e amor, os pelos da mocidade da mulher, interpretados num estylo agradavel. Personagens de eleição brotados da fantasia da autora. Uma novella de adolescente que promette.

A' SOMBRA DA GIRALDA — De Castro e Silva, delegado do Paraná á Exposição de Sevilha. O titulo recorda-nos a torre mosarabe que domina a capital andaluza. O autor é um chronista leve e attrahente, que sabe observar e contar com graça o que vê.

BIBLIOTHECA AMERICANISTA — *Confraternização Sul Americana* — O autor, Christovam de Camargo, é um americanista convicto e dedicado. Este seu discurso na inauguração do Congresso de Turismo de Lima, mostra mais uma vez o seu pleno conhecimento do americanismo e o seu talento litterario.

FARRAS COM O DEMONIO — De João de Minas. Livro vivido dum escriptor consagrado, cujo amor ás coisas da nossa terra é um de seus maiores titulos de gloria. Aspectos tragicos da vida do nosso interior. Paginas de verdade e de emoção. Sentimento e propriedade. Vemos e sentimos a vida brasileira dos sertões. E a magia do chronista insigne nos encadêa da primeira á ultima lauda. Um livro de alto valor pela forma e pelo fundo.

VOZES DE PASCHOA — O conego Mello Lula é um dos mais constantes batalhadores em prol da religião e da moral pela palavra e pela penna. Catholico destemeroso, sacerdote cheio de virtudes, emprega sua intelligencia no *bom combate*. Suas paginas são puras e elevadas. Incisivo e claro, bate-se a descoberto em defesa do Evangelho e da Verdade.

SOCIEDADE NOVA E REPUBLICA NOVA — O dr. Luis F. S. Carpenter faz neste livro a propaganda social duma Republica ideal e duma Sociedade tambem ideal, em substituição a essas que ahi estão e que o autor declara caducas. Agita idéas, apresenta novos horizontes, demonstra a valia de nossas actividades sociaes. Merece ser lido e meditado.

O VÔO INTERROMPIDO — Estes versos de Oliveira e Silva vêm mostrar mais uma vez que elle é, em verdade, um bello poeta. Bello na concepção e na forma em que nol-a dá, deixando nos seus leitores uma impressão duradoura, embora suave como um perfume antigo. O vôo de Oliveira e Silva para o seu ideal de arte não é *interrompido*, como a sua modestia grapha no titulo do volume, porem constante, porque elle é um desses, de que falam os livros orientaes, que caminham fitando as estrellas.

GRITOS DO MEU SILENCIO — Poemas de Oswaldo Santiago, em segunda edição, o que vale já por um bello elogio. Livro que agradou e continúa a agradar ás almas sensiveis, que espelham a sensibilidade nervosa desse poeta de raça. Entre os jovens da geração actual de rimadores, Oswaldo Santiago tem o seu lugar marcado com uma pedra branca — como antanho se marcavam os dias felizes.

COMO MORRERAM GRANDES HOMENS — Gastão da Franca Amaral é um apaixonado das lettras. Cultiva-as com carinho especial. Na sua alma, a philosophia, a historia e a litteratura vicejam como as rosas de maio. Desse seu culto, o livro actual, em que nos conta, emotivamente, os derradeiros momentos dos grandes homens. E' uma preciosa anthologia dos ultimos instantes daquelles que merecem entrada no Pantheon da Immortalidade.

A LOUCURA SENTIMEN[TAL] — A cada novo livro que pu[blica] esse talentoso e prezado pros[ador] que é Benjamim Costallat, [vigo]rosa organização de homem [de] lettras, mais digno de admira[ção] elle se faz. Dahi os seus cons[tan]tes successos de livraria. *A [Lou]cura Sentimental* é um rom[ance] moderno, palpitante, febril, de [pai]xão sentimental, profunda e [vas]ta como um oceano. Romance [de] observação e fantasia alliados [para] o effeito decisivo, que é mais [um] florão na corôa de triumphos [do] joven e notavel escriptor.

MARIA CECILIA E OUT[RAS] *HISTORIAS* — Veiga Mira[nda], autor do Mau Olhado, privileg[iada] organização de escriptor, offer[ece]-nos, enfeixados neste volume, [al]guns contos cheios de verdad[e e] vida. Calas de estylos. Qual[ida]des de observação. Syntheses [de] almas. Um optimo livro de co[n]...

MINHA SOMBRA — Estra[nho] e fascinante artista Padua de [Al]meida. Plaquette de versos [em] que ha cinzas e brazas, o to[rve]linho duma alma inquieta, m[ari]posa que, tonta, adeja em v[olta] da luz e é toda luz nas gra[n]... asas irisadas...

O BEZERRO DE OURO — C[on]tos, chronicas, anecdotas leves, [cri]ticas, salgadas, fortes, popul[ares] ou não, que agradam ao leito[r e] lhe deixam provavel impre[ssão] quando ao espirito invulgar [do] autor. Lucien, autor do volu[me], merece bem os elogios que a[qui] lhe consignamos sem favor.

VERSOS ALHEIOS — Da c[on]sagrada poetisa Rosalia Sando[val]. Paginas de critica ligeira e a[gra]davel sobre poetisas e poetas [sul] americanos. Um livro que som[ma] os grandes valores mentaes [da] poesia latino-americana e vale [por] uma obra benemerita de appr[oxi]mação intellectual. *Vale*.

POETAS DE OUTRO SEXO — Affonso Costa é um peregrino [da] Belleza. Cultiva-a com um an[nor] acendrado e um carinho consta[nte]. Fixa neste volume os perfis [de] poetisas insignes, cuja emoção [elle] traduz com palavras cheias [de] sentimento. E' um livro de crit[ica] sincera e de culto á arte pu[ra], que manifesta de publico o a[lto] valor mental de seu autor.

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

A JANELLA ABERTA — E. L. WHITE

(Continuação)

— Por que telephonou a você?

A Cherry não desejava responder a esta pergunta.

— Para dizer-me que tivesse cuidado.

— Quer dizer que "elle" anda por aqui?

— De modo algum. O doutor me disse que a mulher fôra morta ha uns tres ou quatro dias. A esta hora o assassino deve estar muito longe.

— Talvez esteja mais perto do que você pensa.

Involuntariamente, a Cherry observou a porta da rua e seus grandes ferrolhos. Estava presa de grande agitação. Uma idéa a atormentava. Encontrava-se certa agora de que se esquecera de "alguma coisa".

Deante dos lábios trêmulos da companheira, achou que devia esforçar-se por guardar serenidade.

— Volte ao seu doente — disse — emquanto preparo a ceia. Nós nos sentiremos melhor depois de tomarmos algum alimento.

Apesar da apparente tranquillidade, foi com grande difficuldade que desceu ao rez-do-chão, onde havia tantas portas e socavões, tantas sombras e esconderijos.

Mas o aspecto que offerecia a cozinha, ao accender das luzes, reanimou-a. A vista dos tocos de lenha meio consumidos pelo fogo, assim como dos utensilios e das provisões, dava uma impressão de repouso e de segurança.

Correu rapidamente á copa, em busca de pão, queijo, fiambre e frutas, que collocou sobre uma bandeja. Em seguida, preparou o café. Ao aspirar o aroma delicioso, parecia-lhe que seus temores não tinham nenhum fundamento.

Até cantava ao levar a bandeja ao andar occupado pelo professor, e pensava em seu proximo casamento com elle.

As enfermeiras comiam num compartimento contiguo ao do professor, com o intuito de não o abandonar, doente, em seus aposentos. Ao entrar a Silver, sua companheira aguçou os ouvidos, com a esperança de ouvir a voz de Glendower. Desejava lançar uma vista de olhos ao seu quarto e vel-o sorrir.

— Como está o doente? — perguntou.

— Muito bem.

— Posso vel-o?

— Espere até a sua vez.

Ao sentar-se á mesa, a Cherry reteve, com difficuldade, um sorriso, ao ver a collega deixar os acanhados sapatos.

— Você parece muito interessada pelo doente — disse a Silver, mal humorada.

— Tenho direito a interessar-me por elle.

O doutor me disse que, se está com vida, deve-m'o em grande parte.

— Sim, o doutor tem muito boa opinião a seu respeito.

A joven não era affeita á *coquetterie*, ainda que soubesse muito bem que o doutor a admirava muito. Mas a inveja que brilhava nos olhos da Silver fel-a responder:

— O doutor é amavel com todo o mundo.

A seu pezar, a Cherry sentia necessidade de falar do seu noivado. Quaesquer que fossem os defeitos de sua companheira, era uma mulher e compartilhava de seu labor. Procurou travar amizade com ella.

— Parece-me que você não me estima muito. Diz que sou esquecida e está sempre a lembrar-me o accidente do oxygeno. Mas considere o estado em que me encontrava. Durante quatro noites não mudei de roupa nem dormi cousa alguma.

— Por que não arranjou outra enfermeira?

— Porque implicava em novos gastos. O professor dedicou sua vida á sciencia e só conta com escassos recursos. Mas vi-me obrigada a pedir que arranjassem a você, porque o doutor assegurou-me que eu ficaria sofrendo de uma depressão nervosa se não conseguisse outra enfermeira.

Olhou o annular da mão esquerda, como se nelle já se encontrasse o annel de compromisso, e continuou dizendo:

— Não tome a mal, mas parece-me que lhe devo communicar que o professor e eu pensamos em nos casar.

— Isto acontecerá se viver.

— Viverá, a crise passou.

— Não cante victoria tão depressa.

A Cherry sentiu um temor repentino.

— Está occultando-me alguma cousa? Encontra-se peor o doente?

— Não, está no mesmo. Mas pensava na attitude que tomará o doutor Jones ao saber do seu noivado. Você tambem flirtou com elle. Vi quando lhe sorria, no *hall*. São as mulheres frivolas como você as que mais damnos causam no mundo.

A Cherry sentiu toda a injustiça da accusação; mas viu, pela expressão da companheira, que ella estava consumida de ciumes ao conhecer a sua felicidade.

— Não discutiremos mais esta noite. A situação é dificil, mas temos que depender uma da outra. Se alguma cousa de imprevisto acontecer, a você, creio que morrerei de medo — falou a Cherry.

A Silver permaneceu silenciosa um momento.

Em seguida, disse:

— Não pensara nisso ainda. Estamos as duas sozinhas, rodeadas de tantos aposentos vasios... Que é isso?

Do *hall* chegava o ruido de pancadas surdas.

A Cherry poz-se de pé rapidamente.

— Alguem bate na porta da rua.

Como garras de ferro, os dedos da Silver firmaram-se-lhe no braço.

— Sente-se — disse-lhe — E' "elle"!

As duas mulheres olharam-se assustadas, emquanto as pancadas se faziam cada vez mais fortes e insistentes. Cherry achou, de repente, que podia tratar-se de alguma mensagem urgente.

— Vou descer — falou. Talvez seja o doutor Jones.

— E como poderá sabel-o sem abrir a porta?

— Por sua voz.

— Não seja louca. Seu accento gaulez é muito facil de imitar.

A Cherry viu apparecer gottas de suor no rosto da companheira. Ao notar-lhe o estado, sentiu-se mais valente.

— Tenho que descer e averiguar de que se trata — insistiu. — Talvez traga novas informações a respeito do crime.

Mas Silver obrigou-a a deter-se.

— Não se recorda do que lhe disse? E' você que está em perigo. Não lhe disse lles para não abrir a porta a "ninguem"?

A joven enfermeira inclinou a cabeça e deixou-se cahir abatida numa cadeira.

As pancadas cessaram. Pouco depois voltaram a repetir-se na porta dos fundos.

A Silver enxugou o suor do rosto.

— Quer entrar a todo custo! — exclamou. — E tomando o braço da companheira, disse:

— Nem siquer treme! Nunca tem medo?

Apesar de seu aspecto sereno, a formosa enfermeira soffria um violento conflicto interno. A Silver accusara-a de negligencia, e, além disso, estava certa de ter esquecido *alguma cousa*. Era necessario, então, dar um novo giro pela casa para assegurar-se de que tudo estava em ordem. Mas o temor a dominava. Fazendo um grande esforço, falou:

— Subirei aos andares superiores e verei o que se passa.

— Pensa em abrir alguma janella? — A Silver estava summamente agitada. — Não deve fazel-o. E' uma loucura. Lembre-se de que uma das enfermeiras estranguladas foi descoberta "dentro" do seu dormitorio.

— Muito bem, não farei.

— Tenha cuidado. Alguma cousa de estranho succede nesta casa!

A Cherry sentiu que o sangue se lhe gelava nas veias. Se alguma cousa de anormal se passava por culpa de sua má memoria, só a ella cabia descobril-a e remedial-a.

Teve que empregar uma grande força de vontade para subir as escadas. A luz tremula da vela que levava comsigo, povoava as paredes de sombras grotescas. Ao chegar ao andar superior, entrou resolutamente no laboratorio.

Depois de certificar-se de que tudo estava em ordem, fez o mesmo aos demais quartos, com igual resultado.

Mais encorajada, subiu ás aguas furtadas. O telhado inclinado desta prolongava-se por debaixo da janella, sem offerecer nenhum ponto que pudesse auxiliar uma escalada, de modo que ninguem poderia entrar por alli. Sabendo-o, a Cherry abriu as persianas.

O ar fresco da noite acalmou-lhe os nervos. A chuva cessára, mas o vento continuava. A lua se mostrava por momentos atravez de grandes nuvens escuras que deslisavam pelo firmamento. Distinguiam-se as negras silhuetas dos montes, e nada mais.

A joven permaneceu na janella por largo espaço de tempo, pensando em Glendower. Consolava-se pensando na satisfação que experimentaria, passada esta noite de terror.

Augmentava-lhe, pouco a pouco, o desejo de vêl-o e ainda que, tal fazendo, infringisse a ethica profissional, resolveu visital-o. As palavras da Silver tinham-lhe despertado receios a respeito do estado do doente e queria ver, com seus proprios olhos, se tudo corria mesmo bem.

Deixando a janella aberta para que pudesse entrar um pouco de ar na casa, desceu as escadas silenciosamente. Deteve-se no segundo andar e visitou seu proprio quarto e o de sua companheira. Tudo estava em ordem. A senhora lles roncava pacificamente em seu aposento.

O quarto do professor tinha duas portas. Uma dava accesso ao compartimento contiguo, onde ainda se encontrava a enfermeira Silver a comer. A outra communicava com a escada.

Tão depressa entrou, a joven Cherry notou que algo de anormal se passava. O enfermo movia a cabeça de um lado para outro sobre a almofada e sua pallidez era impressionante. Ao vêl-a entrar, endireitou-se no leito e olhou-a fixamente. Seus olhos pardos brilhavam de um modo intenso.

Não a reconheceu, porque, em vez de chamal-a: "Stella", disse "Enfermeira".

— Enfermeira, enfermeira — falava elle. Murmurou mais alguma cousa que parecia ser "Homem" e deixou-se cahir nos braços da noiva.

Nesse momento entrou a Silver. Depois de tomar o pulso do enfermo, disse significativamente:

— Faz-lhe falta o oxygenio.

A Cherry olhou-a compungida.

— Deverei chamar pelo telephone ao doutor Jones? interrogou com humildade.

— Sim, chame-o.

Tudo parecia estar contra ella. Não conseguia obter communicação. Nem siquer a telephonista respondia ás suas insistentes chamadas.

Pouco depois appareceu a Silver.

— Vem o doutor? — perguntou.

— Parece-me que o apparelho não funcciona — respondeu desesperada a joven. não sei o que está se passando.

— Talvez o fio se tenha partido durante a tormenta. Mas não importa agora. O doente está dormindo.

A Cherry não se tranquillizou. Os acontecimentos tinham alterado a sua apparente serenidade. Recordou-se repentinamente do que havia "esquecido".

A janella da despensa estava aberta.

Não a havia fechado porque, ao procurar fazel-o, uma ratazana a assustara. Correu até a cozinha e apanhou o gato, o que obrigou o roedor a esconder-se numa goteira.

Devido a este incidente, esquecera-se de fechar a janella.

Sentiu que o coração se lhe cahia aos pés ao dar-se conta de que a casa estivera aberta a qualquer intruso.

— Que se passa em você? — perguntou a Silver.

— Nada, nada.

Não se atrevia a explicar o succedido á severa collega. Pensava que, talvez, não fosse demasiado tarde para remediar o esquecimento.

Na pressa de leval-o a effeito, já não temia descer ao rez do chão. Ao contrario, não lhe parecia muito longo o trajecto que a separava da despensa.

A JANELLA ABERTA

(Conclusão)

Ao entrar nella, viu que a janella aberta se movia, agitada pelo vento. Não tardou em fechal-a e dirigir-se á cozinha. Antes de entrar, deteve-se immovel ao observar uma mancha no chão.

Era a pegada de um sapato de homem.

O porteiro estivera a transportar carvão para a cozinha, mas teve que abandonar a tarefa para ir em busca de oxygenio. O pavimento estava ainda coberto de pó negro, e a luz da vela mostrava a marca do pé claramente.

Abaixando-se, a enfermeira tocou-a com o dedo.

Estava humida.

No começo quedou-se a observal-a, atônita. Mas depois, quando viu outra pegada adeante da primeira, lançou um grito de espanto e subiu correndo as escadas, chamando por sua companheira.

Respondeu-lhe uma voz estranha e grossa que nunca ouvira.

Ainda que ignorasse o que ia encontrar do outro lado da porta, precipitou-se para dentro da sala de jantar das enfermeiras, ansiosa de vêr o que succedia.

A única pessôa que alli se achava, era a Silver. Encontrava-se assentada em uma cadeira, muito pallida, com os olhos quasi fechados e a bocca aberta.

Deixou escapar um grito inarticulado.

A Cherry aproximou-se della.

— Que lhe aconteceu? — perguntou. — Procure falar.

A Silver esforçava-se por prevenil-a contra algum perigo. Mostrou o copo, e, fazendo um grande esforço, conseguiu dizer:

— Estou envenenada! Você deixou entrar alguem aqui!

Emquanto pronunciava estas palavras, os olhos se lhe reviraram, deixando á mostra a esclerotica. Pouco depois ficou immovel.

Quasi louca de terror, a joven procurou reanimal-a. Acabava de succeder o que ella mais temia.

Estava sozinha.

E em alguma parte da casa, encontrava-se o mysterioso autor de todos esses acontecimentos. Havia eliminado um por um todos os obstáculos que o separavam de sua presa.

A victima escolhida era ella.

O seu terror era tal, que tinha a impressão de não ser ella, mas uma terceira pessoa a pensar no que lhe convinha fazer. Seu lugar era ao lado do enfermo. Sentou-se á cabeceira da cama e tomou a mão do professor entre as suas.

O tempo passava com extraordinária lentidão. Os mais fracos ruidos tornavam-se enormes no silencio da casa. A madeira rangia de vez em quando ao ser atravessada por alguma ratazana.

Cem vezes pareceu-lhe que alguém subia cuidadosamente as escadas e detinha-se deante da porta.

Eram quasi tres horas da madrugada quando ouviu, sobresaltada, passos de homem no aposento contiguo.

Não era nenhuma creação de sua fantasia.

Atravessaram o quarto e aproximaram-se da porta de entrada do aposento de Glendower. Ella viu que a maçaneta desta se movia. Electrizada, poz-se de pé e correu escadas acima. Deteve-se um instante ao chegar no proprio quarto, mas, recordando que a janella tinha grades de ferro e que faltava a chave da porta, seguiu para cima.

Os passos do homem perseguiam-n'a ameaçadores. A joven dirigiu-se instinctivamente para a trapeira. Ao chegar á porta, deteve-se. Já não podia subir mais.

Na parede desenhou-se a sombra de seu perseguidor. Parecia um negro arauto da morte. A Cherry apoiou-se á hombreira da porta para suster-se. Tudo parecia obscurecer-se em torno. Sentiu-se a ponto de desfallecer, mas refez-se de repente, experimentando um grande allivio. Deante della, encontrava-se a Silver.

Ao vêl-a, exclamou:

— Tenha cuidado, ha um homem na casa.

A Silver deteve-se e olhou para traz, alarmada.

Então produziu-se o incidente mais imprevisto dessa noite de terror.

Uma ratazana atravessou o aposento, correndo. Levantando seu pesado sapato, a Silver amassou-o no assoalho.

Neste momento a Cherry adivinhou a verdade.

A enfermeira Silver era um homem.

A luz fez-se no cerebro da joven. A verdadeira enfermeira Silver fôra assassinada por Silvestre Leek, quando se dirigia para a casa do professor. Era o seu corpo estrangulado o que acabavam de encontrar na pedreira. O assassino tomára-lhe o lugar.

Segundo a descripção policial, era elle um joven delicado, de feições regulares; de modo que não lhe era difficil disfarçar-se em mulher.

Sendo um estudante de medicina, podia desempenhar commodamente o papel de enfermeira. Além disso, como lhe cabia o turno da noite, ninguém tivéra occasião de estar em intimidade com elle, excepto o proprio enfermo.

Este, por isso, adivinhára a verdade.

Para evitar ser denunciado, o assassino administrára algum narcotico tanto ao professor Glendower Baker como á senhora Iles. Foi elle também quem abriu a torneira do cylindro de oxygenio para motivar a partida do porteiro.

Apesar de ter estado sozinho com a sua victima durante varias horas, nada lhe havia feito. Como um gato que se diverte com o rato antes de comel-o, comprazera-se em atemorizar á formosa enfermeira antes de applicar-lhe o golpe de misericórdia.

Mas a joven sabia que elle mesmo não estava isento de temor. Se chegassem a estabelecer a identidade do cadaver encontrado na pedreira, o paradeiro do assassino seria facilmente descoberto.

Emquanto a Cherry se encontrava na trapeira, Leek cortára o fio do telephone e calçára os proprios sapatos para facilitar a fuga, no caso de vêr-se obrigado a emprehendel-a.

Lembrou-se da sua emoção ao ouvir as pancadas na porta da rua. Era, provavelmente, o doutor Jones que viera certificar-se de que ella, Cherry, se encontrava alarmada com a noticia dada pelo telephone. Se fosse a policia, teriam entrado á força. Como este não era o caso, nada se descobrira ainda; inútil, por isso, esperar auxilio de fóra.

Tinha que affrontar a situação... sozinha.

A' fraca luz da lua, viu o assassino entrar na trapeira. Apesar de seu disfarce de enfermeira, adivinhava-se seu intento criminoso pela expressão dos olhos.

Ao notar a janella aberta, imaginou que o supposto intruso deveria ter entrado por alli. A Cherry tinha-o enganado sem saber.

Leek acreditava que, effectivamente, havia um homem em casa.

Ignorava, sem duvida, as pegadas que deixára ao rez do chão.

— Por que abriu esta janella, estúpida? — gritou.

Elle mesmo inclinou-se para fóra para alcançar as venezianas.

Neste momento, a joven enfermeira, louca de espanto, com as forças multiplicadas pelo terror, precipitou-se para elle e empurrou-o janella abaixo. O assassino debateu-se um momento no rebordo do telhado, mas perdeu o equilibrio e cahiu no vácuo.

A joven viu que agitava os braços e as pernas, como uma grande aranha, durante a quéda, e cerrou os olhos para não vêr mais.

Só muito tempo depois é que voltou para o lado do professor. Mas quando por fim entrou no quarto de Glendower, viu que elle dormia tranquillamente, sonhando talvez com ella...

Percorreu alliviada toda a casa, abrindo todas as janellas para que entrasse a luz da alvorada.

LULA (R. G. do Sul) — Mas... Deus do céo! E' preciso que a gente escreva as coisas e ponha ao lado varias poses photographicas do autor, exprimindo o estado de alma em que elle estava, para que não haja confusão?

Eça de Queiroz e Loti, depois de escreverem paginas magistraes, declararam que não saberiam dizer o que sentiam. E que elles estavam certos de que não é possivel transmittir, com clareza, a todos os que nos lêem, aquillo que sentimos.

E' o meu caso. Escrevi com tanta alegria a resposta que lhe dei; e v. ex. está suppondo que eu estava de mau humor.

E' por esse julgamento *a priori*, ou antes, atravez do que se escreve, e antes de conhecer pessoalmente os escriptores, que, ás vezes, as pessôas têm desconcertantes surpresas. Ainda ha pouco uma joven escriptora veiu a esta redacção pedir-me um obsequio. Suppunha encontrar um leão, uma panthera, e encontrou uma pomba sem fel... ou um archanjo...

Mas vamos á sua carta. Leiamol-a sem reticencias...

"Ives. Causou-me espanto, a resposta que deste á minha carta. A minha decepção foi igual a dos admiradores de Carlos Prestes depois de seu ultimo manifesto!

Não sei, francamente, em que te pudesse offender!

Seguidamente, repetes ás tuas consulentes, que quem vive da penna, isto é, do seu esforço intellectual, não tem, na época presente, o valor daquelle que possue uma baratinha e um bungalow.

Eu acho que o homem, quanto ao "ser sensivel", é todo igual — sujeito ás mesmas fraquezas materiaes. — O homem é superior ao seu semelhante, pelo seu espirito, pela sua intelligencia. Quando disse que não trocarias o teu "ser pensante", por um bungalow, por um automovel e nem mesmo pela sorte grande, eu queria dizer que eras, pelo teu talento, superior aos protegidos de Pluto!

Ives, podes crer, que senti muito teres dado uma interpretação tão diversa ás minhas intenções.

Talvez a minha intelligencia dê para comprar um *bonde*, porem, a minha educação, me impede de, voluntariamente, maguar quem quer que seja.

LULA."

— Pois eu repito que tróco o meu supposto talento por um simples *Ford*... de tres rodas. Quanto mais por um bungalow...

Como v. ex. é muito intelligente e tem bôa educação, o melhor é não pensar em comprar um bonde; compre um automovel e, depois, queira fazer-me presente delle...

FELIPPO STROZZI (S. Paulo) — De accordo com o seu pedido, dou aqui o estudo da sua letra, procurando fornecer um exame graphologico, o mais completo possivel.

A sua graphia indica um largo espirito de prodigalidade. Alias, esse predicado é muito prejudicial ás suas tendencias praticas.

Sim, porque o sr. é um espirito inclinado ás coisas reaes, si bem que tenha um certo gosto pela musica. Resoluto, decidido, é uma creatura que avança. Não recúa, jamais. Profundamente emotivo, capaz de amar sinceramente, é orgulhoso, altivo das suas affeições e dos seus predicados. Autoritario, quasi sempre, sabe fazer valer a sua vontade, embora lute com o seu proprio temperamento contrariando, adeante, o que desejou ou realizou atraz. Amigo da mesa, notadamente das guloseimas — doces, bombons, etc — é dominado pelos prazeres materiaes, sendo, portanto, um sensual exaltado. Methodico. É amigo da ordem, das systematizações. Assim essa ordem se estende ás coisas objectivas, aos detalhes da sua vida domestica. O seu humor é egual. O sr. é sempre um homem sereno, interiormente, embora seja um irrequieto, physicamente falando. Um absurdo: apezar disso, o sr. luta para ser alegre, mas é um melancolico, uma pessôa inclinada á tristeza serena e sem amargores. E' amigo do confôrto, do luxo, dos velludos. O seu cerebro trabalha de mais; porém o seu corpo prefere os *mapples*, as poltronas macias, o contacto das coisas suaves. E' generoso. O seu coração é bom, não obstante o seu espirito violento e a sua teimosia. E' simples na apparencia. Desconfiado em extremo. Creio que desconfia até de Christo. As suas idéas são claras, pois o sr. é franco, sincero, leal e odeia os subterfugios. É um grande observador do meio em que vive e facilmente assimila as coisas que o rodeam. A sua saude é bôa. Excellente. Deve ser moço e forte. A sua intelligencia é penetrante. Não é muito expansivo — apezar de ser franco e decidido. Curioso: o sr. é delicado, mas de uma delicadeza que revela força e confiança em si mesmo. Não é a delicadeza do gato, — macio, mas traiçoeiro. O sr. não é um fantasista. Que pena! Com tantas qualidades bôas...

Critica synthetica dos traços geraes.

Intelligencia — assimiladora. Espirito pratico, conservador, realizador. *Memoria* — (auditiva) — Perfeita. Guarda os phenomenos sonicos, melodiosos: a musica, a palavra, etc. *Imaginação* — Vivida, ardente, agitada, sentimental, voluptuosa, povoada das imagens do amor. *Vontade* — Forte, continuada, disciplinada (no terreno social) indisciplinada (no terreno emotivo). *Tendencias* — Repouso. Isolamento. Generosidade. Synthese. Optimismo.

LOURDES (Pernambuco) — Aqui está a sua cartinha cor do céo, conforme faz notar nas suas linhas.

Leiamol-a com esse enthusiasmo que me despertam as coisas da minha terra:

"Recife. Tarde de Julho. Yves Li, em ditoso dia, uma resposta sua a cartinha azul que lhe dirigi na esperança de que você me revelasse minha photographia moral. E ainda tem aqui um papel azul — pois si eu rendo um verdadeiro culto de adoração ás coisas azues!...

Por cortezia... você desistiu do meu perfil graphologico. Isso não impede que lhe envie o mais amavel dos sorrisos á maneira tão gentil com que suavizou essa recusa.

Quer dizer que você tambem sabe matizar uma decepção. E a sua ironia, que é tão decantada"; Mas si não fosse assim Yves, que senso esthetico teria o meigo poeta d'O Suave Enlevo?! A proposito dos seus versos, quando os leio tenho sempre a suavissima impressão de que a minh'alma vôa a um mundo paradisiaco onde eu bem quizéra perder-me indefinidamente, esquecida deste seculo XX, mensageiro de uma corrente insensibilizadora para as coisas sublimes do coração. Mas a sua arte, rica de sentimento, é a unica victoriosa no mais profundo re-

Musica Alegre.....e Subjugadora.....

Aonde quer que seja! A qualquer hora!

COLLEGIO NACIONAL

Con' a Victrola Portatil

LEVE comsigo a ompanheira ideal....a mais popular .. .a Victrola portatil. A sua melodia irresisti l faz com que V. S. se sinta mais alegre e mesmo tempo assegura maior exito em uas reuniões sociaes.

A caixa phonetica orthophoni faz com que cada disco seja um triumpho repro-ducção. Nenhum outro instrumento orta-til proporciona musica tão seductora mo a reproduzida pela portatil Victor. Este instrumento pode ser transportado com toda a facilidade.

Existem dois modelos: o 2-35 e o 2-55.

Ambos são magnificos instrumentos para o lar pequeno.

A Nova

Victrola
Orthophonica PORTATIL

Procure esta marca

Distribuidores Geraes

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98 — Rio. — S. Bento, 35 — S. Paulo.

A' VENDA EM TODAS AS BÔAS CASAS DO RAMO

VICTOR DIVISION—RCA VICTOR COMPANY, INC., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da U.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

condito do coração feminino. Mesmo a mulher moderna fascinada pelas maravilhas desta idade prosaica, ainda quando esplanadora de assumptos graves e serios é sempre mulher para se deixar vencer pela magia inconfundivel de sua ternura.

Que pena eu não ser agora uma francezinha romantica para dizer que o seu livro é "*un souvenir de cœur*"!

Num adeus muito cordeal eu lhe atiro assim suavemente esta pergunta: E' você contrario a victoria do feminismo? Diga porque.

LOURDES."

Primeiramente, quero agradecer-lhe as palavras gentis que tem para o meu livro; em segundo logar, quero responder á sua pergunta: "E' você contrario a victoria do feminismo?"

Conforme. Si a victoria do feminismo consiste em ser util á humanidade — de outro modo mais sagrado, que ja é o de ser mãe — sou a favor della; si é baseada em fins exclusivistas, personalistas, — voto contra, com todas as minhas forças.

O que se tem visto, até agora, — sob a mascara de feminismo — é uma concorrencia desleal ao homem, sob todos os pontos de vista, tomando-lhes as posições na vida publica, nas profissões liberaes, em todos os ramos emfim. Ha excepções que justificam esse assalto; mas é que não se argumenta com excepções. De resto, a mulher, no Brasil, desfructa uma situação de privilegios taes, que é até um crime pensar "nas reivindicações do sexo". Mas quaes são essas "reivindicações" — si ellas, entre nós, só não têm o direito de ser homens! E isso mesmo, porque não é possivel subverter as leis da biologia?

Feminismo! Que bôa pilheria!

POMPADOUR (Pernambuco) — Oh, muito obrigado. As suas considerações são muito interessantes, mas não me é possivel acceitar a ponderação que me faz. Defender-me de que? Não discuto senão com espiritos que estejam em certo nivel mental.

De resto, não posso impedir que um cavalheiro de poucas luzes entre numa livraria, compre o meu livro, e o interprete, segundo a quadratura do seu cerebro.

Não ha lei no Brasil que lhe prohiba esse direito.

Uma vez, porém, que diz esperar "uma replica á altura", devo commentar o caso do seguinte modo:

Que é um *enlevo*? Diz Jayme Séguier, no seu *Diccionario Pratico* (2ª edição) a paginas 393. "*Enlevo, s. m.* (de *enlevar*). Encanto, extase, arroubo, arrebatamento. Deleite, assombro, coisa que maravilha. Pessoa, que encanta, que captiva: *criança, que é o enlevo dos paes.*"

Que é ser *suave*? Diz ainda Séguier (op. cit.): "*Suave, adj.* (lat. *suavis*). Muito agradavel, doce: *perfume, canto suave.* Leve, brando, etc."

Ora, si, conforme leu no ataque á minha pessôa, ha quem diga que todo *enlevo* é *suave*, temos de chegar a esta conclusão absurda e contraria a qualquer syllogismo: Todo enlevo é suave. Um *assombro*, segundo Séguier, é um *enlevo*. Conclusão: logo um *assombro* é uma coisa *suave*. (!!) Mesmo no sentindo de coisa que arrebata?

Francamente, é preciso ser muito asnatico para dizer semelhante tolice. E' preciso nunca ter aberto um tratado de logica.

Ouça agora outro commentario, minha illustre conterranea:

Um prefacio não é, em certos casos, um *hors d'œuvre*: é, imprescindivelmente, uma parte integrante de um livro. Ha casos em que o texto não póde passar sem um prefacio. E' o que acontece com as *Intenções*, de Oscar Wilde, as *Flores do mal*, de Baudelaire, sem falar em outras obras, que valem mais quando enriquecidas com os seus commentarios. Exemplo: a *Divina Comedia*, a *Iliada*, *Os Lusiadas*, etc. "Num livro mau ou bom, é mister ler até mesmo o indice com attenção", ensina Albalat. E assim é. Principalmente, si ha a preoccupação de criticar a obra, de negal-a, de destruil-a.

Ora, foi prevendo que o meu poema *O Suave enlevo* iria cair nas mãos de gente culta, mas tambem nas de pessôas de poucas letras, que tive o cuidado de escrever um *avant-propos*, nas suas tres edições. O meu prefacio é o seguinte:

"A historia deste poema é frivola e sentimental. Eis porque não a venho contar aos homens de coração arrogante. Ella lhes causaria inveja ou, certamente, provocaria irrisão. Porque o coração masculino é quasi sempre sceptico e egoista. Falo á alma irrequieta das mulheres. Daquellas que amaram inutilmente, e viram morrer um sonho, que se fanou como uma rosa de outomno... Uma rosa que alguem deixasse esquecida, sobre a séda de um divan, num salão, ao fim de uma confidencia dolorosa e sem beijos... Por isso, a minha *causerie* é triste e deflúe, em surdina, como num suave enlevo. E' triste, simples e sincera. Quasi como um queixume — algumas vezes — e outras, um pouco ironica — mas de uma ironia vingativa — á maneira de quem misturasse o desconsolo de uma lagrima á displicencia e á melancolia de um sorriso".

Qualquer pessoa honesta e intelligente, de espirito fino e subtil, comprehende que não fiz um *amoroso enlevo*, nem um *mystico enlevo*, mas uma *suave palestra*, uma *suave "causerie"*, um *suave enlevo*, que ahi quer dizer — *confidencia*, e que é esse mixto de ironia, de dôr silenciosa, de vingança, de melancolia, de sorrisos resignados, sem os *arroubos* e os *assombros* de Séguier; uma coisa que só pode ser definida por uma emoção *muito suave, muito velludosa*, quasi imprecisa, especie de *rêverie*, do francez.

Mas é claro que escrevi para espiritos superiores. E não tenho culpa de que o meu livro, muitas vezes, esteja no caso daquellas "margaridas ante porcos", a que se referem os *Santos Evangelhos*... Gostou?

SOPHOCLES (S. Paulo) — Entreguei a sua prosa ao secretario, pedindo-lhe que a lêsse com attenção. Que mais posso eu fazer em seu favor?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 6-9-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

O meio mais seguro de lavar as roupas frageis!

A espuma maravilhosa de Lux limpa sem necessidade de esfregar

Com o uso de Lux as roupas não precisam ser esfregadas. As finissimas escamas de Lux, tão differentes dos sabões ordinarios, com todas as suas impurezas, transformam-se em uma espuma branda e purificante apenas cahem em agua quente.

O methodo Lux é tão facil! Lançar em uma bacia com agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante. Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida. Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca esfregando). Passar em agua limpa e morna . . . e a lavagem está concluida.

LX J2-050 B2

S. A. IRMÃOS LEVER
CAIXA POSTAL, 2745
SÃO PAULO

WILSON, SONS & Cº LTD
AV. RIO BRANCO, 37
RIO DE JANEIRO

WALTER & Cº
RUA SÃO PEDRO, 71-19
RIO DE JANEIRO

O irmão collaço

De ANDRÉ ROMANE

SEIS horas da tarde. Na praça Faidherbe, em Saint-Jean-du-Sénégal, cidadezinha perdida sobre uma costa palustre, longe das escalas dos grandes navios. Sob a luz rosea, filtrando-se através da folhagem empoeirada dos *gonakés* e das palmeiras, uma meia duzia de negras velhas, accocoradas na areia vermelha, deante de um quadrado de panno sordido que lhes servia de cabaz, offereciam aos transeuntes, em phrases varias, pacotilhas ou mercadorias.

Mais longe, um arabe, em *djellaba* violeta, allivia dos seus saccos um camello de albarda, ajoelhado em meio do caminho.

No unico terraço do café do lugar, o commandante Perdriel e Montagnac, o recebedor dos correios, saboreiam, conversando, o apperitivo quotidiano.

Passa e saúda-os um *spahi* senegalez.

— Bom dia, Ahmed! — exclama o commandante, que, mão grado o calor, dá-se ao trabalho de levantar-se e estender a mão ao soldado negro, com grande espanto do funccionario postal.

— E' meu irmão collaço, — explica o official, quando o *spahi* se afastou.

— Seu irmão collaço, meu commandante? Mas acreditei sempre que só tivesse vindo para as colonias com vinte e cinco annos!

— E não lhe digo o contrario, — replicou Perdriel, franzindo de rugas maliciosas o rosto trigueiro.

— Teve, então, em França, uma ama de leite de côr?

— Absolutamente.

— E então?

— Vae comprehender. Além disso, a historia merece, talvez, ser contada:

"Em 1901, eu fazia parte, como simples tenente, da columna Mercier, encarregada de perseguir e de castigar uma tribu de mouros rapineiros cujas incursões em nosso territorio se tornavam intoleraveis.

Por occasião de um reconhecimento, tombei numa emboscada; meus companheiros, doze atiradores, um cabo indigena e um sargento francez, foram massacrados. Os mouros pouparam-me e conduziram-me, devidamente ligado por cordas, ás costas de um *méhari*, a um dos seus refugios, uma antiga feitoria meio arruinada. Acreditei, primeiro, que me guardassem como refem para entregarem-me mediante pesado resgate; mas, logo depois, comprehendi que estava condemnado a ser sepultado vivo.

"O que, por mais de cem horas, soffri de fome e sobretudo de sêde na cellula de pedra que me destinaram como tumba, é inenarravel e deixo que o imagine.

Para impedirem-me de morrer muito depressa e para poderem gozar de meus soffrimentos, tinham deixado num dos muros uma estreita abertura gradeada. De dia, caras diversas, verdadeiras caretas humanas, ahi se collavam, e vomitavam sobre mim a injuria ou o sarcasmo.

A' noite, de cinco em cinco minutos, as trevas occultavam a sombra da sentinella que me guardava.

No quinto dia de captiveiro, pela manhã, uma joven negra ergueu á altura do buraco, com o auxilio dos braços, seu filhinho, para mostrar-lhe a agonia do prisioneiro.

O negrinho agarrou-se ás grades; escapou-se-lhe, então, das mãosinhas, uma grosseira boneca de páo, talhada a faca, fortemente pintada de azul e vermelho.

Ao vêr o brinquedo cahido no meu antro e perdido para sempre, o macaquinho lançou gritos estridentes, testemunho de um inconsolavel desespero.

Eu estava deitado nas lages da prisão, tiritando de febre e torturado de dores lancinantes na cabeça, no ventre, nos rins; parecia ter o corpo lambido por linguas de fogo. Todavia, movido por um sentimento de piedade que não posso até hoje explicar ainda, arrastei-me em direcção á rustica boneca e, reunindo minhas ultimas forças, agarrei-a com mãos tremulas e arrojei-a para o lado de fóra.

—

O negrinho gritou de alegria; a mão, depois de ter apanhado o brinquedo, veiu, mostrar-me através a grade um rosto escuro, suavizado pela gratidão e pela piedade.

Na noite seguinte, exhalava meus ultimos sopros de vida, mergulhado num canto sombrio de meu tumulo. Lambia, ás vezes, as pedras da muralha para tentar, debalde, refrescar a lingua ardente e secca.

A lua, brilhante em todo o seu esplendor, illuminava o recinto em que eu jazia e parecia tecer-me um sudario de luz.

Subitamente, uma sensação de humidade na fronte reanimou-me. Uma gotta de um liquido qualquer rolava-me sobre o rosto. Deslisou ao longo da face e, como estivesse deitado de lado, veio humedecer-me a bocca. Sorvi-a avidamente. Era fresca e assucarada. Uma outra, e mais outra, uma outra ainda, um filete corria em cima de mim. Resuscitei, ergui-me, examinei, ás apalpadellas, a muralha. Um canudo de palha atravessava-a, e, desse fragil conducto, sahia o liquido salvador. Collei os labios ao tubosinho e aspirei-o a longos tragos. Tanto quanto pude julgar em minha perturbação deliciosa, deveria ser leite o que me chegava deste modo.

Não sei a quantidade que me foi dispensada na occasião, mas, muito fraco ainda, foi o sufficiente para dar-me alguma força.

Muito tempo depois de estancada a fontesinha milagrosa, eu ainda sugava o canudo. Duas vezes, durante a noite, com longos intervallos, voltou o filete assucarado a humedecer-me os labios e a fazer-me reviver.

O pedacinho de palha foi retirado pela madrugada e, pelo imperceptivel furo que o contivera, infiltrou-se um raio de luz.

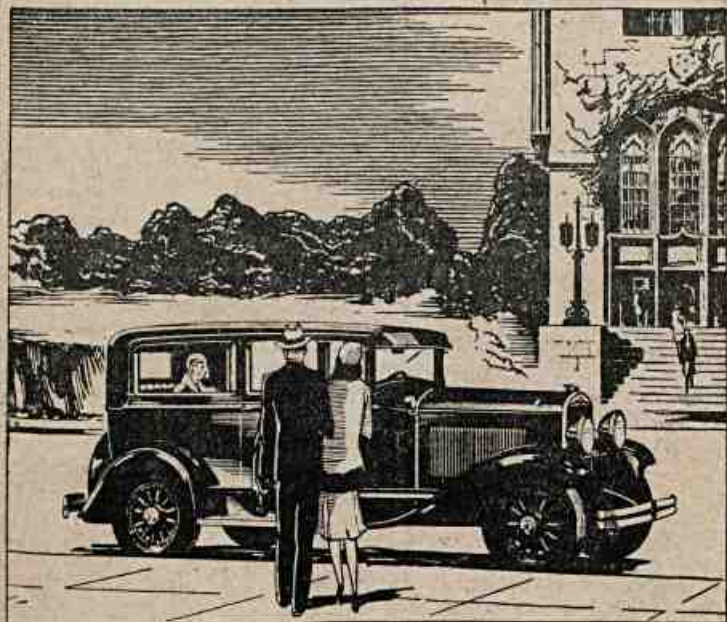
Com receio que viessem a descobrir o que me tinha salvo, fingi, durante todo o dia, achar-me tão prostrado como na vespera.

Uma noite ainda, por tres vezes, renovou-se o milagre.

E um outro milagre, decisivo agora, succedeu-lhe. Os francezes apoderaram-se, de surpresa, do campo dos mouros. Mataram ou expulsaram os beduinos e depois, guiados pela joven ama de leite negra, vieram salvar-me.

Soube, então, que Leila tinha, com perigo de vida e por aquelle meio engenhoso, feito o pobre prisioneiro partilhar do leite de seu filho.

Tomei a meu serviço a minha salvadora e quando elle se fez homem, o pequeno Ahmed, engajei-o no meu regimento.

CONQUISTANDO
A ADMIRAÇÃO DO MUNDO INTEIRO

Sob todos os pontos de vista de qualidade provada, precisão de manufactura, tamanho, estylo, luxo, marcha commoda e funccionamento excellente, o Chrysler "66" é, sem duvida alguma, o carro de seis cylindros de maior valor intrinseco que existe na actualidade. É um automovel desenhado e construido estrictamente de accordo com as melhores tradições da Chrysler e com caracteristicas modernas como: força desenvolvida por alta compressão; virabrequim de sete mancaes de sobremedida; carter ventilado; lubrificação por pressão; bomba de gasolina de acção positiva; motor montado sobre borracha; freios hydraulicos nas quatro rodas, de expansão interna e que não são affectados pela intemperies. Uma viagem de experiencia é uma prova convincente.

CHRYSLER "66"

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Visite nossa exposição na :

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S/A

AV. RIO BRANCO, 247

OFFICINAS: RUA DOS INVALIDOS, 123 - RIO

A POMBA DE OURO

DE JULIO ARAMBURU

PEDRO URDIMAL é um curioso personagem de lenda, creado pela fantasia do espirito popular. Tem no prestigio natural de seu talento o sentimento poderoso da ironia humana e o caracter recreativo da acção. Seu temperamento vivaz e travesso levava o predestino triumphal do arrojo e da sorte. Errante e nobre amigo, amava sem maldade nem ambição a mentira pueril, o humorismo agudo e o doloroso castigo da troça.

Em suas celebres apostas de interesse e aventura, a audacia de suas idéas conseguia sempre a segura realidade do exito. Sua existencia cómica e dramatica suavizou a tristeza de soledade nocturna, as horas do aborrecimento e do cansaço. Os grotescos episodios de sua historia avivaram o espirito da gente, a virtude da obediencia, o regosijo infantil e o culto da coragem e do sacrificio. Quando queria alguma coisa difficil e necessaria, ideava planos de victoria mais risonhos e efficazes. Por isso, vamos apagar a luz do tempo, projectando na tela imaginaria da narrativa a cinematographica acção de suas façanhas.

Entre as grandes travessuras de seu engenho está o fantastico conto da pomba de ouro. O recurso de sua astucia foi curioso e pittoresco, e a victima de sua penna um innocente sacerdote.

Na tarde do acontecimento, Pedro Urdimal, vencido pela fadiga, caminhava pelo campo em direcção ao povoado. Tinha necessidade de dinheiro e estava orphão de toda protecção. Que fazer para salvar a longa viagem e proporcionar a si mesmo um recurso monetario? A resposta era sombria e o remedio impossivel.

No emtanto, sua imaginação ardente começa a trabalhar. Continuava a marcha, torturado pela incerta salvação da esperança. De repente, a casualidade do milagre appareceu no caminho. O velho cura da egreja rural avançava a trote montando um gordo cavallo alazão. Ao vêl-o, uma idéa luminosa lhe atravessa a mente. Urdimal não vacilla: apanha uma folha qualquer e, tirando o chapéo, a cobre com gestos de quem fez uma captura prodigiosa.

O cura aproxima-se, chega ao logar do episodio, e, ao observar a incommoda attitude do caminhante lhe pergunta:

— Que fazes ahi, meu filho?

— Acabo de pegar uma pomba de ouro.

— E' um caçador?

— Não, senhor cura. E por isso tenho medo que me escape.

— Está viva?

— Sim, padre.

— Então, será facil vêl-a?

— Impossivel. E' arisca, tem uma força poderosa e é o unico exemplar que existe na comarca.

— Será a pomba eucharistica?

— Possivelmente...

— Bem. Eu ta compro. Queres?

— Não posso, reverendo. Estas aves são uma fortuna do céo.

O cura, suggestionado pela curiosidade e pelo interesse do maravilhoso achado, se apeia do cavallo. Observa com doçura o raro individuo e medita na efficácia de uma proposta. A áurea presa era um thesouro, e elle devia conquistal-a. Então, Urdimal, que preparava sua investida, lhe diz, humildemente:

— Veja, senhor cura. Poderia vossa reverendissima fazer-me um grande favor?

— Com muito prazer, filho. Pede o que quizeres.

— Bem, padre. Resolvi vender-lhe a pomba. De qualquer maneira, eu não preciso della. Sou tão pobre e, alem disso, tão resignado...

— Obrigado, meu filho. Farás um grande bem a teus semelhantes. Quanto vale o achado?

— O preço é o menos, padre. Antes, ajude-me a caçal-a.

— De que forma, si já está prisioneira?

— Simplesmente, assim: vossa reverendissima aperte bem as abas do chapéo até que eu vá buscar uma gaiola no primeiro rancho que encontre no caminho.

— Bem pensado, meu filho. Vae tranquillo, que de minhas mãos ella não escapará.

— Mas, nesse caso, é preciso agir com rapidez, senhor cura. Não lhe parece que, si eu fôr a pé, demorarei muito tempo e a pomba póde morrer asphyxiada?

— Tens razão. Que podemos fazer?

— Emprestar-me seu cavallo um momentinho.

— Como não?! Podes utilizal-o com confiança. E' muito manso o pobrezinho.

— Bem, padre. Muito obrigado. Vou e já volto...

Pedro Urdimal, deante da evidencia do triumpho, cede a guarda da valiosa reliquia e monta o cavallo do padre. Esporeia o animal, açoita-o, e o cavallo sáe como uma exhalação. Agora elle chegará depressa ao povoado, onde venderia o animal e os arreios, e seu bolso se encheria de dinheiro. Os recursos de sua astucia davam, afinal, o negocio apetecido.

Entretanto, as horas passavam, e o cura, solitario, começava a suspeitar a malicia de um engano. O desconhecido viajante não regressava com a gaiola nem o cavallo, e a noite se avizinhava. No emtanto, ainda com alguma fé o pastor de almas levanta um pouquinho a aba do chapéo, quer olhar a formosa pomba, mas um vago temor o desconcerta. A ave sagrada poderia escapar, e a Egreja ficaria sem seu tributo. Era melhor esperar... Ao chegar a noite, o créduio sacerdote perde a paciencia. A soledade da região era um perigo, e convinha afastar-se até o povoado. Então, já resolvido a tudo, introduz os dedos sob o chapéo e procura agarrar com violencia a avesinha. A acção resultou inutil e tardia, porque sua branca mão se crava em um cacto espinhoso e aggressivo. Amargo desengano por ter acreditado na generosa palavra do desconhecido! Agora tinha que caminhar a pé pelos escuros caminhos, sem cavallo e sem pomba. Emquanto que, no povoado, Urdimal ria, recordando as blasphemias do innocente religioso castigado.

Maneiras de dominar

CECY era a perfeita moça dos nossos dias: bella, alegre e "melindrosa". Morando na Tijuca e frequentando o club do mesmo nome, era ahi uma das jovens mais requestadas e a maior *torcedora* dos seus jogos sportivos.

Um dia, Cecy conheceu Alfredo, um rapagão alto, forte, figura necessaria e conhecida em todos os sports.

A moça julgou ter encontrado o ideal.

Arranjando convite para Alfredo nas festas dançantes em que ia, elevou-o á categoria de seu unico par.

Os outros rapazes sentiram com tristeza aquelle procedimento de Cecy.

A joven, porém, não se achava satisfeita; desejava que Alfredo passasse a jogar "voley-ball" pelo Tijuca. Elle, no emtanto, lhe disséra que por nada sahiria do Internacional e ainda mais exigia que ella torcesse por este club.

A tal imposição, Cecy sorriu, com desprezo.

No primeiro encontro de "voley-ball" a dos dois clubs rivaes, Alfredo estava em campo e Cecy, emocionada, gritava pela victoria do Tijuca.

Ao terminar o jogo, o rapaz, indignado, veiu ao encontro della, dizendo:

— Parece uma provocação. Como póde desejar que o club pelo qual eu jogo perca?

— Alfredo, você, como homem, conseguiu dominar meu coração, mas jamais abafará o enthusiasmo que sinto pelo Tijuca.

— Pois, si insistires nisso, está tudo acabado entre nós.

Chegou o dia do segundo encontro.

As archibancadas e as cadeiras regorgitavam de gente; as salas estavam repletas, pois, após o jogo, haveria danças.

Começou o embate; logo Cecy se sentiu animar e *torceu* com todo o enthusiasmo pelo club de sua predilecção.

Quando começaram as danças e os pares volteavam alegres pelo rink, Alfredo, de volta do vestiario, passou por ella como se não a conhecesse.

de Walter Sequeira

Sem parecer zangada, a joven demonstrou aos outros rapazes que voltava á vida antiga. Isto é, todos poderiam tiral-a para dançar.

Alfredo, a um canto, continuava indifferente.

Cecy arranjou como par um rapaz muito amavel, conhecido como galanteador e, quando passava junto do ex-namorado, fazia uns requebros de olhos para o par, como si o *flirtasse*.

Alfredo, em dado momento, não mais resistiu. Dirigiu-se a Cecy e disse-lhe, imperiosamente:

— Vamos dançar!

Ella acceitou com um olhar de menina amedrontada.

As pessôas que estavam perto revoltaram-se ante o modo do rapaz.

— Pensei que não me quizesse tirar — disse ella, com voz vacillante.

Elle tornou, brusco:

— Desejei-o agora e não quero que dance mais com outro.

E ella, sempre tremula:

— Pois sim.

— E' preciso que saiba: é minha... Ouviu?... E' minha!

— De certo.

— Exijo que só a mim dediques amor.

— Toda a minha vida é tua.

— Está bem; é isso mesmo.

Depois, ella, hesitando, fez um pedido, e elle aquiesceu.

Quando acabaram de dançar, afastaram-se um do outro, por alguns instantes.

Um amigo de Alfredo, que conseguira ouvir as palavras delle, aproximou-se.

— Você é interessante! Como póde proceder assim com uma joven?

Elle respondeu, orgulhoso:

— Ah meu caro, sei como tratar as pequenas. Não peço, mando, e ellas fazem tudo o que eu quero.

E emquanto isso uma joven dizia a Cecy:

— O teu namorado é bruto!...

— Gosto de ser tratada desta maneira. Elle, o athleta, parece dominar-me; mas...

— Mas o que?...

E Cecy terminou, com um sorriso significativo:

— Vae deixar o Internacional e jogar pelo Tijuca.

Os "mujiks" e os seus costumes

De W. Fallon

DE que meios nos devemos valer para conhecer a idiosincrasia de um povo? São necessarios varios annos de vida em contacto com elle; é necessario conhecer as suas alegrias e as suas desgraças; sentir as suas necessidades e as suas aspirações, as suas formas de agir e reagir, deante das mais diversas circumstancias da vida. Em summa, para se conhecer um povo, como para se conhecer um individuo, é necessario comer um pucaro de sal com elle — diz um proverbio russo.

Um pucaro é um *pud*. E um *pud* equivale a quarenta libras. A referida sentença significa: Para se conhecer alguem a fundo, é necessario viver com elle, pelo menos o tempo sufficiente para se gastar, normalmente, um *pud* de sal, isto é, uma temporada sufficientemente prolongada, si se tiver em conta que, na Russia, o sal é um producto quasi de luxo e usado com grande economia.

Na patria de Lenine, pão e sal são symbolos de bem estar e de futuro radioso.

A esse respeito, existe um conto saboroso, muito conhecido em todas as Russias, e no qual o autor assiste ao funeral do unico filho de uma velha camponeza. A pobre mãe, em que pese á grande dôr que a sacode dos pés á cabeça, se esforça, chorando, para engulir a ultima colher de sopa que retira do fogo. O autor se aproxima della, que lhe diz: "E' necessario que a coma, porque já lhe deitei o sal".

Essa velha podia parecer avara, egoista, estupida, pelo menos ridicula; mas quem conhece os *mujiks*, as suas condições de vida, as suas tradições, os seus costumes, sabe que para a pobre mulher seria um peccado grave desperdiçar uma sopa com sal, mesmo num momento de dôr profunda.

Então, fazendo grandes esforços, ella a ingére com as suas lagrimas.

Atravez da literatura nacional, e, por influencia, na estrangeira, o *mujik* russo apparece retratado de perfis singulares, tragico, hysterico, epileptico, criminoso, rebelde, ou exaggeradamente bom, religioso, submisso, resignado; porém, bom e mau, sempre estará ébrio perdido.

Productos de mais ou menos livre fantasia dos autores dispostos a crear typos, "typos impressionantes", elles os fazem para uso das paginas dos seus contos e novellas.

Ainda com menos probabilidades, podemos imaginar como é o aspecto de um camponez russo, si tomarmos como modelo a pintura ou os espectaculos russos.

Para um verdadeiro artista, a verdade serve unica e exclusivamente como ponto de partida: o resto é feito pelo seu genio inventivo.

Nunca existiu um typo unico de *mujik*, ou um modelo de russo.

Um camponez russo? De onde vem elle? De que parte da Russia? Da Siberia, com os seus *taigas* — extensas selvas sem fim e os seus nove mezes de inverno?

Da Ukrania florida, com a sua terra negra e fértil, por excellencia? Dos lagos? Dos rios infinitos ou dos mares? Ou da paludica Bieloviégskaia Pusc'cia, de onde vem o monstro repugnante do *koltun* — a mais horrenda enfermidade do cabello?

Extraordinario para nós outros, isto é, aquillo que é vulgar para um francez, um hespanhol ou inglez, que em suas respectivas patrias se entrecruzam, a cada momento, com um compatriota, que fala distincto dialecto, é que na antiga Russia dos czares, fóra da Ukrania, todos falam a mesma lingua, com pequenas variantes na accentuação. Mas como são distinctos os caracteres e costumes! O camponez siberiano jamais conheceu a escravidão; nunca se submetteu aos rudes trabalhos da terra. Vive nas proximidades das *taigas* e sobretudo é um caçador de primeira ordem. Apenas cultiva a terra e não sente nenhum amor por ella, que é rebelde e fria. Ainda mesmo nos dias mais quentes do verão está gelada com dez centimetros de profundidade. Ali, durante a breve primavera e com um milagre da natureza, as hervas e os arbustos altos e profusos cobrem os esteppes do Minussin. Os *mujiks* são boiadeiros e levam gado e leite ás cidades. Durante o inverno são obrigados a vender leite aos pedaços, porque este fica gelado com o frio intenso.

A 40 e 50 gráos abaixo de zéro, o seu caracter deve ter rasgos especiaes. Forçosamente. E' taciturno, pouco amigo de falar. Circumscripto a si mesmo, evita as companhias; é desconfiado de todos e de tudo, porque está habituado a surpresas. A sua indumentaria é singular. O principal é que seja quente. Quasi sempre está coberto de pelles. O seu trabalho é rude; a sua vida mais rude ainda e, portanto, deve beber muito *vodka* e muito chá, pois o alcool e o chá possuem a virtude especial para aquentar as entranhas.

* * *

A antithese desses individuos encontramos nos *mujiks* do meio dia, que adoram as suas terras ferteis e vivem unicamente dos productos dellas.

Durante os tres mezes de inverno, elle se póde dar ao luxo de ficar sentado a poucos passos da grande *pecka*, a enorme estufa que quasi occupa mais da metade da habitação principal dos lares campesinos. Póde descançar, porque semeou a terra desde os primeiros dias da primavera.

A' noite, elles se reunem nas suas salinhas decoradas com bom gosto. Ahi as mulheres tecem e bordam, ou cantam e bailam. Ao passo que nas provincias centraes, onde o *mujik* não vive exclusivamente dos productos da terra, o homem deve procurar outros trabalhos, que os frios de inverno permittem.

* * *

Os grandes centros estão completamente apartados; a terra tem aspecto pardacento, é rebelde ao arado. Que fazer então? E' quando o *mujik* pronuncia aquella palavra russa *nitcevo*, na qual a literatura estrangeira quiz resumir todo o fatalismo resignado dos escravos. E bebe o *vadka* para esquecer a miseria.

Um dos costumes mais extraordinarios que existiam e talvez ainda existam na Russia, entre os *mujiks*, era o de abandonar as suas familias e as suas occupações diarias em um dia determinado do anno, para visitar todos os logares santos do paiz.

Os que se propunham realizar tão mystica evocação, se trajavam de negro, um gorro de astrakan ou um simples lenço á cabeça, e toma-

Conquistar-me?
use
PETROLEO
LAMBERT
Evita a caspa, calvice
e faz nascer cabello

RENUNCIA

DE CYRINO VAZ

QUANDO Martha o encontrou, numa das voltas imprevistas da trajectoria da sua vida, já a desgraça lhe tinha deixado no rosto os seus vestigios denunciadores: um rictus de amargura nos cantos da bocca; uma ruga funda ao longo da testa ampla e viril; e nos olhos verde-claros essa expressão de profunda tristeza dos que penetraram no intimo sentido, doloroso, da vida!

Havia na sua physionomia essa expressão de completo desprendimento dos que já têm uma razão de ser; dos que falharam na sua aspiração; dos que foram profundamente attingidos no seu sonho...

A' força de desillusões e de soffrimentos, elle conseguira, então, fazer de sua alma como um lago, não crystallino, transparente, alegre, mas sereno, tranquillo, espelhando, apenas, á superficie, os accidentes exteriores... sem uma crispação! E ia seguindo, altivo e indifferente, ao sabor dos acontecimentos... Nada desejava. Não esperava nada.

Martha era ingenua e era romantica.

Ingenua, Martha ainda não sabia combinar as linhas superficiaes da physionomia com as linhas immateriaes, invisiveis, do caracter; por isso, não viu a altivez que animava os seus traços de grande soffredor.

Romantica, como não soubesse o que havia de doloroso no seu passado, Martha pôz-se a imaginar mil coisas dolorosas: talvez a morte de um ente querido, uma dessas mortes que deixam uma saudade pungente e inextinguivel; talvez uma falha, um erro, um desses erros que inutilizam toda uma existencia; ou talvez uma desillusão, uma dessas desillusões, cuja recordação abate e esmaga as novas esperanças...

Como era um homem moço ainda, Martha condoeu-se delle... E amou-o.

E quiz, talvez, tentando despertar-lhe doces reminiscencias, chamál-o novamente á vida. E falou:

— Quando eras pequeno, e a tua mãe sonhava para ti as honras de um rei, as glorias de um artista, as riquezas de um Creso, nunca te contaram a historia de um suave Rabbi da Galiléa?

Elle comprehendeu-a, e, desprendendo os labios num sorriso de incredulidade:

— Eu não creio nos deuses...

Martha, porém, não desanimou. E disse:

— Tens o aspecto, na tua attitude parada, estatica, em face das cousas, de quem o muito soffrer poz á margem da vida. Volta. Procura a vida na vida, e esquecerás. E' tão delicioso viver! Não sentes e não vês, na canção viva das vagas que se vão abater de encontro aos rochedos; na canção festiva das fontes, cujo leito quasi sempre é aspero e tortuoso; no desabrochar destas flores para a duração de um instante; neste sol que tudo aquece e tudo doira — não sentes e não vês, vibrando em tudo, a alegria pela suprema graça de viver?!

Elle achou-a horrivelmente burgueza nesse hymno de elogio á vida, e, num sorriso de superioridade:

— Eu não creio na Vida...

Então, acariciando-lhe as mãos fortes e serenas, — que, por certo, nunca se tinham unido para uma prece, ou para um gesto de fraqueza, — Martha tentou um ultimo recurso, e fez a sua confissão suprema:

— Ama-me. Eu dar-te-ei um amor immenso como o infinito dos espaços e forte como a verdade. Um amor que fará empallidecer a gloria das grandes amorosas, das Julietas, das Heloisas... Mas nada temas. Um grande amor que não te trará, como os grandes amores, grandes tormentos e fundas amarguras: entrará na tua alma com a suavidade de uma caricia de arminho, e entrará para a tua existencia tão suavemente como o deslizar de um cysne sobre um lago... Ama-me! Eu te darei um amor que dissipará essa expressão triste, lembrando paizagens mortas, lagos parados, que ha no fundo dos teus olhos claros; e que apagará esse vinculo de dor e de revolta, que um destino máu poz nos cantos da tua bocca expressiva e na tua fronte viril. Ama-me, si queres viver e esquecer!

Ella não sabia que a sua longa experiencia, vinda de um passado intenso e doloroso, já não lhe permittia crer nos deuses, crer na vida, crer no amor...

Por isso, olhou-a com immensa piedade, e, depois, abanou altivamente a cabeça... em signal de resposta.

Então, Martha, comprehendendo que era impotente para vencêl-o — num vago presentimento de que não estava á sua altura — olhou-o uma ultima vez, e, uma ultima vez, acariciou-lhe as mãos fortes e serenas... E partiu.

Elle conservou-se impassivel... Sem uma palavra... Sem um gesto...

OS "MUJIKS" E OS SEUS COSTUMES

(Conclusão)

vam um bastão. Iam, então, a pé, pelas margens das estradas de ferro, que elles miravam com pezar.

Deste modo se convertiam em "straniki"; homem e mulheres, velhos e creanças se sentiam infinitamente felizes, quando entravam nessas caravanas.

O "strannik" era aquelle sujeito que passava a sua vida rodando pelos povoados, campos e cidades.

Houve um tempo em que este costume era exercido com orgulho.

A respeito de mulher, sempre desempenhou um papel secundario. Os trabalhos manuaes e domesticos são as suas unicas fontes de renda. As qualidades que ornam a mulher do mujik se julgam pelos bordados que fazem para si e os seus esposos.

As jovens adornam os cabellos com fitas, e a coqueteria das casadas — as que apparecem em publico com a cabeça descoberta é sem vergonha — é tal, que sabem fazer maravilhosas tocas, dignas de rainhas. Os bons costumes desse tempo, agora só podem ser admirados nos museus das grandes cidades, por traz das vitrines.

Recordações das épocas que se foram.

A mocidade é uma só - e esta mesmo póde ser abreviada pelos estragos da saude.

*D*efender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até á velhice.

A fonte perenne de conservação para o sexo feminino em todas as phases da vida é

"A SAUDE DA MULHER"

Favorece as Mocinhas,

porque normalisa o apparecimento das regras tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.

Favorece as Senhoras,

porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.

Favorece as Senhoras mais edosas,

porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 36

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1930

A arte de envelhecer

SABER envelhecer é a mais difficil arte da vida. Por isso mesmo, a mulher que cultiva a impaciencia, raramente se conforma com a velhice.

O primeiro cabello branco constitue, para a mulher, o preludio da grande tragedia dos seus dias.

Eva, deante do espelho, ao descobrir o primeiro *fio de prata*, não sabe disfarçar o seu espanto, e treme da cabeça aos pés.

Anseia e desespera.

Como que adivinha a proxima parada do coração para as lutas gloriosas do amor.

Olha para a arvore da vida e nella não encontra o pomo de oiro, a mocidade, para offerecel-o ao peregrino que passa...

E porque tem nervos, e porque não pode dominal-os, vinga-se atirando o espelho ao sólo.

A sua alma se desfaz em pedaços...

O sonho de felicidade da mulher se reflecte na imagem dos espelhos.

....

O homem, ao contrario, tem a resignada coragem do soffrimento e forja os seus nervos em aço.

Por isso não se espanta, nem se apavora, ao descobrir o primeiro cabello branco.

"Os primeiros cabellos brancos não são, na vida dum homem, o primeiro rebate da velhice — e, nem sequer, ás vezes, o ultimo clarão da mocidade", como escreveu Augusto de Castro, filigranista do sentimento.

E continúa: — "O primeiro cabello branco é, na maturidade dum homem, uma coisa semelhante ao nascimento do primeiro dente, na infancia; annuncia-lhe o desabrochar e o prazer duma aptidão. Diz-lhe, muito serenamente: homem, repara para a vida, porque estás agora apto a conhecel-a — como o primeiro dente diz á criança: prepara-te para comer, porque vaes começar a mastigar.

Effectivamente, é nesta altura que nós homens começamos a mastigar a vida. Até esta idade, emquanto o primeiro cabello branco não chega, devoramos, engulimos tudo que em torno de nós a existencia offerece de bello, de doce e amavel. A mocidade é a soffreguidão — e a soffreguidão não conhece o prazer calmo de saborear."

Ahi está...

Quando a mulher descobre o primeiro cabello branco, desespera, pensando talvez que vae perder os dentes...

O homem, ao contrario, sente-se mais apto para mastigar a vida...

Na posse plena do equilibrio dos nervos, experimenta o prazer calmo de saborear esse divino pomo que é a bocca de Eva.

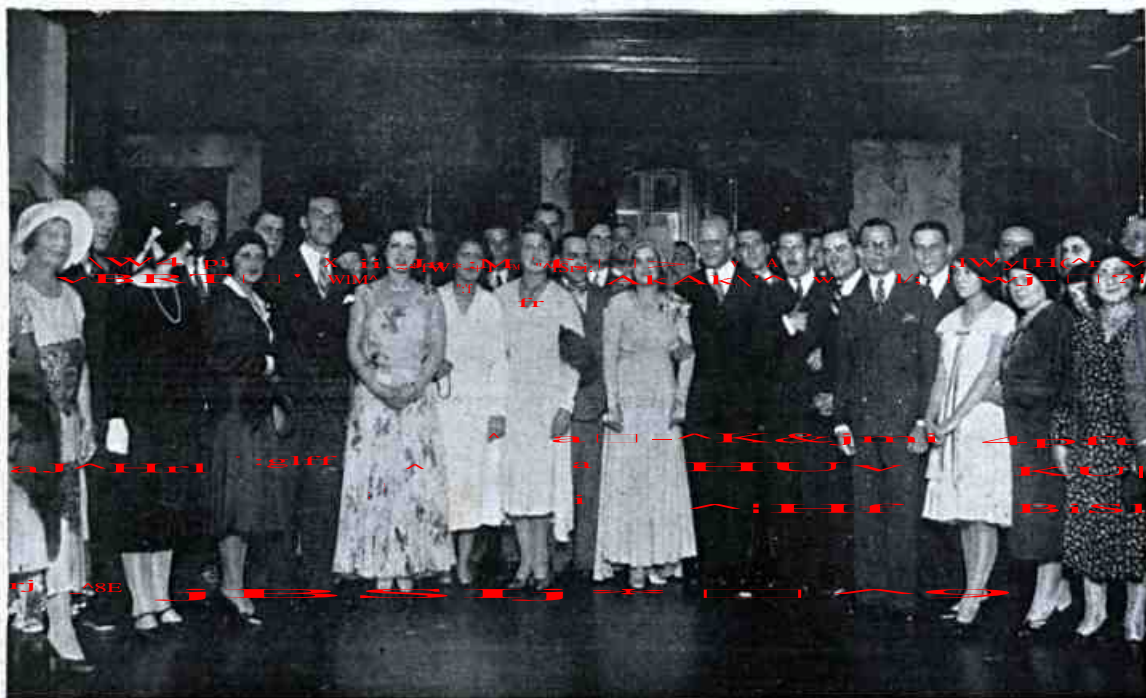
Morder labios é, tambem, uma arte difficil, que só o tempo ensina...

Saber envelhecer!

A velhice é o mais pesado imposto da vida.

Devemos pagar o nosso tributo com elegancia, sorrindo.

E, não sabendo envelhecer, então, é preferivel morrer...

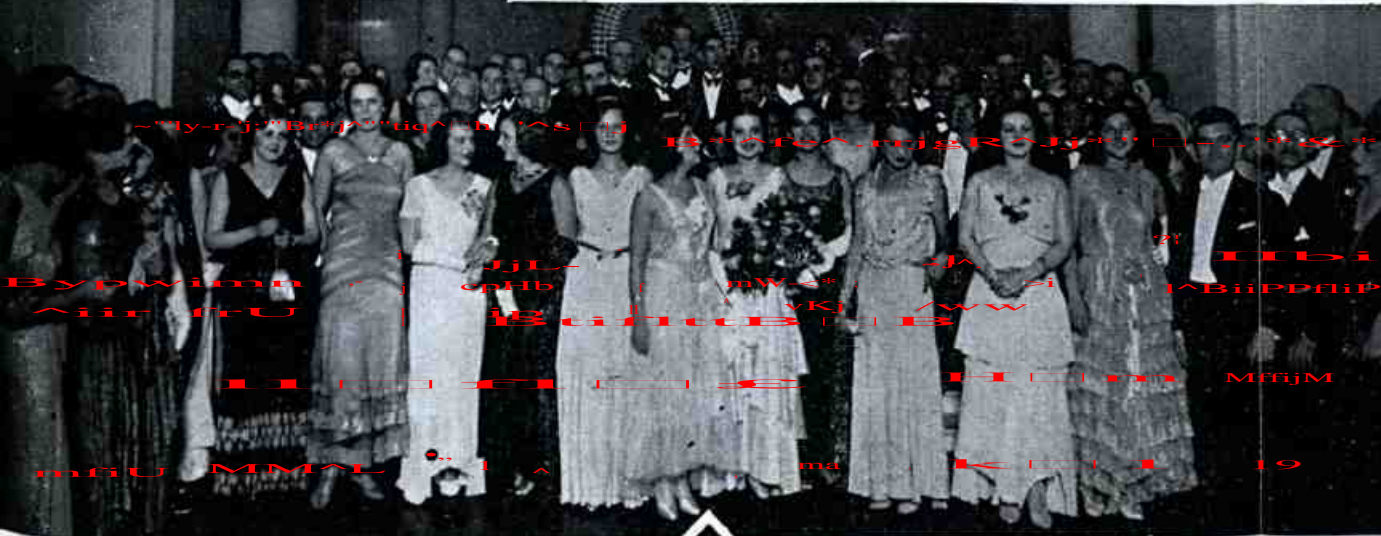
MARIO POPPE

Nos salões do Country Club, a Camara de Commercio Americana para o Brasil offereceu ás jovens que disputam o titulo de «Miss Universo» uma recepção, que resultou num brilhante acontecimento mundano. A nossa gravura offerece dois expressivos flagrantes dessa encantadora festa de belleza e bom gosto.

FILIGRANAS

Lou tems que se refreio e la mar
[que salivo
tout me dis que Viver es arriba ver
[lieu
e que fau, léu e léu, acampa mis
[oulivo
e n'oufri l'oil vierge á l'autar dou
[bon Dieu.

Estes lindos versos em provençal, postos pelo grande poeta das *Olivades* no portico de seu livro, significam isto: "O tempo que esfria e o mar que espuma, tudo me diz que o inverno para mim chegou e que é preciso, sem demora, que eu esmague minhas azeitonas e offereça o oleo virgem ao altar do Senhor.

Feliz Mistral que tinha azeitonas de onde extrahir o oleo virgem dessa oblata. Nem a todos é dado poder apresentar-se de mãos cheias perante o altar de Deus, quando o inverno lhes chega com o tempo que esfria e o mar que espuma...

Os salões sumptuosos do Automovel Club do Brasil esplenderam rutilantemente por occasião da «soirée» dançante de 28 de agosto ultimo. As «misses» estrangeiras actualmente nesta capital, convidadas pela directoria da fidalga sociedade, compareceram a essa festa do programma azul, distribuido em abril pelos drs. Carlos Guinle e Nelson Pinto. Foi o bastante para que a «soirée» commum se transformasse num baile, que deslumbrou pela alegria reinante e pelo numero de pessoas que se movimentaram dentro daquelle ambiente luminoso, onde as bellezas de [illegible] ao lado da belleza tropical das nossas patricias.

Balcão Florido

ARVORES GLORIOSAS

O tufão que se desencadeou sobre a cidade, ha cinco dias, deixou, aqui e ali, gloriosamente mutiladas, muitas das lindas arvores que meus olhos embevecidos nunca se cançavam de contemplar.

Porque ellas — as arvores amigas e bôas — com o sorriso verde das suas frondes altaneiras, erguidas para o céo, como uma prece votiva em que a terra rendesse graças ao seu creador pelo mysterio concepcional de suas entranhas fecundas, sempre fizeram a festa de deslumbramento de meus olhos, habituados a saudal-as, enternecidamente, todas as manhãs, quando desço para a cidade, todas as tardes quando, após o trabalho de todos os dias, me recolho ao meu quarto de solitario, lá, num trecho quieto da linda praia de Botafogo.

Terça-feira, bem cedo ainda, já me trabalhava a ansia de revel-as depois da dança fantastica, do bailado de tortura a que o tufão impiedoso, a uivar, a uivar, as submettera, vergando-lhes os caules erectos, agitando-lhes as copas verdejantes, violentando-lhes as raizes profundas...

E revi-as, logo mais, muitas a apresentarem suas gloriosas cicatrizes de mutiladas pela furia do vendaval impiedoso...

Minhas pobres arvores amigas — preces verdes da terra, vestaes silenciosas de longos braços agazalhadores erguidos para o céo azul — como senti comvosco a dor e a angustia da vossa inclemente mutilação, da vossa gloria de sacrificadas em holocausto ao delirio iconoclasta do vento em desvairo, desse mesmo vento que dá rythmo e cadencia á canção, em surdina, das vossas frondes farfalhantes!

Minhas pobres arvores amigas — suaves e cariciosos refugios, a cuja sombra, tantas, tantas vezes tenho encontrado a alegria dos olhos deslumbrados com que, criança, fazieis, lá, no meu Ceará distante, a festa do encantamento do coração do garoto que, homem, depois, mais ainda vos soube amar, porque melhor vos comprehendeu e melhor adivinhou o mysterio verde do vosso recolhimento, da vossa quietude cheia de sombras e de ninhos, da vossa fecundação a rebentar em flores, a amadurecer em fructos...

Bemditas sejaes, agora e sempre, na dor que vos mutila como na alegria com que aqueceis ao sol esplendente dos tropicos vossas comas verdes e altaneiras...

Bemditas sejaes sempre, na angustia com que vos curvaes como na exaltação pagã com que cantaes o hymno de amor e de paz da vossa benção sobre a terra fecunda, e sobre os passaros, e sobre os homens...

HELIANTHO.

A poetisa Hyldeth Favilla, cujo nome já se tornou conhecido em nossos meios literarios, acaba de ter uma iniciativa louvavel: — a semana do autor. Essa iniciativa consiste na protecção, ou antes, na defesa do livro brasileiro que, não encontrando a sympathia dos livreiros, poderá ser vendido pelo proprio autor, em determinadas casas commerciaes. A poetisa Favilla já vendeu o seu poema «Sarabanda illuminada», fazendo reverter o resultado, integralmente, em favor do Hospital Infantil.

Uma data de muita alegria para o «Fon-Fon»

O nosso querido director, sr. Sergio Silva teve, na manhã de terça-feira ultima, ao entrar nesta redacção, uma surpresa que o fez sorrir commovido: todo o *Fon-Fon* estava transformado num jardim. Cravos, rosas, hortensias, violetas sobre as bancas, sobre os *bureaux*, sobre as estantes. Toda a casa tinha um sorriso florido e perfumado.

Nessa occasião foi que o nosso prezado chefe se recordou de que era o dia do seu anniversario.

Aos que o iam abraçar, elle notava com disfarçada melancolia: "Mas isso não é um motivo para alegria. Um anniversario é mais um dia de velhice"...

No emtanto, o nosso distincto amigo e mentor, nos destinos deste semanario, realiza o milagre da juventude: parece não envelhecer.

O retrato de Sergio Silva inaugurado, terça-feira pela manhã, na redacção do FON - FON

*

Os seus amigos e auxiliares lhe testemunharam, de modo carinhoso, o quanto, nesta casa, todos o admiram e estimam: — na sala da nossa redacção, entre os retratos de Gasparoni e Fogliani, — os fundadores do *Fon-Fon* — foi inaugurado o do sr. Sergio Silva.

Gustavo Barrozo, o director-redactor-chefe de *Fon-Fon* foi quem falou em nome dos nossos companheiros.

Demos-lhe a palavra.

Pois a sua oração, embora simples, sincera, como requeria o ambiente de cordialidade em que nos achavamos, diz muito bem da personalidade do nosso director.

"Sergio,

Raramente, a inauguração dum retrato não póde ser taxada de acto de bajulação. A opinião geral se habituou á collocação espectaculosa das effigies de ministros e presidentes, quando estes dominam, nos gabinetes e salões das repartições publicas, e á silenciosa retirada dos quadros, logo que deixam o poder e que se impõe a substituição pelos novos donos das altas posições.

Esta, porem, é uma das raras excepções. Não nos congrega nesta sala singela de trabalho, onde decorre parte de nossa vida, onde eu, um dos veteranos desta casa, mais antigo nella que o seu proprietario, venho ha vinte annos — cinco como collaborador, quinze como redactor; não nos congrega o espirito de lisonja nem de interesse; porem um sen-

O nosso prezado director, sr. Sergio Silva, cercado pelo pessoal da redacção e da administração do FON-FON, por occasião da homenagem de terça-feira ultima.

timento nobre de grata amizade para aquelle que, de oito annos a esta parte, dirigindo os destinos de *Fon - Fon*, tem a todos sabido impor-se pelo seu culto á justiça, pela sua intelligencia e pelo seu amor ás tradições desta revista, mais amigo do que chefe.

Maior de vinte e um annos, *Fon-Fon* é um magazine de vida propria, de feição especial com um publico selecto, uma correcção absoluta de linguagem, uma discreção magnifica de atitudes, que nunca offendeu, ou melhor, nunca susceptibilizou ninguem, e cujo patrimonio moral é a sua maior fortuna. Temos todos aqui presentes encontrado no nosso chefe o guarda rigoroso dessa tradição e o thesoureiro ciumento desse patrimonio. Zelando assim por ambos, tratando-nos como amigos, comprehendendo perfeitamente o que deve ser para seus subordinados e o que estes devem ser para elle, fez jús á nossa gratidão. E eis porque, todos, resolvemos que seu retrato figure na nossa sala de trabalho, completando a galeria daquelles que até hoje a *Fon-Fon* têm dado o melhor de seus esforços intellectuaes e materiaes: Alexandre Gasparoni, o insubstituivel *viveur*, que foi a alma da revista até morrer; Giovanni Foglami, o batalhador de pulso firme; Gonzaga Duque, o artista estranho e fascinante; Mario Pederneiras, o suave poeta e o delicado prosador. E os retratos aqui não são substituidos de quatro em quatro annos, não são desterrados para sotãos e porões como os das repartições publicas. Aqui, elles ficam, permanecem, perduram, perpetuam-se, e as faces amigas dos nossos chefes e companheiros illuminam a nossa tenda de trabalho e incentivam o nosso espirito.

Sergio,

Terminando a leitura destas linhas, em que procurei interpretar o pensamento dos meus companheiros, devo dizer-te que, appondo aqui a tua effigie, nós não contentamos somente a ti, que recebes a oblata, mas contentamos sobretudo a nós mesmos, porque ficamos em paz com as nossas consciencias: praticámos um acto de justiça que já tardava."

O nosso director agradeceu em breves palavras, dizendo: "Nesta surpresa, vejo muita bondade da parte de vocês, o que sobremodo me desvanece. O que posso assegurar é que procurarei sempre agir de maneira a merecer essa amizade que acabam de me testemunhar."

A Academia Brasileira de Letras commemorou, na sua sessão de quinta-feira penultima, o centenario do nascimento de Frederico Mistral, tendo fallado sobre a personalidade e sobre a obra do grande poeta provençal, autor de «Mireio», além do presidente da illustre sociedade, o nosso eminente companheiro dr. Gustavo Barrozo, e o academico e tambem poeta Affonso Celso.

O ultimo chá da pequena cruzada realizou-se na penultima sexta-feira, na sede da embaixada americana, e foi uma festa elegante e animada, que reuniu, durante algumas horas, as figuras mais representativas do nosso mundanismo.

Faianças

A melancolia alegre das victrolas

Domingo.

Nesta quietude burgueza, de fim de bairro, onde os *bungalows* pullulam e se agglomeram como um rebanho de carneiros, — os de Panurgio? — ouço a nota de melancolia alegre que a voz dos radios e das victrolas derrama na doçura da tarde.

Os senhores já repararam como é impressiva essa melancolia alegre das victrolas?

E' melancolia porque os sambas, os cateretés, os maxixes, os foxes, os tangos e as valsas que sobem dos discos rodopiantes nos falam a recordação com uma clareza que alegra, enthusiasma e dá vontade de dançar como n'uma certa noite ou n'uma tarde longinqua nós nos embalámos, ou trepidámos, rodando, numa sala de baile, ou de chá, com uma creatura bonita, apertada nos braços... E por isso é que é melancolia... E é alegre — essa melancolia — justamente por que nos dá o prazer de recordar coisas que já vão longe, que não mais voltarão, mas que — é bem possivel — novamente se repitam, para encanto dos nossos olhos, volupia dos nossos braços, e enthusiasmo do nosso coração.

Sim, eu acho que ha tristezas que, recordando alegrias, têm o condão de alegrar, novamente, a alma e o coração, — assim como uma noite que surge com a melancolia do luar, se apaga sob a ameaça de um temporal e, logo depois, sorri com a tristeza da face branca da lua, que se mostra de novo...

Queiram desculpar, si não me faço comprehender muito bem. Melancolia alegre... Alegria triste...

Ha estados de alma que se não definem, de subtis e delicados que são. Talvez ao ouvir esses discos de victrola, chorando e cantando, num pandemonio de banjos, pandeiros saxophones, maracás trombones, flautas, pianos e apitos esteja num desses estados de alma indefiniveis, intraduziveis... Mas, si os senhores já amaram, já tiveram a sua noite de baile, o seu chá-dansante, o seu "assustado", ao som de uma victrola, certamente hão de comprehender porque é que me assalta, neste fim de bairro burguez, cheio de rosas, de *bungalows* e melodias, essa emoção inexprimivel, essa melancolia alegre, ou antes, essa alegria dolorosa...

Ah! Os senhores não estão ouvindo este tango? Ouçam bem o que elle diz na dolencia lasciva da sua melancolia alegre...

Ha muerto la ilusión!
Por el sendero,
coronada de rosas la lle-
[varon...
como una novia bella que
[muriera...

E a melancolia fica chorando, elastica, fina, plangente, na quietude da tarde...

...novia bella que mu-
[riera...

YVES.

Mlle. Nelly Helmold é esta graciosa «jeune fille» que, em nossa «élite», dispõe de um largo circulo de admiradores. E é filha do casal Raul Helmold, official da nossa Armada.

(Photo De los Rios).

Baton & Rouge

A ETERNA TENTAÇÃO...

A cidade continúa sob o imperio da graça e do canto das "misses", das lindas candidatas ao disputado throno da belleza universal.

Vive-se aqui, de certo tempo a esta parte, sob o fascinio de um continuado encantamento, como se o poder magico de uma varinha de condão estivesse a operar, incessantemente, o milagre desse movimentado deslumbramento.

Olhos tontos de belleza, cheios de outros olhos, azues, negros, verdes, claros, côr de oiro, etc., e de labios que despetalam sorrisos que não são bem deste mundo, a gente vae passando por ahi afóra quasi que em perfeito estado de extase. De extase e tambem de uma verdadeira plethora de exaltação pagã.

Ver as "misses", vêl-as sorrirem, vêl-as marcharem com aquella fidalga pose de rainhas da belleza, apreciar o rythmo de seus movimentos, a elegancia de seus gestos, a harmonia de suas fórmas, e medil-as, dos pés á cabeça, com um coup d'oeil de entendidos em "animaesinhos" dessa natureza, é a delicia de todo mundo, hoje, nesta boa terra carioca.

De todo mundo é um modo de dizer, porque nem todo mundo tem olho para "ver" e "apreciar" uma "miss" — quer dizer uma bella mulher, sem qualquer allusão ás "misses" que tambem são mulheres, mas não são bellas...

Terça-feira ultima, mais tres das candidatas ao torneio da graça e da belleza aqui aportaram: "Miss Grecia" — já sagrada "Miss Europa", em Paris, e que é a senhorita Alice Diplarakou; "Miss Argentina", a senhorita Celia C. Basavilbazo e "Miss Uruguay, mlle. Zulma Inverrnizio — uma flor da Hellade e duas da terra americana.

As "misses"...

Meu Deus, como as mulheres, que são bonitas, que são lindas, tanto perturbam a vida da gente!...

Perturbam e tentam.

E, assim, sempre será ad seculum secolorum para eterna gloria de Eva sempre triumphante, e tormento, suave tormento dos homens...

A' PROVA DE FOGO...

A onda de calor que levou a alguns paizes europeus o bafo quente das costas africanas, além dos varios casos de insolação e morte que determinou, offereceu motivo tambem para algumas notas bizarras e interessantes.

Em Londres, por exemplo, as empregadas de numerosos estabelecimentos commerciaes, casas de modas, etc., tiveram licença para servir os freguezes em roupas de banho.

O centro commercial da capital ingleza ficou, assim, durante as horas em que a canicula se manifestou mais implacavel, transformado numa verdadeira feira de banhistas em... secco...

O que não referem as noticias aqui recebidas é se a providencia adoptada, com essa simplificação de indumentaria, deu resultados compensadores...

Com cem gráos Farenheit perturbando-lhe a circulação e um ambiente de misses vaporosas a lhe servirem refrescos e outras cositas, no degagé simplificado de um traje de banho, só mesmo um bom e authentico inglez seria capaz de offerecer ao mundo uma prova admiravel de resistencia contra o fogo. Porque foi uma "prova de fogo", em toda a linha, essa de que, parece, sahiram, galhardamente, os fleugmaticos britannicos.

Se o calor apertasse mais um pouco, a velha Albion não teria duvida em fazer reviver, por alguns momentos que fosse, o quadro biblico da casta vida paradisiaca.

E um novo Milton, que não fosse cégo como o velho poeta do Paradise Lost, certo não faltaria para cantar e exaltar a maravilhosa belleza do novo e ephemero paraiso improvisado pela civilização e pelo calor...

Coisas da pacata e boa Old England...

FRAGONARD.

Mlle. Iracema Gatti é uma figura de grande brilho na sociedade mineira. Volta de Paris, onde se diplomou em artes decorativas. E' a primeira dama brasileira que, num curso brilhante, conquistou, com distincção, esse honroso diploma.

RAFAEL Barbosa não é somente o jornalista moderno, de visão penetrante, e amoldado, pela flexibilidade do seu talento, a todas as feições do periodismo. Espirito de élite, estheta de virtuosidades raras, é um mago da penna, rico de uma arte pura, que possue o sortilegio de enternecer, de fascinar com os maravilhamentos e o fagulhar dos seus processos sempre novos. Purista de linguagem, fulgido nas imagens, bizarro pelas idéas, elle é capaz de todas as realizações literarias. Vejamol-o na moldura deste seu lindo poema.

UM PERFIL DE DON JUAN

RAFAEL BARBOSA

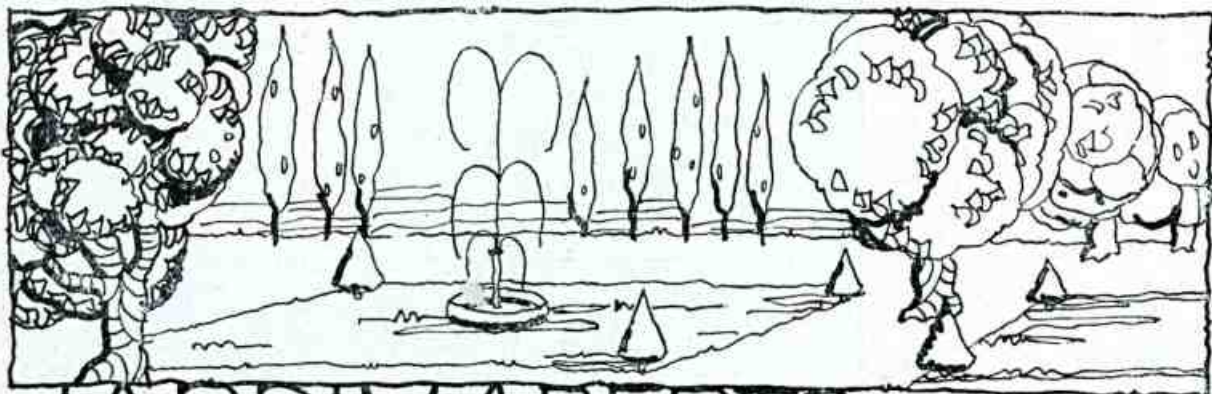
Noutro tempo o amor para mim foi um jogo floral;
no peito, a cota de armas, na bocca, a lança em riste
do epigramma sentimental a todas as mulheres.

E eu ria... ria... ria...

Ignorava o coração, a alma não era triste
e os meus nervos clamavam um halali triumphal
de exaltação e de gloria a todos os prazeres.

Eu passeava pelas ruas da cidade,
como por um jardim fechado, que era meu,
o pavão multicor da minha alacridade.

E desfolhava beijos como flores...

Mas vieste, vieste, e comtigo esta amargura
do que fui, do que sou, do que serei,
— maldito amor! unico amor! meu amor!
... Meu amor!

MISTRAL E A PROVENÇA

EM verdade, como criam os antigos, os poetas vaticinam o futuro. Um dos maiores, Lamartine, em 1859, ha 71 annos, referia-se desta sorte a Frederico Mistral: "O poeta de Maillane, és o aloés da Provença! Cresceste tres covados em um dia e floresceste em vinte e cinco annos. Tua alma poetica perfuma Avinhão, Arles, Marselha, Toulon, Hyéres; dentro em pouco, perfumará a França. E, mais feliz do que a arvore de Hyéres, o perfume do teu livro não se evaporará em mil annos."

Verificou-se a veracidade da predição. Um seculo passou que o grande poeta da lingua d'oc viu a luz numa pequenina e tradicional cidade da antiga Septimania. Ha oitenta annos que as asas de sua imaginação, emquanto vivo e depois de morto, sacodem sobre nossas almas o pollen dourado de seus versos. E as commemorações que por toda a parte se fizeram em honra de Mistral, por motivo de seu centenario, attestam, que, depois de ter perfumado a França inteira, seus versos perfumaram o mundo, dando razão á prophecia de Lamartine.

A constituição definitiva das modernas nações de aquem e além Pyreneus, absorveu no seu seio os dialectos nascidos da baixa latinidade. Mas dois delles, que traziam em si energia de potencial haurida na força da raça e no amor da tradição, bastante para resistir, conseguiram perpetuar suas fórmas até nossos dias. Foram o catalão, emanado da linguagem limozina, elevado a lingua literaria pelos esforços dos homens de espirito de Valencia e de Aragão; e o provençal, que tanto influenciou trovadorescamente o antigo portuguez e que S. Luiz, quando uniu a corôa de Tolosa á de França, chamou a lingua de ouro.

Ao provençal bastaram para lhe dar relevo excepcional seus prosadores e poetas; e, quando no seculo presente começou a ser esquecido lá no fundo do seu terroir, veiu o grande Mistral coroar-lhe a fronte de louros e para elle pedir ao mundo inteiro a ovação e o triumpho.

Elle foi, o poeta das Ilhas de Ouro, a encarnação palpitante e apaixonada desse paiz de sol e de cigarras, cantando ao mundo as bellezas e as tradições da terra mãe: — as lendas e as cidades, os valles e os montes, os rios e os bosques, as ruinas e os homens, as proprias cousas materiaes, como as comidas e os vinhos.

Encarnou a alma dum povo e foi este o segredo de sua immortalidade.

Dr. Affonso Cruvinel Ratto, recem-formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e que acaba de defender, com raro brilho, a these «Contribuição ao estudo da appendicite pela incisão Jalaguier», tendo merecido distincção. O dr. Affonso Cruvinel, que é filho de brasileiros, nasceu em Hamburgo, Allemanha, onde pretende especializar-se em cirurgia. Por esse motivo, partirá, breve, para o Velho Mundo.

NOTAS MEDICAS

O dr. Murillo Fontes é um joven medico, mas um joven que se vae impondo em nosso meio, pelo seu reconhecido valor, na sua especialização: clinica urologica. Cirurgião da Assistencia Publica, ex-chefe do Serviço da Fundação Gaffrée-Guinle, de Santos, director da revista «Medicina Brasileira», além de outros titulos que possue, como o de escriptor, o joven facultativo acaba de inaugurar um bem montado instituto de urologia á rua da Assembléa, 72, 1.º andar.

A Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em tocante e expressiva homenagem ao dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e seu illustre confrade, fez celebrar, por occasião da passagem do anniversario natalicio de s. ex., a 27 de agosto ultimo, solemne missa votiva, em acção de graças, que attrahiu ao lindo templo da rua da Alfandega numerosa e distincta assistencia. Após o acto religioso, a que o eminente Chanceller brasileiro e sua exma. familia assistiram com o maior recolhimento, na sacristia da egreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens realizou-se singela cerimonia, que muito tocou o coração do titular das Relações Exteriores e de sua exma. esposa: a entrega a s. ex. e á senhora Octavio Mangabeira dos titulos de juizes graduados que lhes conferia a Irmandade, falando, por essa occasião, o dr. Armando Duque Estrada de Barros, juiz jubilado, a quem respondeu, em lindo e commovido improviso, o illustre homenageado.

FILIGRANAS

No famoso conto de Apuleio *As metamorphoses*, um individuo é transformado em burro pelas artes magicas duma feiticeira da Thessalia. Para retomar a forma humana, é necessario que coma rosas. Entretanto, nada mais diffic.l na sua condição de asno. Não o deixam penetrar num jardim e, nas raras vezes em que o acaso o aproxima dessas flores, desde que avança para ellas a bôca esfaimada, dão-lhe pancada de criar bicho. Ora, um burro querendo comer rosas!...

Sob a fabula se esconde uma grande moralidade. Na maioria, os homens, apesar de homens, são verdadeiros burros pela grosseria de seu materialismo e somente se aproximando do bello e do bom, que as rosas symbolizam, devorando-os, isto é, integrando-os em si, conseguem ser verdadeiramente humanos...

APESAR de viuva ha pouco tempo, parece que não está disposta a cultivar tristezas para o resto da vida.

Realmente, está fóra de moda fazer da viuvez um motivo de piedade alheia.

A vida intensa dos nossos dias não dá tempo para a gente olhar os que ficaram pelo caminho, nem para chorar as magoas do proximo...

E, comprehendendo que a vida actual é feita de egoismos, a viuvinha esqueceu depressa o defunto marido, entrando a pesquisar um substituto para companheiro das suas longas noites de tédio...

O tenente quasi cahiu no anzol...

Porem, como o militar partiu para o interior, no desempenho de uma demorada commissão, a viuvinha voltou as suas vistas para um paisano, bacharel e empregado publico, que anda muito animado a percorrer cinemas com a esposa futura...

Mas, existe muita gente torcendo para o paisano tambem receber ordem de partida, para desempenhar alguma commissão demorada, longe do Rio...

AINDA neste anno elle não cumprirá a promessa do casamento.

Não sabemos qual o motivo que vae allegar para protelar, ainda uma vez, o velho juramento, que redundará em beneficio unico de pobres innocentes, que, no caso, estão como o hollandez, pagando o mal alheio...

Não existe nenhum impedimento legal para a união definitiva perante a sociedade.

Dinheiro, posição — de tudo isso elle dispõe.

O *beguin* de permeio faz, da vida de ambos, um encanto.

E' uma situação que vem rolando através dos annos, apertando-o cada vez mais a cadeia do affecto da vida a dois.

Por que então elle não se decide a cumprir a velha promessa de casamento?...

Que mysterio vae retardando o gesto nobre do leal cavalheiro?!

Só elle sabe...

A *barata* era frequente nas immediações do *bungalow*, lá pelo bairro chic onde o joven casal vive em plena harmonia.

O esposo, devéras intrigado, entrou a observar de perto o que se passava no interior do lar, sem perder de vista o mocinho installado ao volante da *barata*...

Sem grande trabalho, verificou que a esposa estava innocente no caso, alheia ao movimento da *barata*, mas, talvez por isso mesmo, resolveu eliminar o perigo que a ameaçava.

O imprudente *chauffeur* amador, sempre que passava em frente ao *bungalow*, esticava o olhar, como procurando descobrir algo de novo...

E tanto procurou, que encontrou um marido zeloso da honra do seu lar.

A *barata*, em marcha lenta, como de costume, passava pelo *bungalow*, quando, inesperadamente, o mocinho do volante foi mimoseado com uns valentes murros, aliás muito bem applicados...

Não houve, da parte do aggredido, nenhuma reacção!

A *barata* augmentou a velocidade da marcha, voou, e nunca mais appareceu...

E a esposa, quando soube da historia, riu gostosamente, louvando o gesto do marido.

NÃO poderá passar sem um reparo o deploravel papel que vem representando certo cavalheiro, nas festas das *misses*.

E' o primeiro que apparece e o ultimo que sáe.

Durante as festas, tem a volupia de perseguir as representantes da belleza dos paizes estrangeiros, mastigando tolices num francez *cassange*, que ellas não entendem, provocando o riso da assistencia.

Mas, o cavalheiro não desiste do ridiculo proposito de que está possuido, e constitue o mais sério espantalho das *misses*.

Quando o avistam, ellas têm vontade de voar...

Nós, entretanto, não atinamos com a razão da mania do illustre cavalheiro, que é casado e pae de algumas crianças interessantes.

Não será o caso de *madame* chamál-o á ordem?

Era uma salutar medida de hygiene social...

MARILIA DE OLIVEIRA E SILVA

Sou a Marilia,
flôr da Graça, botão de flôr do Affe-
[cto.
E para a economia da familia
já contribuo com um quinhão directo:
Papae faz versos e Mamãe me ensina
a declamar os versos que interpreto,
pois — Margarida Lopes pequenina,
Francesca de Noziéres ainda menina —
eu sou o poemazinho mais querido
do poeta do «O vôo interrompido».

A interessante menina Maria Junqueira, filhinha do sr. Heitor Dias de Souza Telles, residente em São Paulo.

Tomae uma assignatura annual, para 1931, de FON-FON ou SELECTA

PELA SEGUINTE RAZÃO:

A "Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A" premiará os seus innumeros assignantes, indistinctamente, com uma apolice no valor acima declarado, da Companhia de Seguros de Vida A EQUITATIVA, sem despesa, livre de exame medico, desde que o numero do talão de sua assignatura corresponda, integralmente, ao 1.° premio da 1.ª Loteria da Capital Federal, a extrahir-se em Março de 1931.

Preço das assignaturas por anno:

FON-FON .... 48$000 — SELECTA .... 48$000

Pedi informações, hoje mesmo, á

Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A

RUA REPUBLICA DO PERÚ, n. 62

End. Tel. "FON-FON" — Telephones 2 - 4136 e 2-0377

Rio de Janeiro

Em prol da "Casa do Estudante"

HA dias, no salão nobre do Palace Hotel, houve uma reunião de chronistas mundanos. O fim dessa reunião? Assentar as bases da propaganda de um reveillon e outras festas para o encerramento da "Quinzena da Casa do Estudante".

A assistencia era *chic*. Gente da mais alta representação social. E, de protecção social — seja a fundação de uma crèche, a creação de um asylo, ou outra qualquer obra philanthropica, se tem feito sentir pela sua grande efficiencia.

Mme. Anna Amelia é, nesse particular, uma figura inconfundivel. A sua actividade, que se adorna de um sorriso gentil — sempre gentil — é verdadeiramente vertiginosa.

Mistér angariar donativos, o apoio, emfim, das almas boas e generosas, dos corações bem formados. E o meio mais pratico para se conseguir ese resultado é executar o programma que foi organizado. E esse programma?

Consta de um "Bazar", que vae ser um verdadeiro successo: venda de livros, quadros, objectos, au-

Um flagrante da reunião dos chronistas mundanos que patrocinam as festas em beneficio da Casa do Estudante, sob a presidencia da illustre escriptora Anna Amelia.

presidindo a assembléa, a figura da illustre escriptora Anna Amelia.

Num intervallo, tive occasião de dizer-lhe:

— Madame Anna Amelia devia ser eleita a animadora da nossa vida elegante.

A poetisa de *Ansiedade* retrucou:

— Perdão! Devem eleger uma outra. Estou muito cansada.

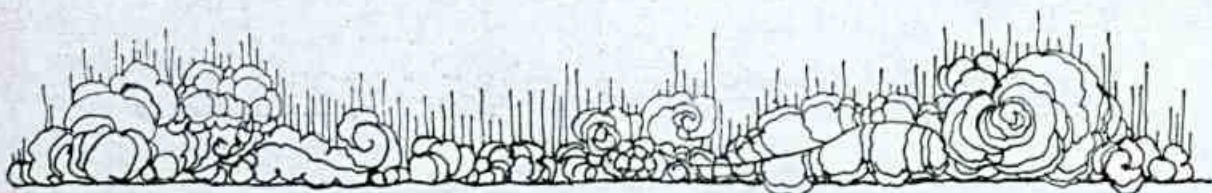
Cansada? Não admira. A acção da escriptora patricia, em prol de todos os movimentos sympathicos,

Ah, não fosse a velocidade da sua limousine, que pode leval-a, agora, a um hospital, com um elemento de amparo aos que padecem, e, logo após, a um chá de caridade, a uma tombola, a uma reunião de fins caritativos, e, certamente, o seu esforço não seria bem compensado.

Agora mesmo a sra. Anna Amelia, auxiliada pelo poeta Paschoal Carlos Magno, patrocina uma obra de grande vulto: a fundação da Casa do Estudante. Para isso, é mis-

tographos, etc. Haverá ainda uma collecta publica — como até aqui ainda não se fez no Rio de Janeiro — e, por fim, um lindo *reveillon*, num dos nossos grandes hoteis. Durante esse *reveillon*, realizar-se-á uma parada de belleza — que será o *clou* do programma. Porque nella — como bem diz o seu nome — só figurarão bellezas.

Bellezas de ambos os sexos? E' possivel...

Bastos Portella.

A senhorita Fernanda Gonçalves («Miss Portugal»), visitando a Associação dos Portuguezes Desamparados.

FILIGRANAS

Naquelle banco de bonde, em que eu me sentara, iam mais duas pessôas: uma dessas mocinhas espevitadas da bôca em forma de coração feita pelo *baton* e um velhusco pelintra, de polainas, monoculo, terno castanho. Perfumado e casquilho, dum ridiculo completo, tudo fazia para chamar a attenção da pequena, que, furtivamente, sorria. E eu ia pensando naquella profunda frase dum philosopho de meu conhecimento: "C'est l'incapacité du plaisir qui fait les Tibére et les Messaline..."

* * *

Eu sou um solitario. De natureza. De temperamento. Mas a minha solidão é povoada de inquietudes e assombros. Porque na minha alma se reflecte a alma do universo, cujo mysterio immenso é a vidraça opaca de encontro á qual bate asas incessantemente o meu pobre espirito torturado. E eu sinto em mim forças desconhecidas que se esforçam por agir. E eu sinto em mim como que a consciencia do infinito. Como poderei domar os gritos, as chimeras, as esphinges, os dragões da minha imaginação?

«Miss Allemanha» e «Miss Austria» foram homenageadas pela «Mannerchor Harmonie», que promoveu em honra das duas representantes da belleza européa no concurso internacional do Rio de Janeiro brilhante festival, nos salões do Club Suisso, á rua Candido Mendes.

Uns olhos afoitos

Ro Martins Capistrano

NÃO comprehendi por que a entrada daquelle casal no salão da elegante confeitaria, depois da ultima sessão do cinema, chamára tanto a attenção de uma mesa que me ficava perto. Notei sorrisos, carêtas, cochichos... E, como fossem banaes os typos e discretos os trajes, fiquei a observar melhor os causadores de tal estranheza.

Quando muito, se adivinharia um pouco mais de idade na mulher do que no homem, porém não somente a graça feminina ainda perfumava bastante os presumiveis 40 annos della, num confronto aos quasi 30 delle, como tambem seria bastante commum divergencia daquellas, em casamentos, para causar o reparo que continuava a se estampar nos rostos dos meus vizinhos.

E, como insistisse em estudal-os com certo geito, mais através dos espelhos, que directamente, fui notando que elle era um homem franzino, pernalta, pallido, muito duro numa roupa de brim de linho; ella, nem magra, nem gorda, com um vestido de sêda-leve, tendo apenas de singular uns olhos accesos por gritante audacia. Uns desses olhos que parecem avisar a todo mundo, como taboletas de estradas de rodagem: — *"Tome cuidado commigo!"*

Não me contive que não dissesse a Evandro Monte, que apreciava um sorvete a meu lado:

— Olhos afoitos... hein?...

E o meu antigo companheiro de Faculdade declarou:

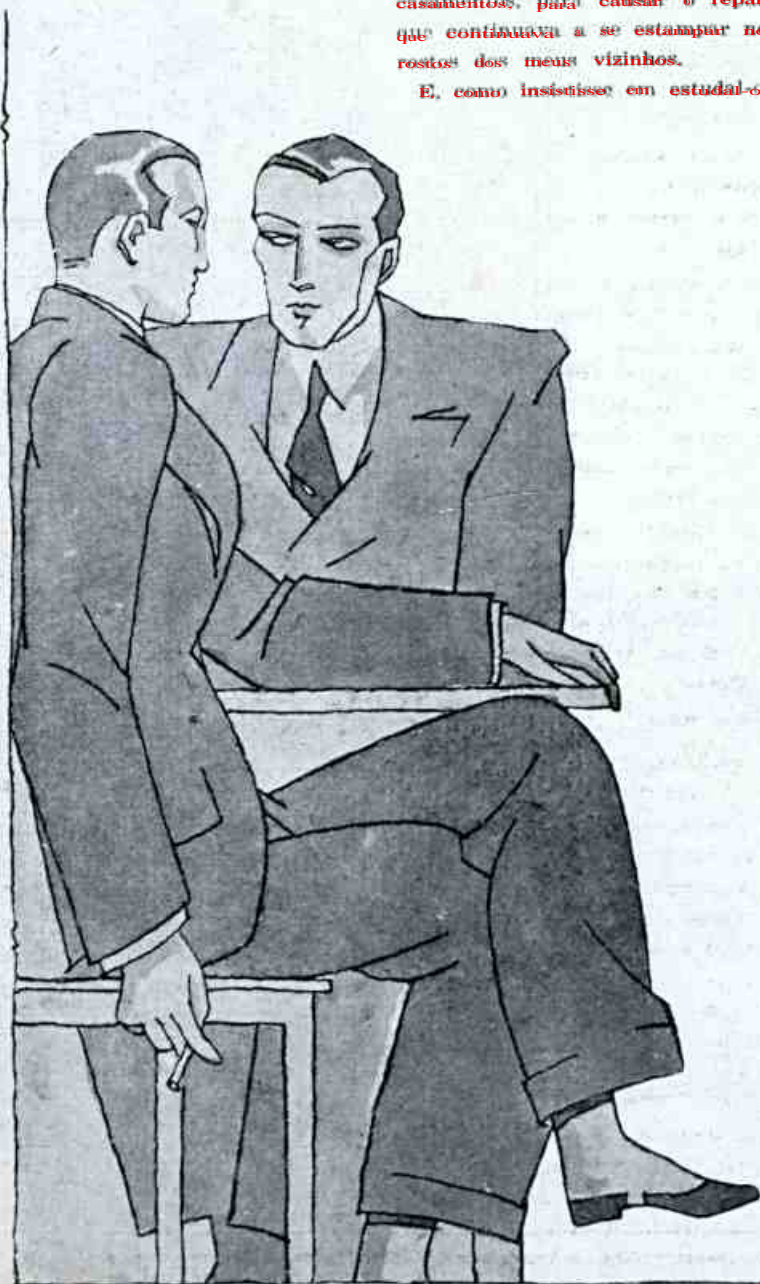
— E você ainda não sabe de nada!... Aquelle olhar é de uma ousadia tal, que já motivou uma dolorosa desgraça...

— O que! Você conhece aquella senhora?

— Foi minha vizinha...

Evandro sorveu duas colherinhas de gelado, e, como visse na minha cara muita curiosidade, proseguiu, a meia voz:

— Um caso dos mais estranhos... O meu bairro fartou-se nelle uma semana inteira como si fosse uma baleia dando á costa numa praia... E, na verdade, para quem se contentava com os mexericos vulgares, um escandalo daquelles fazia vezes de banquete em casa de pobre...

A orchestra da confeitaria evocava uma fita cantada de successo, repetindo-lhe um dos foxes vibrantes e batidos. Rapazes numa mesa adeante assobiavam, num acompanhamento, e, perto delles, uma se-

(Illustrações de Paulo Werneck)

nhorinha, de bocca de melancia talhada, para não se deixar atraz, cantarolava o fox num inglez que se queria evidentemente mostrar...

— Aquella senhora, d. Nelmicia, foi casada em primeiras nupcias com o dr. Hildegrando Pedregulho, um engenheiro mecanico, creio que do Pará. Desse matrimonio tiveram uma filha somente: encantadora e vivaz, criança capaz de prender estranhos, quanto mais corações paternos! Porém os paes, muito ciosos das danças em um club de arrabalde, dos passeios toda a noite, das solicitações mundanas de varias ordens, mandavam, de quando em quando, a menina passar dias na casa de uma tia de Nelmicia — tia que lhe servira de mãe, e adorava a pequena Cinira como avó. O pretexto de quasi sempre, para esses desapertos dos deveres, era o de se achar a menina "muito bem com a tia"... E, dos dias passou-se aos mezes, dos mezes aos annos... Uma esplendida e commoda maneira de se fazer da paternidade funcção honoraria... não acha?

— Ha muita gente assim... Então, com a vida trepidante de hoje... ou se evitam os filhos... ou se despacham para a criação alheia, como se faz com os cachorrinhos...

— Você póde conhecer innumeros casos desses, mas não com o desfecho do que lhe estou contando, Helvecio!... A menina cresceu, assim, vendo nos paes umas pessoas amaveis, que appareciam de raro em raro, com presentes e afagos... Afagos de horas marcadas, como nos dentistas... Cinira acceitava-lhes os carinhos e via-os irem embora sem a menor emoção. Apenas, na esperança de que voltassem breve com outros bonbons e outras bonecas. A mesma impressão que tinha de um vizinho de defronte, dono de uma fabrica de doces, que lhe dava tambem muitos presentes...

— Talvez até com mais sinceridade...

— Ou espontaneidade, pelo menos... Por isso mesmo, tendo 16 annos, Cinira sentiu a morte do pae como si fosse a do tal vizinho. Um conhecido, um christão... A differença foi a de ter de botar um vestido preto...

— O luto-fechado, que é assim uma especie de arranha-céo de fingimento humano...

— Perfeitamente... E a outra differença na sua vida foi a de ver a mãe vir morar com a tia, tambem, porque sozinha, na casa onde vivera com o marido, estava sempre a vel-o, e temia um puxavante de pernas á noite... D. Nelmicia ficára viuva com 38 annos, porém 38 annos como você está vendo... Laranja amarellinha de madura... E com o reforço provocador daquelles olhos... que eram como papel de seda a envolver a fruta offerecida... Entre mãe e filha, é claro, não existia a menor sombra desse affecto que solda os corações dos que estiveram ligados pelo cordão umbilical.

— Duas conhecidas que passavam a viver juntas... — commentei, pedindo ao creado mais dois sorvetes de cajá.

— Convivencia amistosa, ternuras que a viuvez justificava e o decôro do luto commum exigia... Mas... dentro de mezes estourou o escandalo, e formidavel escandalo... Uma bomba... Houve quem, de incredulo, fosse indagar da coisa, para ter certeza...

— A viuva foi pegada aos beijos com um namorado, na janella...

Evandro fez uma pausa, balançando negativamente com a cabeça.

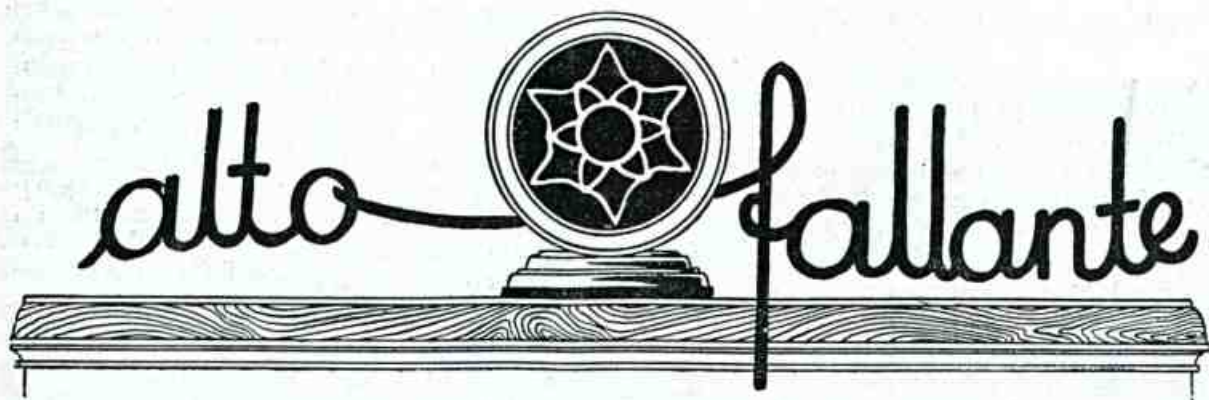
— Seria um nada, deante do que acontecera...

— Um nada?!

— Nadinha... Não avalia, Helvecio, o que fizeram aquelles olhos classificados por você de afoitos!... E são mesmo!... De uma afoiteza que derribou tudo deante delles: o sentimento maternal, o pudor da viuvez e o affecto de um coração de moço... Imagine que, com seis mezes da morte do marido... d. Nelmicia fugiu com aquelle rapaz... que era quasi noivo da filha... E vivem hoje bancando casados...

Não arranjei uma interjeição que servisse para a circumstancia. Fiquei olhando d. Nelmicia como si estivesse vendo, pela primeira vez, uma phoca. Aliás, a phoca, que é animal dos gelos, não serve bem aqui como imagem... Uma féra dos tropicos iria melhor... Ella bebia aos goles um succo de uvas, relanceando o seu olhar-taboleta: "Tome cuidado commigo!"... Não sei por que desviei os meus...

A orchestra delirava agora numa marcha de frevo. E foi com a voz mais alta, protegida pela musica carnavalesca, que Evandro me deu conta do resto natural da historia:

— A filha, a pobre da Cinira, é hoje pensionista do Hospital de Doenças Nervosas e Mentaes.

"O VÔO INTERROMPIDO" E OUTROS LIVROS

Quando, ha cerca de dois mezes, Hermes Fontes me apresentou a Oliveira e Silva, já o nome do notavel poeta de O Vôo interrompido *ha muito figurava entre os que faziam o encanto do meu convivio espiritual.*

Tive, assim, conhecendo-o pessoalmente, uma surpresa bem grata á sympathia e á admiração que já tributava ao espirito de eleição desse magnifico poeta de rythmos fortes, de expressão colorida, de remigios altaneiros.

Oliveira e Silva, nas letras brasileiras contemporaneas, tem logar de accentuado relevo e de indiscutivel prestigio. Seu ultimo livro — O vôo interrompido, *enquadra-se bem entre os que melhor affirmam o valor e o brilho da nossa poesia moderna.*

E elle, se o tivesse dado mais cedo á publicidade, pois ha tempo o tinha preparado, seria, hoje, um dos mais legitimos e autorizados precursores do espirito novo que inspira a nova escola.

São paginas admiravelmente trabalhadas, palpites de emoção e de belleza, as que, em O vôo interrompido, *esplendem em todo o fausto do seu colorido tropical, encantando-nos e deslumbrando-nos o espirito.*

Ao registo das obras novas ultimamente apparecidas, e que têm movimentado o nosso mercado de livros, como A Loucura Sentimental, *de Benjamim Costallat,* Gritos de meu Silencio, *de Oswaldo Santiago,* Castellos de Marfim *e* Céo Tropical, *de Osorio Dutra,* Almas de Lama e de Aço, *de Gustavo Barrozo,* Borba Sangue, *de Neves Manta,* Vertigem, *de Martins Capistrano,* Calendario, *de C. Paula Barros, etc., mais um merece especial menção: o do apparecimento, já em 3.ª edição, do victorioso e consagrado livro de Berilo Neves —* A Costella de Adão *— um dos maiores successos de livraria destes dois ultimos annos.*

E' um registo que faço com o mesmo prazer com que annuncio, para breve, dois bellos livros, firmados por dois nomes de elite:

Você me conhece?, *de Mario Poppe, — o chronista encantador* Do que ellas gostam..., *o escriptor primoroso de* A Cidade do Amor, *e* A Fonte da Matta, *novas poesias de Hermes Fontes, o grande e magnifico poeta de* Apotheoses.

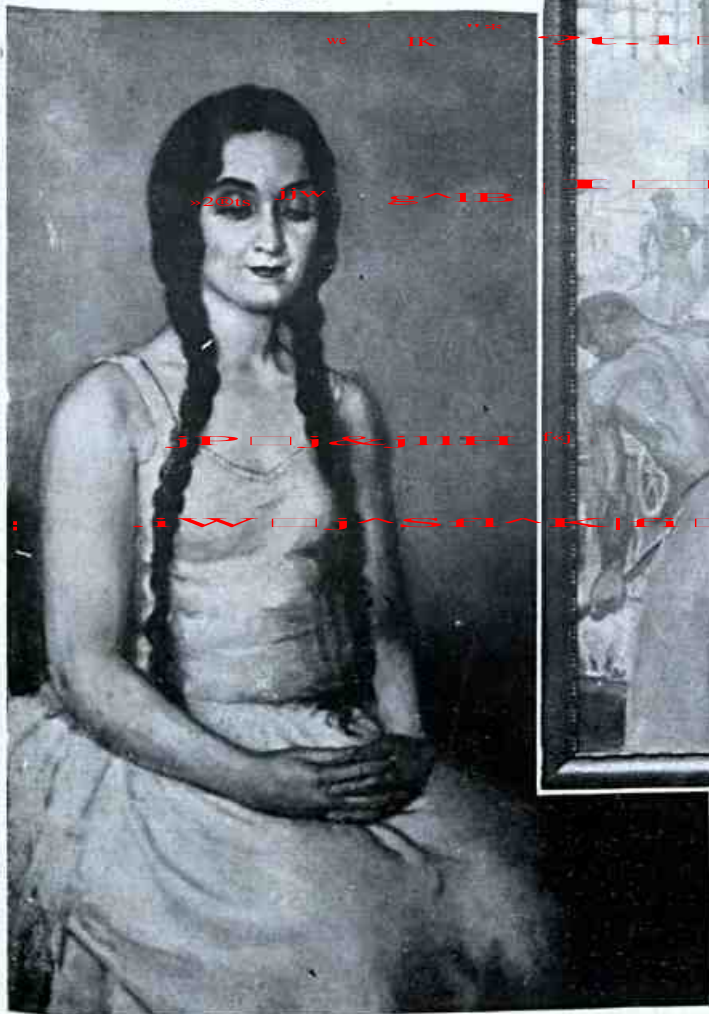
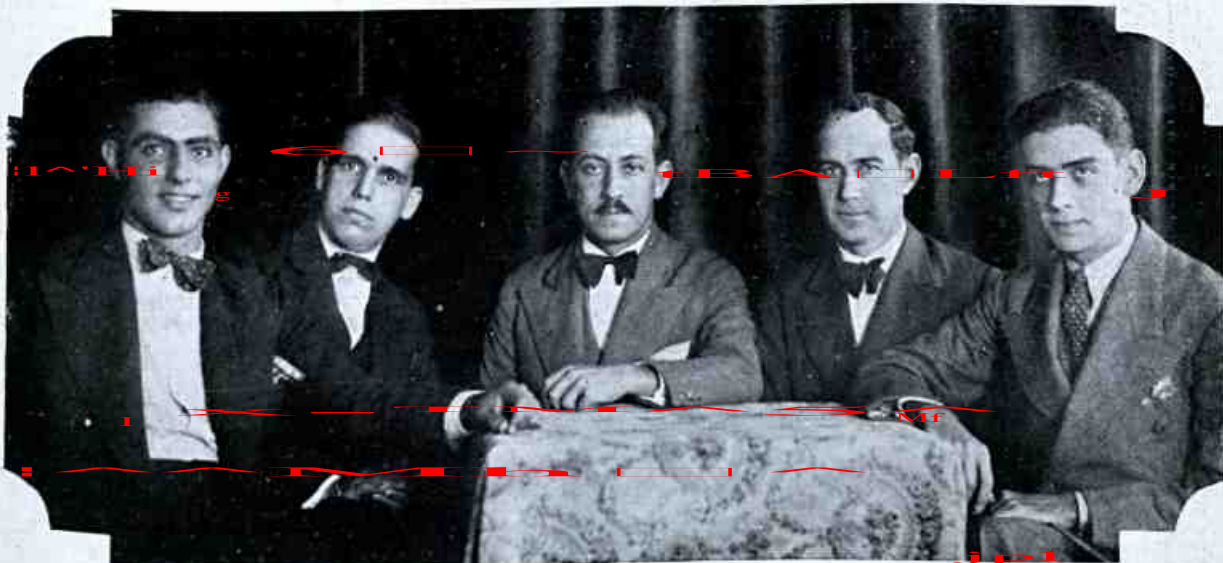
MAX LINDER

O nosso confrade de imprensa Plinio Edward Gioia, jovem intellectual, membro da Academia Carioca de Letras e da Assistencia Judiciaria Militar do Brasil, e que acaba de ser recebido na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Plinio Gioia escreveu, de parceria com o seu brilhante collega Cyro de Alencar, uma obra intitulada «Myopia de Themis, Sociologia e Direito», que dentro de alguns dias será entregue aos editores.

O poeta Luiz Martins realizou, ha dias, uma interessante palestra no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, intitulada: «O homem na poesia das mulheres». Com esse titulo suggestivo, o conferencista conquistou um auditorio numeroso e brilhante.

FIGURAS LITERARIAS

Mario D. Wanderley acaba de publicar um livro destinado a provocar a opinião literaria, que se interessa pelos assumptos historicos romanceados: «Domingos Jorge Velho». O illustre escriptor, que tem um estylo movimentado, occupou-se do episodio da Troya Negra, realizando um livro em torno desse assumpto, que é deveras interessante.

DOIS QUADROS DE HERNANI DE IRAJA'

Entre os expositores do Salão de 1930 da Escola Nacional de Bellas Artes, figura, com destaque, o artista Hernani de Irajá, que reparte o seu brilhante talento entre a pintura e a sciencia, entre as letras e o jornalismo, e que maneja com a mesma segurança e a mesma dedicação o pincel e o bisturi. Hernani de Irajá apresenta naquella exposição tres quadros modernos, que documentam brilhantemente o cunho pessoal da sua arte, fixadora das mais difficeis expressões humanas. Duas dessas telas reproduzimos aqui, como uma homenagem especial ao pintor: «Mystica» (quadro premiado com medalha de prata), e «Mechanico», que tem despertado, com «cabocla», a curiosidade de quantos visitam o Salão de 1930.

Os bacharelandos Alvaro Macilio Brissac Lucena, Sylvio Braga, Paula Freitas, Fortunato Azulay e Pericles de Azevedo, membros da commissão organizadora do quadro de formatura da turma de 1930 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, e que acabam de confiar ao Studio Annunciato Photo a confecção do mesmo quadro.

AMOR SILENCIOSO...

POR MAX MONTEIRO

Aquella minha vizinha, de farta e ondulada cabelleira negra e fidalgo porte, é, devéras, um encanto, um primor da estatuária divina.

Eu poderia, perfeitamente, applicar-lhe aquelles versos deliciosos de Goethe:

"Es ist doch meine Nachbarin
Ein allerbiebstes Madchen!"

Nos seus lábios vive sempe um sorriso, um sorriso doce como a fructa do cardeiro. E a expressão do seu olhar, contrastando com a expressão da bocca, dá-nos a impressão de que ella sonha com fadas, com lendas maravilhosas, ou, então, tem saudades de algum amôr perdido, de alguém que lhe passou pela vida e não a comprehendeu.

Gosto de vêl-a, entre as flôres, debruçada na janella de sua residencia, nas noites de luar, interrogando os céos: "Quando elle virá?"

E ante a mudez do infinito adquirem os seus olhos um fulgor estranho.

Mal sabe ella que ha *alguém* que a ama em segredo. E é justamente o amôr silencio o verdadeiro amor. Esse alguém já tentou falar-lhe por diversas vezes. Em todas, porém, as palavras morreram estranguladas na garganta. E elle soffre. Soffre, porque não tem coragem de revelar as angustias da alma. Soffre, porque não póde exprimir o sentimento. E a Duvida, — a Duvida atroz que perseguia os discípulos de Byron, levando-os, quasi sempre, ao suicídio, afim de possuirem a certeza da Morte, — atormenta-lhe o espirito. Ah! que immenso desejo elle tem de saber si é recompensado no seu affecto! Mas, quantas dores o maltratariam, si, porventura, chegasse a receber a negação cruel! Soluçaria, então, sobre o cadaver das suas illusões, derramaria lagrimas commovedoras sobre o seu sonho extincto. E ella se deixaria dominar pelo remorso por haver sido, posto que involuntariamente, o veneno que anniquilára uma juventude. Dolorosa a situação desse *alguém!* E como, de certo, ella tem curiosidade de saber quem é elle, vou aqui revelar o seu nome: esse alguém é...

— Cala-te, meu coração! Não sejas indiscreto...

O primeiro concurso hippico interestadual promovido nesta capital pelo novel Centro Hippico Brasileiro realizou-se domingo, perante grande assistencia, e constituiu uma bella demonstração de sport equestre. Esta pagina focaliza alguns detalhes expressivos dessa festa hippica, de tanto brilho sportivo e mundano.

Destinos...

ZOLA KNEIP

— Não; a senhora não tem razão de dizer que sobre todos os destinos age um poder superior. Na minha opinião, somos nós que fazemos os nossos destinos. Só nos acontece aquillo que queremos. Ninguem nos pode forçar a uma coisa, quando o nosso senso a repelle. Por exemplo: a senhora vê uma pessoa agonizando e tem vontade de amparal-a, de dizer-lhe algumas palavras de conforto... Mas vem alguem e lhe sussurra ao ouvido: "Deixa-a... Eu não quero que a auxilies"... E a senhora a abandonará, annullando o seu desejo, para seguir a mysteriosa voz? Não, minha senhora. Si quizer, soccorrel-a-á, só não o fazendo, si lhe ordenar o contrario o coração. Assim é na vida. Só executamos o que queremos e ninguem nos poderá forçar a um acto indesejavel. Não, minha senhora, desculpe-me, mas não acredito na sua theoria... Não nos acontece só aquillo que já está marcado nos grandes livros do destino. Somos nós que buscamos, pelas nossas proprias mãos, tudo o que nos acontece.

Sylvia baixou um instante a loura cabeça. Seus olhos escuros fecharam-se, como a evocar qualquer coisa longinqua...

Em torno, conversava-se, animadamente, emquanto o chá era servido com requintes aristocraticos. Era num dia de recepção no elegante palacete de madame Laura Rodrigues, figura de destaque no "set" carioca.

Um pouco isolados, Sylvia Barros e o doutor Marcio Moraes palestravam. Amigos de poucas horas, conhecendo-se por intermedio da apresentação gentil da dona da casa, uma mutua sympathia os ligára. Emquanto sorviam, com lentidão, a bebida doirada e fumegante, conversavam sobre assumptos variados. Até que surgira o caso dos destinos... Sylvia era fatalista. Acreditava que tudo o que nos succede já está marcado no invisivel livro dos destinos, emquanto Marcio era de opinião contraria. Embora a quizesse satisfazer, por ser ella tão encantadora, num orgulho natural de homem, teimava em sustentar a sua opinião...

Sylvia ergueu para o esculapio os seus olhos castanhos. Sorriu ligeiramente. Um sorriso sceptico, desdenhoso, quasi cheio de piedade. Marcio notou-o. Mas ella era fascinante e todos os seus sorrisos não o eram menos... Conformou-se, pois, com a indulgente piedade que mostrava, pela sua ignorancia, a sua encantadora amiga.

— E si eu lhe disser, doutor, que posso muito bem provar-lhe o que lhe affirmo? Si eu transformar a minha absurda injuria numa... logica acceitavel?

O medico sorriu, galantemente:

— Então, minha senhora, serei feliz rendendo-me aos argumentos de tão gentil pessoa...

Ella sorveu mais um gole de chá, que esfriava na porcelana fina, pousada nas suas mãos branquissimas. E, sorrindo de novo, com a sua voz harmoniosa, começou:

— Pois bem, vou provar-lhe por que digo que tudo o que fazemos já está determinado por um poder superior. Eu nunca fui supersticiosa, acredite-me, doutor. Antes, já tive um parecer igual ao seu, quanto aos destinos. Mas o meu criterio se alterou com um caso que me occorreu na mocidade...

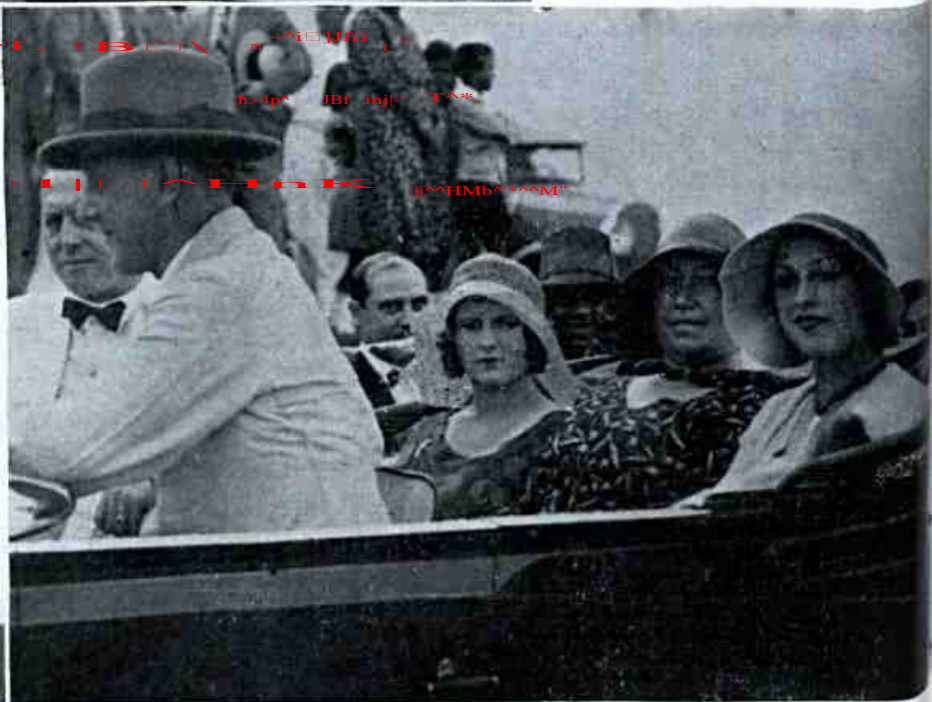
O doutor sorriu:

— Agora, então?

— Não seja galante, doutor. Como vê, já não sou nenhuma mocinha inexperiente. Sou uma mulher feita. Ando na estação intermediaria entre a juventude e a velhice... Não, não sorria. Tenho trinta annos e, reconheça agora, por favor, já vivi um pouco e aprendi bastante. Pois bem, quando eu era moça,

(Continúa na pagina seguinte).

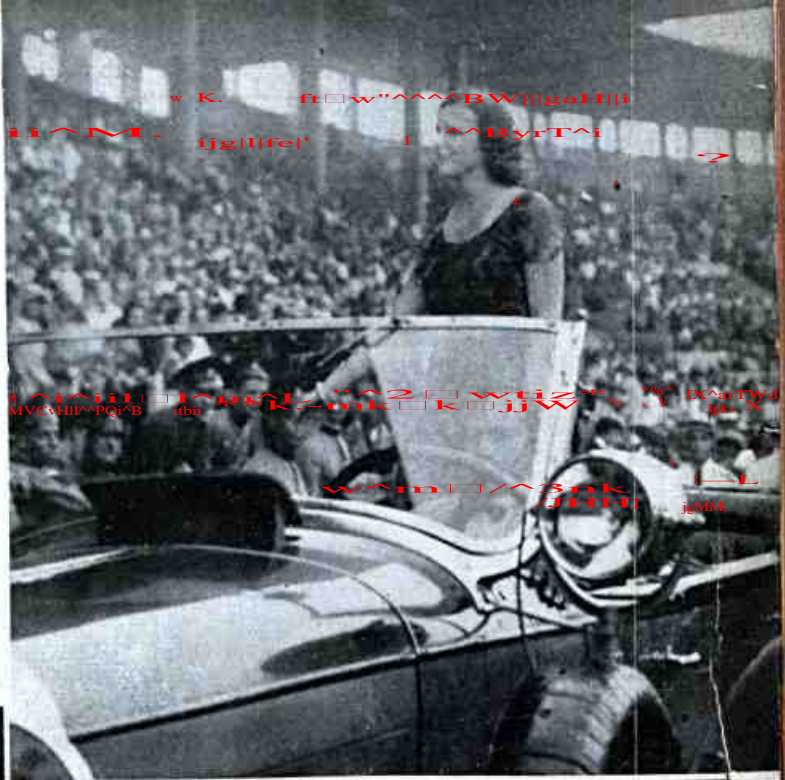
quando ainda estava com as primeiras illusões e os primeiros sonhos, amei. Sim, é uma historia de amor.... Amei, não com essa affeição passageira e illusoria de muitas jovens, mas com um amor tão grande, que seria capaz de dar a minha vida pela felicidade do meu amado. Tive, porém, um obstaculo no meu primeiro sonho. Por um antigo odio de familia, meus paes não consentiram nesse amor. Eu e Guy — era esse o nome do meu amado — revoltados com aquella recusa formal e inexplicavel, combinámos um meio de vencer a opposição. Premeditámos a fuga. Uma noite, eu, de malas promptas, o coração palpitante de ansie-

Resultou brilhante o annunciado festival promovido pelo Club de Regatas Vasco da Gama, sob o patrocinio das representantes da belleza estrangeira e de «Miss Brasil 1930», em beneficio dos pequenos vendedores de jornaes. O stadio de S. Januario encheu-se de uma assistencia que não se cansou de victoriar as «misses», cujo desfile pela pista do campo foi o numero mais attrahente do festival.

dade, esperava Guy, que promettera vir buscar-me mal o relogio desse a meia noite. No emtanto, doze horas soaram e nada de Guy apparecer. O doutor deve calcular a minha angustia. Por que não viera? Não me amava, não era eu a razão de ser da sua vida? Entretanto, as horas passaram e nada de Guy chegar.... Amanheceu. Nervosa e inquieta, abri a porta do meu quarto e fui dar umas voltas pelo jardim, a refrescar um pouco a minha pobre cabeça escaldante. A primeira pessoa que encontrei foi o filho do jardineiro, pequenote de doze annos, o qual, na inconsciencia da dôr que me ia causar, logo me foi dizendo:

— Sabe a senhorita o que aconteceu hontem? O senhor Guy, que sempre lhe mandava flores, foi encontrado morto nesta rua, com tres facadas no corpo...

"Qualquer coisa me obscureceu a vista. Aturdida, idiotizada, sem um ai, rodei sobre os calcanhares e cahi por terra. Tive uma febre cerebral. Quasi morri. Afinal, curei-me, sabendo que já tinham encontrado o assassino de Guy, um vagabundo qualquer, que o assaltara naquella madrugada, na intenção de roubal-o..."

Sylvia fez uma pausa. Uma lagrima bailou-lhe um instante nos olhos castanhos. Depois, disfarçando-a num sorriso, indagou:

— E agora crê o doutor na fatalidade? Si eu e Guy nos amavamos tanto, si iamos com o mesmo ardor para o passo audacioso, por que não succedeu tudo á medida dos nossos desejos? Porque o nosso des-

«Miss Portugal» e «Miss Brasil», entre directores do Club de Regatas Vasco da Gama e no desfile pelo stadio de S. Januario.

tino não o quiz... Não nascemos um para o outro... Estava escripto no grande livro da vida...

Marcio curvou-se para a estranha criatura e beijou-lhe a ponta dos dedos fidalgos. Depois, mansamente, sussurrou:

— Sim, minha amiga, eu agora acredito nesse poder superior que nos governa. E faço votos para que esteja escripto no grande livro dos destinos que, breve, mais uma felicidade se realizará na terra...

A MAIS BELLA

(A' que deve ser «Miss Universo»)

Eil-a, a formosa entre as formosas,
A mais bella mulher de toda a Terra!
De rosto lindo e formas primorosas,
Todo o esplendor da formosura encerra.

Venus de Milo em carne cinzelada!
Mas Venus pura, cujo corpo canta
O poema da belleza immaculada,
Da pulchritude virginal e santa.

Os seus olhos, da côr das noites estrelladas,
Têm voz... Fascina ouvil-a...
Quando fitam, da rutila pupilla
Brotam palavras encantadas.

Da sua bocca luminosa e casta
Evola-se suavíssimo perfume:
Mixto de incenso, de violeta e rosa,
Cheiro espiritual, aroma côr-de-rosa,
Que a paramos celestes nos arrasta,
E as seducções da Terra em si resume.

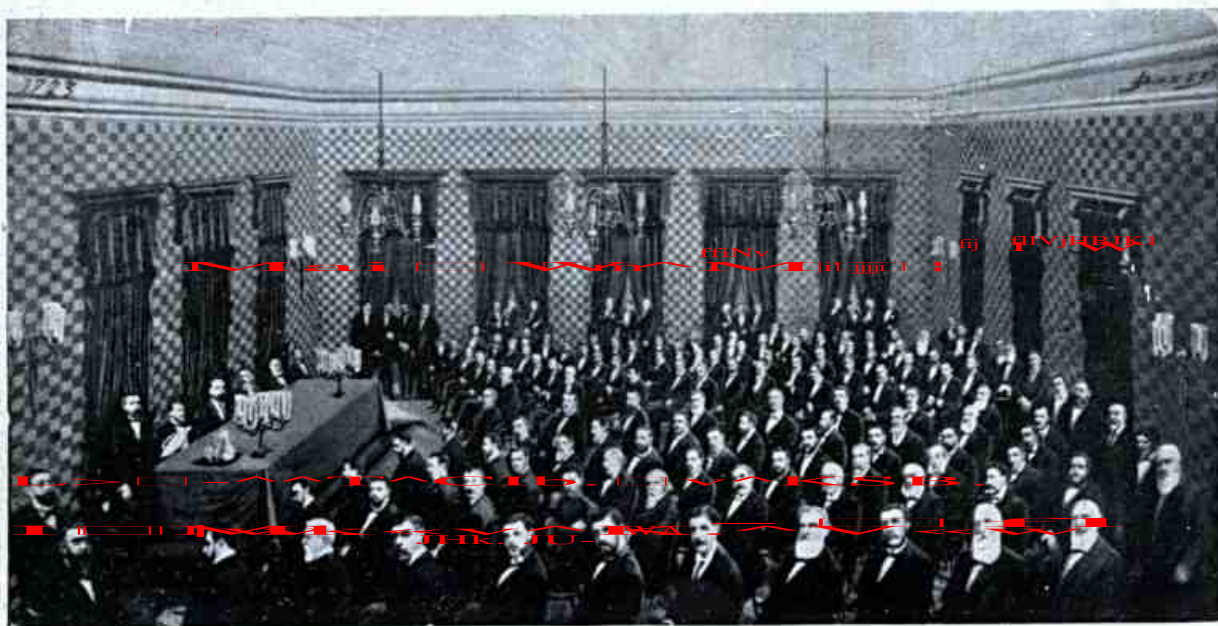
A sua voz tem magicos accentos!
Os corações commove de tal sorte,
Que ouvil-a, sem saber-lhe os pensamentos,
Basta para causar a sensação mais forte
De enlevo e de ternura,
De graça e de belleza pura.

Com a magia dos physicos encantos,
Fulgores de virtude e de talento,
A sua alma radiosa patenteia;
Tem predicados taes e tantos,
Está delles tão cheia,
Que é o symbolo integral da formosura,
Maravilha de espirito e cultura,
Milagre de belleza e sentimento...

Essa, sim, é de todas a mais linda,
    Entre as primeiras a primeira;
    E' que não seja eleita ainda,
E' a mais bella mulher da Terra inteira!

"MISS ITALIA"

A sociedade italiana desta capital homenageou a linda embaixatriz de seu paiz no concurso internacional de belleza do Rio de Janeiro, senhorita Mafalda Mariottino, com uma brilhante recepção, que se realizou quinta-feira penultima, no salão da «Società Italiana di Beneficenza». «Miss Italia» foi ali recebida entre acclamações enthusiasticas de seus compatriotas, os quaes a cobriram de flores, numa verdadeira glorificação á belleza da Italia. Foi, então, executado um programma de musica e canto, no qual tomaram parte diversos artistas italianos residentes ou de passagem pelo Rio.

Um Pintor Paulista

«A Convenção do Itú», quadro de Jonas de Barros.

QUE é feito do inverno? Devia ser fria essa manhã; mas, para que mais agradavel fosse o passeio, não faltou, pelo Jardim Paulista, a enfeital-o, em pleno mez de julho, a caricia morna de um sol amigo.

Vamos longe da cidade.

Vamos em caminhada longínqua.

— Onde habita esse artista, que está a parecer inaccessivel?

Fogem as formalidades urbanas e o gado está indifferente, impassivel, á vista dos rarissimos transeuntes.

Atravessamos um campo vasto, como igual ha nas margens do Miranda ou nos Pampas.

A' beira da estrada, larga, ergue-se um sobrado. E, ao fundo, num quarto pequeno, fomos encontrar, isolado, absorto, a compôr um cigarro caipira, o autor daquellas telas que vimos no Museu do Ypiranga.

Foi importuna a nossa presença, porém, geitosamente, sabemos dissimular, com affirmativas de encanto, quando se nos deparam infelicidades e hábitos prosaicos.

Deu-lhe, ali, a pobreza, o conforto da paz, do silencio.

Estabelecemos a maior intimidade, em dois minutos.

O artista não tira o chapéo da cabeça. Trigueiro, alto, esguio, macilento, não apparentando ter mais de cincoenta annos, parece, entretanto, centenário, quando discorre, muito pausadamente, sobre episodios historicos e fala de S. Paulo antigo, dos casebres e vultos daquelle tempo, da cidade de Itú, sua terra natal, da memorável Itú da convenção republicana de 1873.

Possue, sobre esse facto, um archivo precioso, conservado e trancado numa caixa de ébano. Além de outros documentos, guarda a collecção, composta de 133 photographias, de todos os convencionaes, trabalho esse que, para concluil-o, poz á prova a sua tenacidade durante quasi trinta annos. Essas reliquias formaram o cabedal para a composição do painel que se acha no Museu Historico da Republica, em Itú, inaugurado pelo governo estadual em 1923.

— As locubraqões artísticas — disse Jonas de Barros — são permanentes, porém não ha mercado. Dahi, trabalho pouco. Uma ou outra encommenda e, na sua maioria, de estrangeiros. Assim, para um estabelecimento bancário americano levarei, amanhã, a tela que ali está: a rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, vendo-se ao fundo a antiga igreja do Rosário — 1860.

E' num barracão, coberto de zinco, que Jonas de Barros transporta para a tela os estudos do que foi esta metropole. Examinamos, ali, aquelle quadro. Os menores detalhes, as sombras, o colorido impressionam profundamente a quem quer que seja, embora não tenha o espirito affeito ás sensações empolgantes dessa arte que faz o sol e a penumbra, o céo e a terra, a agua, o fogo, a pedra, os vegetaes e a carne.

O pintor recusa, a principio, revolver uma pilha de telas para as quaes a nossa curiosidade, muito contraria a regras de cortezia, afinal pôde alcançar que fossem expostas aos nossos olhos. De cincoenta e tres quadros se compunha a pyramide. Cercando o leito do artista se amontôam cento e tantos trabalhos. Destacam-se os «Caipiras de Mogy» (2,0 x 1,30), a «Ponte Grande», a «Ladeira do Carmo», «Estrada velha de Santo Amaro», «Cleopatra», retratos de Rio Branco e de Ruy Barbosa. Ha, nessa enorme bagagem, material para uma exposição. Mas o pintor, pensativo e modesto, affirma que a «situação da praça não permitte a offerta dessa mercadoria».

Jonas de Barros adquiriu notoriedade como retratista. Foi premiado pelas Bellas Artes em 1908; e já gozou de popularidade; e no seu «atelier», onde recebia as visitas de P. Wargadner, Aurelio de Figueiredo, Parreiras e outros mestres que, ha cinco ou seis lustros atraz, conheceram a hospitalidade de S. Paulo no estimulo monetário que transbordava do coração e da mão aberta do paulistano — no seu «atelier», depois de extincta a chamma de Almeida Júnior, era onde a alma do bandeirante se encarnava e se perpetuavam vultos e episodios, num labor diuturno do historiador e psychologo, naquelles tempos, sempre cercado de admiradores.

A vida do artista hodierno é um romance para o futuro.

Esse homem bizarro só fala do passado.

Ao pintor original que tão cedo se deslocou da época e do meio não resta senão alimentar-se da bemaventurança de quem trocou os ruidos da gloria pela felicidade do bucolismo.

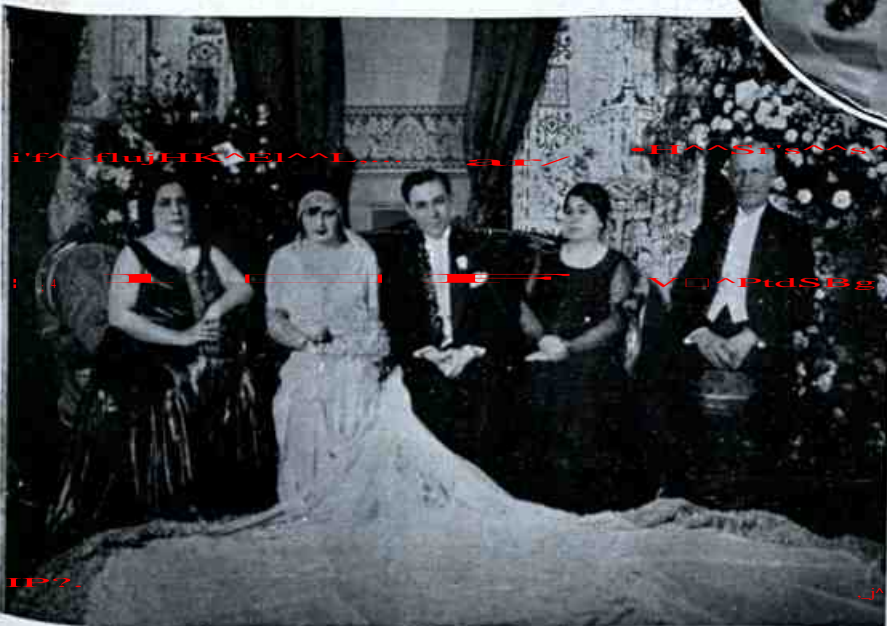
Ludgero Feital.

A senhorita Almerinda da Costa Vianna, filha do commendador Julio Ferreira Vianna e de d. Cherubina da Costa Vianna, casou-se, a 26 de agosto passado, com o dr. Fritz Mauricio Otto Hilpert. O enlace realizou-se na residencia dos paes da noiva e constituiu uma nota mundana de grande repercussão nos circulos das relações do joven casal.

A Senhora Maria de Lacerda Kafuri, que acaba de contrahir nupcias com o dr. J. Felippe Kafuri, professor da Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro.

(Photo Annunciato)

SABEDORIA

Ha duas classes de ciumes: uns grosseiros, que atormentam o **objecto** amado com suas eternas desconfianças; outros, delicados, que só fazem soffrer o ciumento, e que é como uma desconfiança de si proprio. — **Guyard.**

Enlace da senhorita Leonor Benjamin Jafet com o sr. Nagib Jafet, realizado em S. Paulo. Vêem-se no grupo os noivos e seus progenitores.

O nosso confrade dr. Raphael Pinheiro, creatura que a todos fascina com a sua sympathia envolvente e com a sua fina «causerie», recebeu, segunda-feira á tarde, por motivo da passagem de seu anniversario, carinhosa e espontanea homenagem dos seus amigos, os quaes, reunidos em torno do tribuno e jornalista, do escriptor e do homem de theatro, commemoraram, numa festa de mocidade e alegria, a data natalicia do homem que não envelhece...

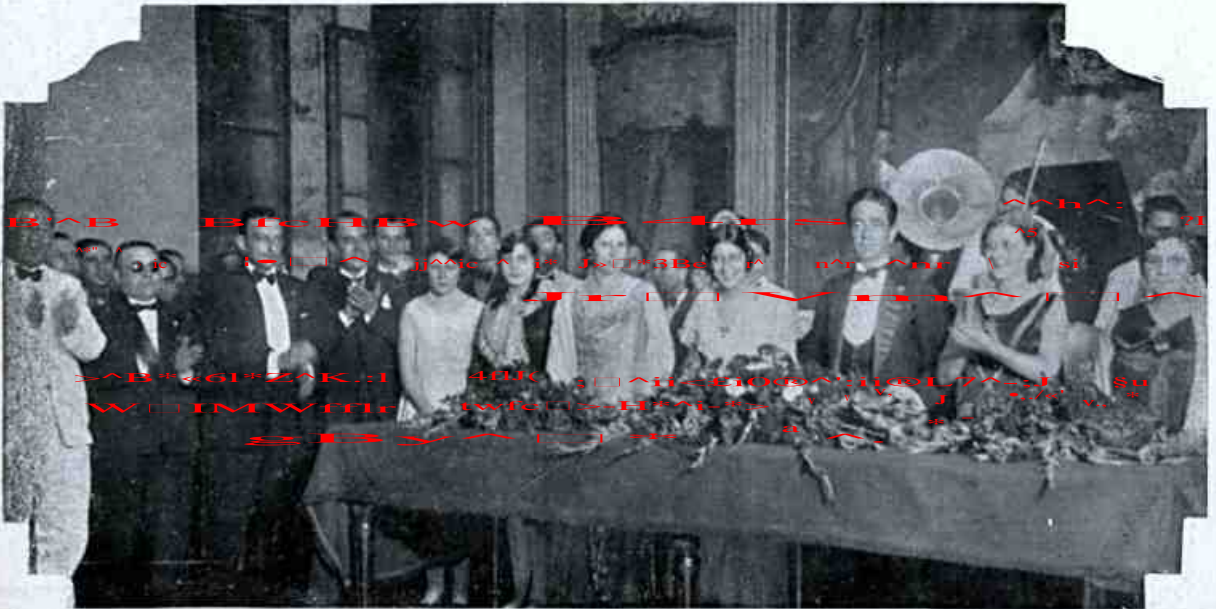
FILIGRANAS

Os grandes homens, as grandes figuras da historia são grandes magnetizadores. Elles attraém a si o espirito dum povo, a alma duma nação, tornam-se integrados com ella e, depois, a irradiam de modo maravilhoso, attingindo as cumiadas da gloria.

Assim, fez Jeanne d'Arc, salvando a França. Assim, fez Napoleão, conquistando a Europa. Assim, fez Bismark, construindo o Imperio Allemão. E, assim, faz Mussolini dominando a Italia.

* * *

Do idioma catalão, em que Ramon Muntaner vasou sua *Chronica* preciosa, disse Carlos Ros, hyperbolicamente, que foi dado pelo Espirito Santo a S. Vicente Ferrer como a lingua em que deverá fazer sua predica no dia do julgamento final. Chama-lhe, portanto, "lingua apostolica, trombeta do Espirito Santo, orgão da infinita Sabedoria e flauta da Divindade."

E Vicente Marco assegura que foi um dos setenta e dois idiomas falados na torre de Babel...

O Centro Gallego offereceu, em sua séde, domingo passado, uma recepção em honra de «Miss Hespanha», que alli foi expressivamente homenageada pelos seus compatriotas residentes nesta capital. A festa teve a presença do sr. encarregado de negocios da Hespanha.

Na segunda quinzena deste mez estreará no theatro Municipal a Companhia Tairoff, formada de artistas russos do theatro Kamerny, de Moscou, e que está sendo ansiosamente esperada pelo nosso publico. O genero theatral da Companhia Tairoff sobresae pela sua originalidade, por isso que abrange todas as especialidades da arte de representar, desde a tragedia classica até a comedia «bufa». Dirigida pelo artista Alexandre Tairoff, conta com elementos valiosos, entre os quaes figuram Nina Boukanina e Ferim Leon, cuja photographia damos no alto desta pagina, juntamente com um quadro da opereta «Giroflé-Girofla», apresentando originalissima encenação de Tairoff.

O pintor pernambucano Murillo La Greca expoz, no Salão de 1930, entre outros quadros, os dois que aqui se vêem — «O Abbade» e «Retrato» — e que alcançaram o mais expressivo successo.

O palacio do Itamaraty, depois da sumptuosa e esplendida remodelação por que passou — e das suas novas ampliações — está brilhantemente incorporado ao nosso patrimonio artistico. Franqueando á visitação publica, aos domingos, a bella séde da Chancellaria Brasileira, o ministro o Exterior, dr. Octavio Mangabeira, tomou uma iniciativa digna do elhor applauso, permittindo a uantos o desejem o grato prazer de dmirar aquelle magnifico conjuncto rchitectonico, onde se encerram tambem tantas preciosidades artisticas. Nesta pagina focalizamos varios aspectos da visita publica ao Itamaraty, domingo ultimo, por cujas varias dependencias, inclusive o novo edificio dos Archivos e Bibliotheca, passaram cerca de oito mil pessoas de todas as categorias sociaes.

Outro aspecto da visita publica ao Itamaraty. Flagrante apanhado na sala Rio Branco, actual gabinete de despacho do Chanceller Octavio Mangabeira.

MISSESLANDIA

O Rio, actualmente, é a cidade das misses.

Ellas vieram de todos os pontos da terra, para a disputa do titulo que deve ser concedido á mais bella.

Um concurso perigoso, porque explora e enaltece a vaidade feminina.

Porém, um motivo encantador para nós outros, que, da galeria, assistimos ao desfile da belleza gloriosa de povos diversos, podendo assim aferir a graça da mulher brasileira nada inferior ás demais.

A misseslandia vive os seus dias estonteantes de alegria, entre palpites, pois a "Miss Universo" breve cingirá a sua corôa de rosas, flôr de belleza.

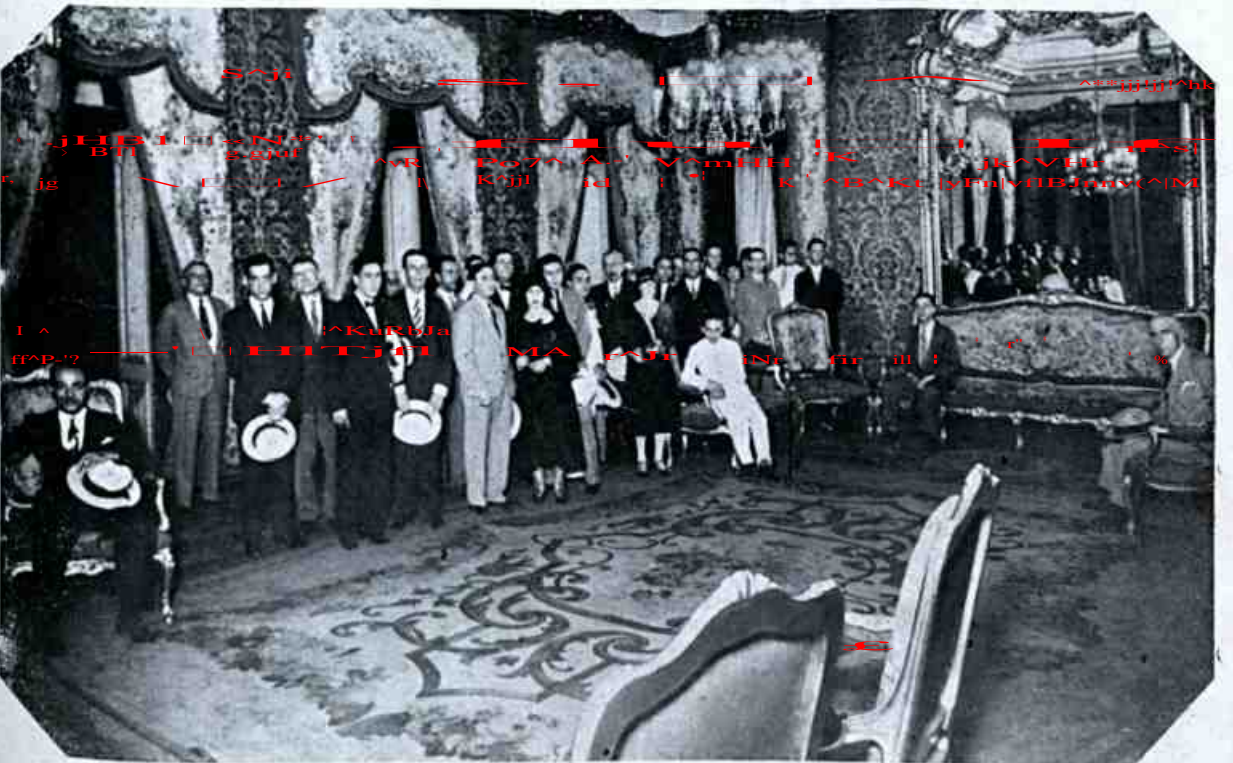
E, festa acabada, convidados a pé...

Vae ser uma tristeza a debandada das andorinhas.

Muito sonho desfeito, muita illusão perdida.

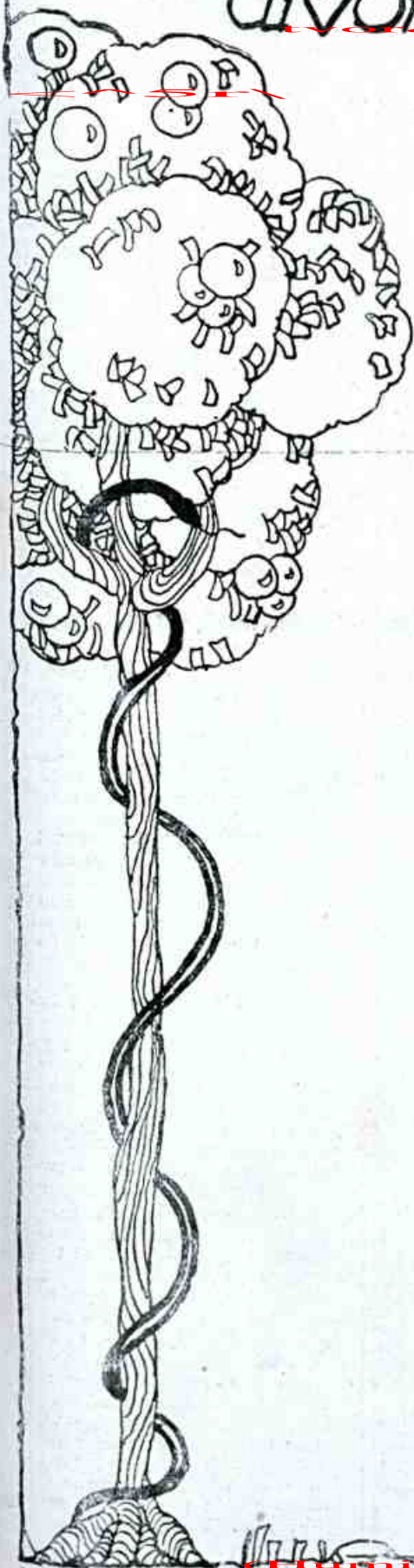
Muita vaidade arranhada e outras tantas acirradas...

Sport perigoso e caro, este, o de colleccionar bellezas em carne e osso, que o digam os nossos amaveis collegas da noite...

MARION

O publico em visita ao Itamaraty. Aspecto commum em um dos sumptuosos salões do Palacio da nossa Chancellaria.

A prospera cidade de Ouro Verde, na zona do ex-Contestado (Paraná-Santa Catharina) tributou, ha pouco, ao illustre titular da pasta da Viação, dr. Victor Konder, uma expressiva homenagem, que tem sua melhor legitimidade nos valiosos serviços prestados áquella região por aquelle eminente estadista patricio, cujo busto foi ali solennemente inaugurado. Representou o sr. ministro da Viação na cerimonia do acto inaugural o nosso prezado companheiro Hermes Fontes, official de gabinete de s. ex. Nesta pagina vêem-se, ao alto, no primeiro plano, o poeta Hermes Fontes entre as graciosas senhoritas da sociedade de Ouro Verde que serviram o almoço de 150 talheres offerecido aos representantes do ministro da Viação, e da directoria da E. F. S. Paulo-Rio Grande, e, em baixo, o busto inaugurado na praça e avenida Victor Konder.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

O Santo Graal da Provença

DURANTE a vida de Mistral, cujo centenario se celebra este mez, os poetas da Catalunha e da Provença se reuniram varias vezes em jogos floraes. Num delles aquelles enviaram a estes uma taça de prata artisticamente cinzelada pelo esculptor Fulconis, com esta inscripção: Record ofert per patricis catalans als felibres provenzals per la hospitalitat donada al poeta catalan Victor Balaguer. 1867.

Desde essa data, a copa cinzelada circula de mão em mão nos banquetes em que fraternizam os poetas da lingua d'oc. E' como um Santo Graal moderno. E cada qual, nos seus bordos, pousa religiosamente os labios. Ajuntaram-se este anno todos os homens de letras do mundo para celebrar o centenario do grande Frederico Mistral, e nunca houve reuniões mais bellas para commemorar estadistas ou politicos, gente que a humanidade esquece. E a copa sagrada circulou, como de praxe, symbolicamente, de mão em mão A terra inteira commungou espiritualmente com o mago delicioso de Mireio.

"Essa é que a gloria que eleva, honra e consola!" — exclama Machado de Assis.

M.B.

(Ao brilhante "conteur" e fino ironista BERILO NEVES)

UM a um, começaram a chegar os convidados do dr. Steves. Eram figuras de grande renome nos meios scientificos da Europa: o dr. Bruce, o grande cirurgião inglez; Whilhelm Strilbitz, o notavel chimico allemão; Kristkoff, o famoso encyclopedista russo; Garletti, o maior sabio da Italia moderna, e tantos outros de igual nomeada.

O creado indicou-lhes o salão onde ia se realizar a conferencia, a sensacional revelação da maior descoberta scientifica de todos os tempos. Momentos depois, entrou no salão o dr. Steves, sobraçando um volumoso maço de papel. Não falou a ninguem. Tomou logar á tribuna e em seguida leu, pausadamente, a longa e interessante conferencia.

— Meus senhores! — disse o dr. Steves, ao terminar. — Como vêdes, a minha descoberta é o que ha de mais extraordinario e prodigioso! O elixir radio-vital é a maior maravilha deste seculo! Cura todas as enfermidades. Si o derdes a beber a um recemnascido, elle jamais soffrerá de qualquer doença. Uniformiza a existencia humana, conserva a mocidade e prolonga o cyclo vital. Todos os individuos poderão viver, isentos de qualquer enfermidade, durante cento e cincoenta annos, morrendo em seguida suavemente, como si adormecessem para um brando somno, povoado de sonhos lindos...

Os ouvintes estavam verdadeiramente assombrados com a revelação inesperada do dr. Steves. Kristkoff, porém, exigiu que o sabio fizesse uma demonstração experimental *in anima nobile* da descoberta, e os demais apoiaram essa exigencia.

— Farei, meus senhores, o que desejaes. Agora mesmo podereis assistir á experiencia... — declarou o dr. Steves.

E, immediatamente, fez entrar no salão um velho andrajoso, de cabellos encanecidos, com o corpo roido de ulceras e os movimentos tolhidos pelo rheumatismo. Antes de applicar a milagrosa tisana, o dr. Steves fez questão de que os assistentes examinassem o paciente, para se certificarem de que não se tratava de um actor, previamente industriado para aquella scena.

Os sabios examinaram detidamente o miseravel que ia sujeitar-se á experiencia. Era, de facto, um doente, um pobre mendigo minado por terriveis males. O dr. Steves deu-lhe então a beber meio litro de uma poção côr de esmeralda, e friccionou-lhe vigorosamente a cabeça e os pés.

Milagre diabolico! Como o heroe do poema de Goethe, como o velho Fausto, o mendigo em poucos minutos começou a remoçar. Os cabellos iam-se ennegrecendo gradualmente. As ulceras cicatrizavam e desappareciam. O sangue affluia-lhe ao rosto com abundancia. Meia hora depois, estava completa a metamorphose e o paciente tão guapo e loução como um rapaz de vinte e cinco annos.

Os sabios, estupefactos, os olhos desmedidamente abertos, presenciaram o milagre sem dizer palavra. E continuavam mudos como si a surpresa os tivesse privado do dom da palavra. O descobridor do elixir radio-vital foi quem quebrou o silencio que pesava sobre o ambiente:

— Então? Reconhecem os senho-

(Conclue na pag. seguinte)

A Descoberta Maravilhosa

(Conclusão)

res a efficacia da minha descoberta?

— E' uma maravilha!
— Portentosa!
— Extraordinaria!
— Soberba!

E assim se succediam as mais enthusiasticas exclamações.

O descobridor da milagrosa droga poz um espelho na mão do paciente. Elle ficou pasmado com a subita transformação, que no seu organismo se operara. Soltou um grito de alegria e, logo depois, uma serie de horriveis guinchos, e ficou a rolar pelo chão, fazendo tregeitos simiescos... Enlouquecera com a brusca mutação da velhice cheia de padecimentos e miserias para a mocidade cheia de risos e alegrias, que elle suppunha nunca mais voltasse...

Esse acontecimento, entretanto, não teve para os sabios a menor importancia. Chamaram um carro-forte do manicomio e, depois do louco ter sido retirado do salão, continuaram a discutir sobre a formidavel descoberta.

— O mais interessante é que se trata de uma formula tão simples, que qualquer pessôa poderá preparar em casa o elixir radio-vital, — disse o dr. Steves, com grande admiração para os circumstantes. — Dentro de quinze dias, revelarei ao mundo inteiro a formula milagrosa que o acaso poz na minha mão... O acaso, porque a elle, mais do que a mim, devo o successo das minhas pesquisas...

* * *

Os jornaes londrinos estamparam, no dia seguinte, noticias detalhadas da sensacional conferencia e da experiencia que o doutor Steves com tanto exito realizára.

O espirito publico estava inteiramente empolgado pela ruidosa descoberta, que promettia prolongar a vida da pobre humanidade, achacada por milhares de molestias, em torno das quaes floresce a poderosa industria dos medicamentos...

Mais sensacional, porém, foi a reportagem publicada, dois dias mais tarde, sobre o assassinato do dr. Steves e o desapparecimento do seu livro de formulas. A policia incansavel e arguta de Scotland Yard descobriu que o assassino fôra o dr. Gordon, presidente do Syndicato de Medicina e Pharmacia, que se deixou enforcar serenamente, sem revelar o local onde havia posto o livro que continha a formula do elixir radio-vital...

Archeologia da Dôr

(Inédito para o Fon - Fon)

Incomprehendido coração!
por que sem tregua insistes
no culto dedicado aos themas tristes?

Teu sentimento
é uma cidade abandonada,
uma cidade soterrada
pelo convulsivo movimento
da desesperação.
Num scenario desanimador
lá estão
os productos fataes da tua dôr,
em revoltos montões
esparsos pelo chão,
como os restos de antigas civilizações:
dos Jardins da Belleza, onde a esplendente flora
reverdecia com pujança;
dos Templos da Alegria, esses Templos que outr'ora
ecoavam melopéas de esperança;
e dos sumptuosos edificios
do Trabalho abençoado e productivo,
sómente restam pallidos resquicios
num tenebroso e subterraneo archivo
de inutilização, de ruinaria!

Por que cheio de fé tu não buscas trazer,
á vivificadora luz do dia,
os monumentos do prazer
que o desespero fez tombar,
tentando para sempre os arruinar?
Vae! levanta-os de novo aos velhos pedestaes!
e emquanto lhes decifras os signaes
dos desgostos passados,
por ti mesmo gravados,
lapida-os outra vez cuidadosamente,
artisticamente.

E a cidade soterrada e escura,
onde habitava o tédio e a amargura,
aos intensos clarões do sol refulgirá,
e reflorescerá!

Else M. N. Machado

Girandola

LEO-FABIO

VOOS, VERTIGENS E RISADAS

ESTOU a imaginar, Wanda Elysea, o que me vae você responder a esta carta, com a qual lhe remetto quatro livros novos: um risinho e uma gargalhada — um risinho de estranheza, misto de estranheza e curiosidade, e uma gargalhada sadia, de camaradagem e desafio á discussão...

Você começará assim: "Com certeza, andaste por baixo do arco-iris, ou estás socio de alguma tinturaria literaria, succedanea da antiga "Padaria Espiritual do Ceará". Porque, dos volumes que me envias, um é cinza (O Vôo interrompido), outro é rubro (Gritos do meu silencio) outro é azul-branco (poemas de Paula Barros) e outro é verde (Vertigem, de Martins Capistrano).

Até aqui, vae o risinho, de troça amavel, badinage intercordial.

Depois, é aquella gargalhada sadia, em que você mostra os dentinhos miudos, que parecem um teclado de piano de boneca e põe logo a gente á vontade, afim de querelar com você, de egual para egual. E' então você principia a sabbatina: Oliveira e Silva, já li: é poeta mesmo. Oswaldo, idem: poeta, authentico e personalissimo. Paula Barros, miniaturista, lavorista de themas exquis e paizagista verbal dos portentosos scenarios da Amazonia. Só me falta lêr o Capistrano, e estava devéras curiosa, porque, ainda hontem, no parque, á hora do sahir da missa, vi duas creaturas elegantes, uma loura e outra morena (Moema e Graziela) de olhos baixos para um livro de capa verde. Acheguei-me, varias vezes, sorrateira, a ver si lia o titulo e só ia até ao VER... ver...? Versailles, ver... dades, ver... gontea, ver... sões ver... satilidade... ver... o que?

A Risoleta, que é tambem curiosa (eu quasi não o sou) procurou igualmente achegar-se e concluiu que, sendo verde a capa, o titulo devia ser "VER... de-mar, ou ver-gaio"...

Afinal, parece que você adivinhou nossa ansiedade e aqui temos o livro: Vertigem.

O Capistrano é, de facto, um elegante chronista; Themas finos, abordagem facil, estylo claro e móbil. Ingenuo, muitas vezes; romantico, quasi sempre... Diga-me... Elle não seria aquelle que você me apresentou no Automovel-Club, com o Povina e o Neves-Manta?

O Manta (cujo livro achei tambem interessantissimo) me olhou muito com aquelles olhinhos furantes de Guerra Junqueiro desbarbado, refundido em perfil de Rostand, baptizado em Pernambuco e graduado no Rio. O Povina, baixote e pallido, com aquella bella cabeça, larga e firme, illuminada de uns olhos vivos e leaes. O Capistrano, estampalido, com um ar bien-élancé do granadeiro do rei, mas perfeitamente identificavel pela fronte romantica, pelos grandes olhos sonhadores...

Estava eu nessa duvida, mas abro o livro e — ecce homo!

Eu, a Risoleta e a Pequenita, já lemos o livro todo; A Risoleta, sem negar o valor de certas paginas mais ousadas e ironicas, prefere a nota chic, como a do primeiro conto e a de Mme. Mysterio. A Pequenita é mais por aquellas paginas da Melancolia e do Infortunio (sempre sonhadora...) E até Lyginha, ao saber que o Capistrano é do Fon-Fon, foi logo tagarelando:

Do Fenfão, eu gosto do Baspostrfla, do Marimpôpe e do Gastisprano...

— E do Gustavo?

— Ahn! Jão di Norte é muito engraçado, mais fali muito em sórdado e gente ruim da estranja...

Não se importe, aliás, o Gustavo. Você tambem foi boycottado: a Lyginha diz que você fala muito em beijo e ella prefere bonbon de chocolate..."

Não quiz imaginar o resto do que você me escreverá, Wanda Elysea. Dou, porém, parabens ao Capistrano: porque só ahi, em casa de vocês, elle conta tres leitoras certas...

QUANDO FLORESCEREM OUTRAS ROSAS...

PERDÔA-ME pelas promessas não cumpridas que te fiz. Pelos sonhos que o meu coração de poeta ajuntou no teu coração. Pelo mundo de encantamentos em que viveste muita vez, acreditando no que eu te dizia. Perdôa-me, figura suave de moça linda, pelas rosas de alegria que espargiste no meu caminho de esperanças...

* * *

Não sou culpado. Ha sempre um destino unindo ou separando criaturas. Quando te encontrei, eu tinha a alma torturada e tu o coração ansioso pela vinda do amor. Eu lembrava um crepusculo e tu, esplendida madrugada. Nos meus olhos havia nevoas de lembranças amargas: anseios de vida nova agitavam o teu "eu".

* * *

Certa noite, do teu piano, cujas teclas são escravas de tuas mãos, soluçou um tango triste, que contava uma historia triste. Essa historia era a minha. Gritaram, então, dentro de mim, o meu passado e o meu grande amor antigo. E eu tive uma saudade dolorosa e infinita do meu passado e do meu grande amor antigo...

* * *

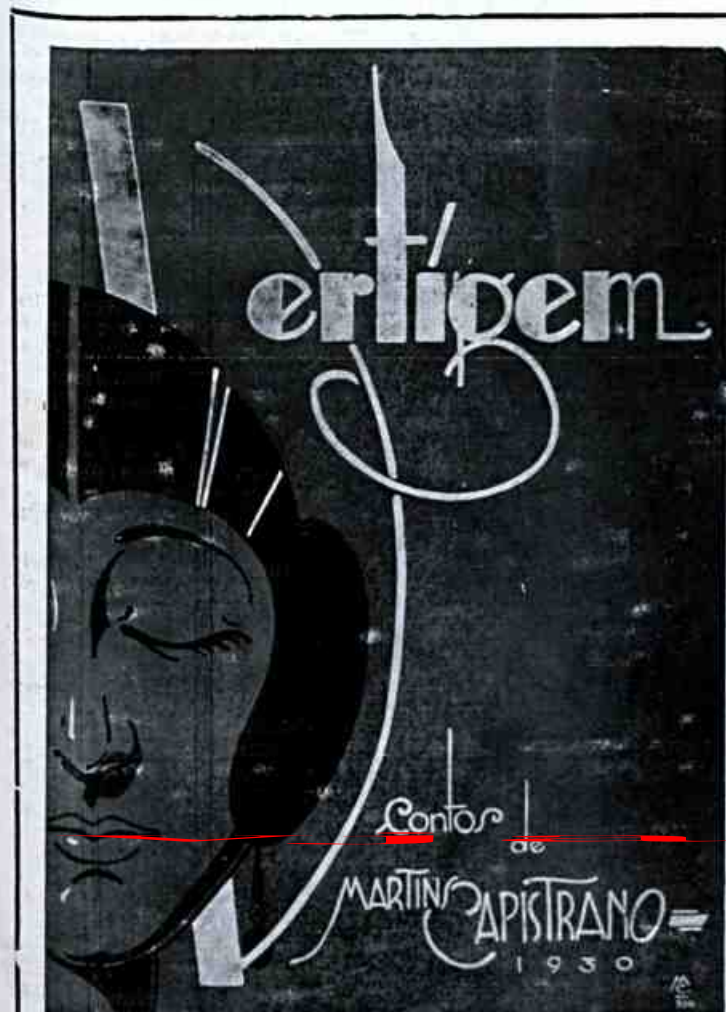
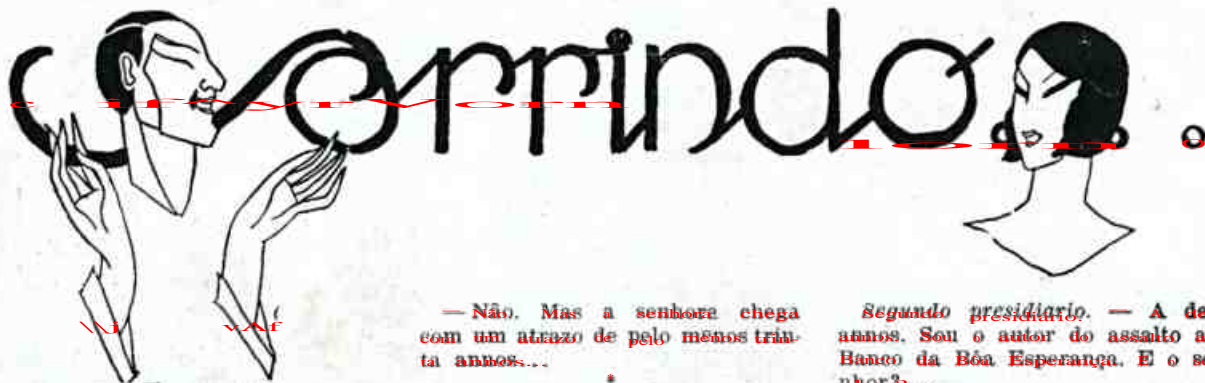
Meu coração, que era um fim de tarde, se converteu em festa magnifica de sonhos quando perdoei á eleita arrependida e amorosa. Ella vinha de novo para a minha vida... Eu nem sei completar a phrase. Esqueci-te. E até as rosas de alegria que espargiste no meu caminho de esperanças...

* * *

Mas, perdôa-me, figura suave de moça linda. Tinhas o coração ansioso pela vinda do amor e eu, a alma torturada. Uniu-nos o destino para nos desunir depois. Para que o lamento, a revolta inutil? Eu sei que a minha imagem ficará por algum tempo no cofre das tuas saudades, eu sei. No emtanto, quando florescerem outras rosas em tua alma, saudando o teu novo amor, ella desapparecerá. Perdôa-me por tudo isto. Perdôa-me pela victoria do teu proprio coração, ao se desmanchar em sorrisos para receber o teu futuro eleito...

Paschoal Imperatriz.

FABRICA DE CALÇADOS SOUTO

Por descuido de revisão, no annuncio que a conceituada Fabrica de Calçados Souto inseriu no numero proximo passado desta revista, sahiu errado o nome da firma proprietaria do referido estabelecimento, que é Ferreira Souto & Cia., e não Teixeira Souto.

Elle. — Vem commigo ao baile desta noite.
Ella. — Impossivel: tenho que ir ver "Tristão e Isolda".
Elle. — Pódes trazêl-os tambem...

*

Quinze dias depois de seu casamento, e quando ainda se achava na tradicional viagem de lua de mel, recebeu Serafim um telegramma participando-lhe a morte de sua sogra, que era viuva e muito rica.
Quando Serafim regressou á cidade, mandou gravar no sepulchro da mãe de sua esposa esta simples inscripção:
"A' melhor das sogras!"

*

O homem economico. — Por que gastas tanto dinheiro em teus ternos? Os baratos são melhores. Pois olha: comprei este que viste por 150$000 e si te dissesse que me havia custado 300$000, tu acreditarias.
O amigo (examinando a fazenda). — Acreditaria, sim... mas si mo dissesses por telephone...

*

— Qual é o ordenado de um professor de mathematica?
— Uns oitocentos mil réis por mez.
— E quanto ganha um campeão de box?
— Uns quinhentos contos por anno.
— Que escandalo!
— Sim. Mas já viste cem mil pessôas applaudindo um homem que explicasse a taboa de Pythagoras?...

*

Uma mulher bastante velha e feia apresenta-se em um escriptorio commercial e dirige-se ao chefe:
— Venho pelo logar vago de dactylographa, conforme o annuncio do jornal.
Ao que o chefe responde:
— A senhora chega bastante tarde.
— Então já foi preenchido o logar?
— Não. Mas a senhora chega com um atrazo de pelo menos trinta annos...

*

Pedrinho dirigia-se á escola e, no caminho, encontra um guarda, a quem cumprimenta, tirando-lhe o chapéo. Chegando á escola, a professora, que observára o seu gesto de cortezia, lhe diz:
— Estou satisfeita comtigo. Vejo que já és um menino educado e tens respeito á policia.
— Sim, professora — responde Pedrinho: — aquelle guarda é o que leva papae para casa todos os sabbados á noite...

*

Em um theatro de Madrid se annunciava a estréa do drama de Gertrudes Gómez de Avellaneda, intitulado "O fio do destino."
Bretón de los Herreros, o melhor autor da época, ao ler esse titulo, exclamou:
— Melhor faria essa senhora em conhecer o destino do fio...

*

O patrão. — Antonio, esquecemo-nos de mandar registar as cartas...
O empregado. — E' verdade. Nós somos mesmo uns idiotas!...

*

A patrôa, superstíciosa, grita, aterrorizada, chamando a criada:
— Maria! Maria! Acabo de quebrar o espelhinho da minha bolsa!... Que irá acontecer commigo?...
— Não se alarme, patrôa — tranquilliza a criada. — Eu acabo de quebrar o espelho grande da sala de visitas, e, no emtanto, aqui me vê a senhora com a maior calma deste mundo...

*

Na cadeia.
Primeiro presidiario. — A quantos annos está condemnado o senhor?
Segundo presidiario. — A dez annos. Sou o autor do assalto ao Banco da Bôa Esperança. E o senhor?...
Primeiro presidiario. — Eu estou condemnado a vinte annos. Sou o fundador do Banco...

*

O poeta Paula Ney, famoso pelo seu talento e pelos seus humorismos candentes, precisando um dia, urgentemente, de algum dinheiro, dirigiu-se a uma casa de penhores levando seu magnifico relogio, presente de seus admiradores.
O dono da casa examinou detidamente a joia e perguntou ao poeta:
— Ouro morto?...
E Paula Ney, desolado, respondeu:
— Ainda não: está agonizante...

*

No Salão.
O pintor. — Que lhe parece meu quadro? Qual sua opinião?
O critico (com petulancia). — Não vale nada.
O pintor. — Não importa: diga-a mesmo assim...

*

Um joven cearense chegado ha pouco ao Rio, afim de matricular-se na Faculdade de Medicina, installou-se em uma pensão do Cattete que não primava pela limpeza.
Um dia de chuva, a dona da pensão colloca na porta um cartaz com os seguintes dizeres:
"Tenham a bondade de limpar os pés."
E o estudante cearense, espirituoso e ironico, accrescentou, logo abaixo:
"... ao sahir."

*

— Julguei que o senhor odiava os saxophones.
— Sim, senhor. Detesto-os.
— Então, por que comprou um para seu filho?
— Porque odeio ainda mais os meus visinhos...

*

...ma mulher inscreveu-se em um concurso de cozinha.
— Que coincidencia! Pois a minha tambem!
— Assim? E que remedio usa você para o estomago?...

Que pretensão

Foi outro dia: Uma rosa,
Toda a tremer e nervosa,
Pedia, insistente, ao sol:
Dae-me, ó meu rei poderoso,
O perfume delicioso
Do **"Sabonete Eucalol".**

Notas de Arte

Oscar D'Alva

A grande pianista brasileira sra. Guiomar Novaes Pinto, que a 12 do corrente, sexta-feira proxima, realizará um recital, no theatro Municipal.

e idealiza a tragedia da morte nas regiões adustas, assoladas pelo flagello das seccas. Depois, dois quadros de psychologia feminina: *Epilogo de romance*, de Balthazar da Camara, e *Felinos*, de Francisco Acquarone. A saudade de tempos idos, que lhe evoca a leitura, traduz-se, intensa e viva, na physionomia da velha leitora, dando-nos a impressão de que viveu paginas do romance lido. E os olhos da peccadora, desnuda, deitada num divan, fitam com o mesmo olhar contundente e profundo do felino cuja cabeça adorna o tapete sobre que repousa o divan. Toda a alma de Venus impudica reflecte-se-lhe no tigrino olhar. Em seguida deparam-se-nos dois auto-retratos, palpitantes de vida e de verdade, duas bellas producções de Rodolpho Amoedo e de d. Sarah de Figueiredo. Contemplando-os, contemplam-se realmente os dois artistas que os pintaram: parecem photographias, pela precisão dos traços. E se o de Amoedo revela todo o sabor technico do mestre, o de d. Sarah, sem ter, talvez, a mesma perfeição, dá-nos uma grande, uma extraordinaria impressão de verdade: a physionomia da retratada parece animada, mudar de traços e de côr, viver dentro do quadro.

Viva impressão causou-nos o quadro de Balthazar da Camara — *Quem dá aos pobres empresta a Deus*. A figura do mendigo é tão expressiva na sua attitude, que parece ouvir-se-lhe o pedido da esmola.

E *Revista*, de Antonio Rocco? Que força de expressão na physionomia attenta da leitora! Sendo o quadro mais subjectivo que objectivo, pintando com mais belleza o estado interior, a alma attenta, que o objecto exterior, a revista lida, me-

O SALÃO DE 1930 — De 370 trabalhos expostos, comprehendendo 223 de pintura, 56 de esculptura, 28 de gravura de medalhas, 6 de gravura lithographica, 18 de architectura e 39 de artes applicadas, não é possivel dar a impressão, mesmo summaria, nas rapidas linhas de uma chroniqueta. Entretanto, sem pretender realizar o impossivel, assignalamos o que mais nos impressionou nas tres rapidas visitas que fizemos á grande exposição de artes plasticas.

Destacamos em primeiro logar as grandiosas telas de Antonio Parreiras — *Labor* e *Terra flagellada* — duas creações em que a arte, a serviço social, fixa, com verdade e com belleza, scenas e paizagens da vida rural.

O famoso Quartetto de Londres, que estréa hoje nas vesperaes de arte do theatro Lyrico.

recia ser chamado antes *Attenção*, que *Revista*.

E a *Hora do milho*, de Dakir Parreiras? E' dos mais notaveis do salão, pela mais intima harmonia entre a realidade e a imitação. Parece que a distribuidora da ração ás aves está caminhando no aviario...

Mais ou menos no mesmo plano, pela correcção das linhas, combinação das côres, effeitos de luz e sombra, vida das figuras e verdade das paizagens, avultam os quadros de: Almeida Junior — *Despertar* e *Amendoim torrado*; Martins Vianna — *Samba carnavalesco*; Augusto Bracet — *Sacrario*; Bernardino Pereira — *Um só, Yayá*; Carlos Oswaldo — *Veronica* e *Trio*; Cesar Turatti — *Wanda*; E. Visconti — *A Casa*; Fiuza Guimarães — *A vaga*; Helios Seelinger — *Dançarino, Machinas, Altos e Baixos*; Jordão de Oliveira — *Vaqueiros do Norte*; Maria Francellina — *Alvorada*; Marques Junior — *Primeiros raios de sol*; Orozio Belem — *Nú*; Oswaldo Teixeira — *Retratos das sras. E. J. e Karl Eickhoff*; Paulo Fonseca — *Morro do Geribá, Bico do Papagaio*; Pedro Bruno — *Divino Poeta*; Raul Pederneiras — *Arvores do Xatal*; Theodoro Braga — *Anhanguera!... Anhanguera!...*

Notamos, finalmente, muitos outros quadros que ainda nos parece merecerem especial destaque, taes como *Mendigo*, de Scavone; *Antigo jardim alpestre* e *Arvoredos de S. Paulo*, de Augusto de Freitas; *Paizagem*, de Henrique Cavalleiro; *O Pão de Assucar*, de Lucilio de Albuquerque; *Pico do Andarahy*, de Manoel Faria; *Sitio do Pau d'Alho*, de Manoel Garcia; *Paredes Velhas*, de Mario Nunes; *O morro da Gloria*, de Raul Pederneiras; *Retratos do sr. e da sra. Vaccani*, de H. Bernardelli; *Lac de Vincennes*, de Dakir Parreiras; *Cajóás da nossa terra*, de Levino Prazeres.

Entre os trabalhos de esculptura, os que mais nos impressionaram foram: *Bamba*, de Achilles

Notas de Arte

(CONCLUSÃO)

Araujo; *O Trabalho*, de Humberto Cozzo; *Meus desvelos*, de Magalhães Corrêa; *Vasques*, de Modestino Kanto; *S. Sebastião*, de Ugo Bertazzon. E, entre esses, *Bamba* e *Meus desvelos*, pelo dynamismo que flue de todo o corpo do primeiro e pela alma que anima as physionomias das duas figuras do segundo.

Das gravuras de medalhas, o que avulta, entre todas, com muito relevo, é o triptico de Adalberto de Mattos — *Os Labdacides*.

Na secção de gravura e lithographia sobresahem as composições de Henrique Cavalleiro, cada qual mais bella: *Salomé*, *Cabral* e *Mauricio de Nassau*.

Na sala de architectura, destaca-se, pela grandeza da inspiração civica e pela belleza da concepção esthetica, o projecto do *Monumento aos Precursores da Liberdade Nacional*, de Ludovico Berna. E agradam, pelo valor puramente technico e esthetico, os projectos architectonicos de Maurice Noziéres e Paulo Ribeiro: *Monumento ao dr. Ramos de Azevedo* e *Sociedade Sul Riograndense*.

Entre as producções de artes applicadas, assignalamos *Buddha* e *Indio*, de Max Grossman; *Sapo*, de Gonot; e *Mosaico* com afresco representando a *Sagrada Familia* de Andréa del Santo, por Alexandre Formonti.

Numa visão panoramica, a 37.ª Exposição Nacional de Bellas Artes, se não revela genios, mostra, no emtanto, que o Brasil possue não só artistas merecidamente consagrados, mas tambem grandes e esperançosas vocações.

ELISABETH SCHUMANN — Foram momentos de rara esthesia, os que nos proporcionaram os concertos de Elisabeth Schumann no theatro Casino, em as noites de 28 e 30 de agosto.

Acclamada mundialmente como a suprema interprete de Lied, a celebre cantora allemã justificou plenamente a merecida fama. Ouvil-a é dos mais requintados gozos espirituaes. Voz sem defeito, arte sem jaça, a excepcional cantora dá-nos a impressão de extase. Cantando, embora, numa lingua com que estamos pouco familiarizados, sem conhecermos a *letra* de quasi todas as peças cantadas — nada disso impediu que tivessemos as mais deliciosas emoções. O canto, por si só, dizia tudo. Dizia não só nas inflexões da voz, magnificamente educada, mas tambem nas mutações do rosto, na expressão do olhar. Era de ver-se como sabia enthusiasmar e commover sem recorrer e nenhum artificio vocal. O que enthusiasmava e commovia eram os esplendores da sua arte, servindo uma deliciosa voz, aveludada e pura, capaz dos agudos mais brilhantes e dos mais tenues pianissimos, sem perder nunca a maravilhosa musicalidade. Tudo foram primores nos inesqueciveis recitaes. Desde a *Aria de Suzanna*, das *Bodas de Figaro*, de Mozart, com que iniciou o primeiro concerto, até *Cecilia*, de Karl Alwin (?) com que encerrou o segundo, revelou a eminente cantatriz, em subido gráo, a perfeita comprehensão das obras interpretadas, seguindo sempre uma linha de rigorosa fidelidade aos autores, sem exageros nem artificios. Pareceu-nos que Mozart, Schubert, Bach — que nos foi revelado sob um aspecto para nós desconhecido — Brahms, Strauss, todos os compositores ouvidos tiveram as suas obras interpretadas taes como as escreveram. A grande cantora só lhes foi collaboradora, porque lhes deu a vida de uma incomparavel interpretação. Mas se tudo foram admiraveis provas de arte requintada de Elisabeth Schumann, nem por isso deixaremos de assignalar os numeros que mais especialmente nos emocionaram, as bellezas que nos pareceram mais bellas: *Juengling an der Quelle* (Juventude em flor) e *Der Lindenbaum* (As tilias), de Schubert, e *Feldeinsamkeit*, (Solidão campestre), de Brahms.

Prestou inestimavel concurso ao grande exito da extraordinaria cantora, o seu esposo, illustre musicista, Karl Alwin, que fez o piano tambem cantar, acompanhando o canto de Elisabeth Schumann.

MARTHA SILVA GOMES — Coincidindo o recital da illustre declamadora patricia, sra. Martha Silva Gomes, com o 1.° concerto da celebre cantora allemã, sra. Elisabeth Schumann, só pudemos ouvir a 3.ª e ultima parte do programma da recitalista. Mas foi das melhores a impressão recebida: fez-nos lamentar não termos assistido ás duas primeiras partes. Realmente, Martha Silva Gomes, seguindo, embora, processo declamatorio que não nos agrada — apesar de nelle consistir restrictamente a verdadeira declamação, isto é, uma elocução intermediaria entre a recitação e o canto — nem por isso deixou de nos emocionar muitas vezes, pela vibração com que diz os poemas verbaes, esmaltando-os com a sua voz de tonalidades quentes e expressivas, e com a sua sensibilidade, dotada de notavel força communicativa.

Agradou a artista em todos os numeros que ouvimos, mas foi sobretudo commovente, iamos dizer empolgante, ao viver os versos: de Olegario Mariano, *O menino doente*; de Silveira Netto, *Peregrinos*, e de Olavo Bilac, *In extremis*.

Foram muito bem merecidas as palmas e as flores com que foi calorosamente ovacionada a distincta senhora, que é hoje, com justiça, uma das mais queridas e applaudidas interpretes da poesia brasileira.

SABONETE
SUCCO DE LIMÃO
Ninguem desconhece as qualidades antisepticas e hygienicas do limão.

CONQUISTADOR!

Do general ao gaúcho
E do abbade ao sacristão,
Do homem pobre ao de luxo,
Do vigarista ao ladrão,

ESMALTE LIQUIDO PARA UNHAS
"ORIENTAL"
O DE MAIS LINDO EFFEITO

Da dama chic á operaria
E do velhote ao gury,
Segue a fama extraordinaria
Do sabonete DORLY.

SABÃO PARA BARBA
BEIJAFLOR, creme, cylindrico ou em pó.
NÃO HA MELHOR PARA BARBEAR

Ha varios gostos na vida:
Ha quem faça bungalows
Ha quem chispe na corrida
dos seus quatre-vingts chévaux

Mas para um bom tête-a-tête
Todo elegante e rempli
Só usando na toilette
O sabonete DORLY.

LEITE DE BELLEZA
"ORIENTAL"
Infallivel contra Manchas, Sardas e Espinhas

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E. . . DETESTAVEL

LOUCURAS DE UM BEIJO

DA FOX

Cinema ODEON — O que se impõe acima de tudo, nesta pellicula graciosa e bella, é o ambiente em que ella deslisa, que lhe accentua em muito o seu sabor romantico. O argumnto tm um desenvolvimento um pouco inverosimil et *pour cause*. Isso não diminue para o agrado do publico o merito da pellicula. O publico é o eterno ingenuo, a eterna creança que gosta que a embalem com estas illusões. A interpretação é excellente. Don José Mojica é uma figura viril, possue uma voz agradabilissima, e, embora não seja um actor consummado, está bastante á vontade deante da objectiva. Da parte technica do filme, não é preciso falar, nem quanto ao trabalho de laboratorio, nem quanto á musicidade do filme. E' da Fox e basta. A pellicula justifica plenamente o successo que tem obtido.

Cotação — BOM

THESOUROS DO CORAÇÃO

DA RADIO PICTURES

Cinema PATHE' — Filme dramatico de ambientes em contraste: o brutal até á violencia inverosimil e o elegante até á distincção. E' um passado entre gente do mar, empolgada pela paixão e pela seducção da belleza que não comprehende. O argumento não tem muito de original. Já se viu disto por varias partes. Isso não diminue o merito da interpretação que Estelle Taylor e Ralph Ince procuram tornar o mais realista possivel. Para os que gostam de scenas violentas, brutaes e impressionantes, a pellicula serve admiravelmente ao seu paladar. A nós não agradou.

Cotação — SOFFRIVEL

FLOR DO ASPHALTO

DA UFA

Cinema RIALTO — E' um drama social, com todos os caracteristicos dos studios germanicos que não produzem pelliculas para gastar filme virgem com futilidades. Apesar do objectivo philosophico que caracteriza o filme, ha dentro delle um argumento de fina sensibilidade amorosa, que leva o espectador de principio ao fim do seu sequente desenvolvimento, preso aos sentimentos apaixonados das bellas figuras que animam o scenario. Betty Amen, na sua figurinha delicada, não terá sido talvez uma grande escolha para a interpretação real deste argumento. Entretanto, ella é uma artista e na vida real seria capaz de seduzir centenas de policias

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

por esse mundo. Nas magistraes scenas violentas com Gustav Froelich ella empolga e vence o publico. A direcção do filme é de um grande poder de realismo. Os ambientes são apresentados com um rigor de observação e de detalhes, que honram muito a cinematographia germanica. A synchronização da pellicula é de molde a deixar uma impressão agradabilissima.

Cotação — MUITO BOM

HOMENS PERIGOSOS

DA FOX

Cinema PATHE' PALACE — Ha um certo publico que aprecia de preferencia os filmes de ambientes elegantes e luxuosos, independente do merito artistico da pellicula. São os que procuram na tela uma illusão, já que a fortuna os não favoreceu com tudo aquillo que elles alli vêem e do que gostam. Esses devem ter ido ao Pathé Palace. *Homens perigosos* é a pellicula requinte no genero. Não se conclua daqui que se trate de uma futilidade somente. Sem favor, se lhe póde conceder até certos fins de moral social, denunciando quanto são perniciosos esses *ladies men* que são de todos os meios e de todos os tempos. Esta elegantissima pellicula da Fox é, além d uma excellente licção de elegancia e bom gosto, um drama de situações realistas e sensantes e impõe-se pela direcção e pela interpretação de Warner Baxter.

Cotação — BOM

O Maior Poder

— Vieste?!

— Vim...

— Até que emfim, minha querida!...

— Tu não me comprehendes, Alvaro...

Alvaro Guerra depôz, no rico cinzeiro de prata, o cigarro que fumava. Muito moço, muito pallido, possuidor desse "todo" romantico que tanto agrada ás mulheres, fôra sempre um vencedor. Os seus labios haviam apurado a volupia de beijos sem conta, e nunca os seus olhos haviam encontrado repulsa em olhos de mulher. Era um vencedor: aquella alcova perfumada que o dissésse... Que o contasse a estatua da Venus de Milo, que se destacava a um canto, muito branca sobre o rico e esculpido consolo de ébano...

Um dia, porém, se postára, entre elle e a felicidade, uma Laura. Inutilmente se quebraram contra a muralha de sua virtude todos os ardis, todas as galanterias, todas as promessas... Era bem o modelo da esposa honesta! Muito linda, dessa belleza sadia das mulheres que passaram a casa dos vinte annos, Laura era casada.

Um bom marido e nada mais, na opinião de Alvaro. Um homem que parecia cumprir meticulosamente os seus deveres de esposo, sem ter, comtudo, essa habilidade, peculiar aos conquistadores, de dizer, ao ouvido sensivel de sua companheira, os canticos de amôr que tanto a impressionam...

E Laura não era feliz... Alvaro o soubéra pela confidencial noticia de uma amiga commum e, desde então, mais do que nunca, assediára a mulher desejada.

— Vem, Laura, para a Felicidade. Esquece a virtude: é um preconceito...

Nada, comtudo, a demovia. Confiante na fidelidade do marido, não queria trahil-o e, embora sentisse que amava loucamente Alvaro, se horrorizava á simples idéa de corresponder ao sentimento delle. Não! Antes de tudo, cumpria que ella soubesse bem guardar a honestidade de seu lar, que não fôra ainda, ella o acreditava, maculada pelo esposo...

Mas, um dia, com pesar profundo, Laura vira cahir por terra a sua illusão, o dique contra o qual, até então, se quebravam os seus desejos de mulher moça e formosa. Seu marido a enganava: não havia duvida possivel! Em uma das gavetas do cofre, esquecida aberta, pudéra ver, com os seus proprios olhos, a prova da infidelidade. Cartas, lembranças, flôres... Cartas nas quaes a outra citava o nome da esposa, o seu nome, na ironia sarcastica das entrelinhas!...

Foi um golpe cruel, que poz por terra a virtude mesma. E surgindo, victoriosa, para uma nova vida, ella, em uma recepção em casa de sua amizade, prometteu a Alvaro: Iria!

. . . .

. . . .

— Mãzinha... Por que te fizeste rogar por tanto tempo?

E Alvaro, fazendo-a sentar-se no macio divan de couro da Russia, se ajoelhou a seu lado, no espesso tapete, e, tomando-lhe as mãozinhas tremulas, continuou, docemente:

— Quanto me fizeste esperar! Mas agora eu me dou por bem pago de tudo... Amo-te, Laura, e hoje tu vens para o meu amôr...

Ella, porém, com lagrimas na voz, mas com a energia das resoluções inabalaveis, cortou-lhe a palavra, com firmeza:

— Não, Alvaro! Não penses que vim aqui para me entregar aos teus braços! Por um momento, hontem, na loucura que me assaltou naquella contradança, eu te prometti que o faria hoje. E minha intenção era, infelizmente, essa... Meu marido, aquelle em quem eu punha a minha confiança, me trahia. Nada de mais havia, pensava eu, em que tambem o fizesse... Hoje, porém, Alvaro, quando sahia de minha casa, para o peccado, ouvi uma voz que me fez ver claro o horror do acto que eu ia praticar: "Mamã, *me leva* com você..." Era meu filho! Era aquelle garotinho idolatrado que, na inconsciencia dos seus quatro annos, soube fazer com que a sua mamã mantivesse intacta a honra de seu lar... Não, Alvaro! Perdôa-me e esquece-me! Jamais serei tua, pois só pertenço a meu filho e a mais ninguem...

E, abafando um profundo suspiro, Laura sahiu, deixando aquella alcova perfumada, habitação do amôr e da volupia...

J. C. NOGUEIRA RIBEIRO

Dá nelle!

QUANDO Alexandrino se aproximava della, da meiga creatura, cuja imagem subtil se lhe gravara no peito, ou quando ingenuamente era ella quem delle se aproximava — caso estranho, Senhor! — ficava o homem afflicto, vexado, nervoso, sem saber explicar a causa disso.

E' que a suave simplicidade, a delicada voz da senhorita e os olhos, cuja luz nos delle ainda persistia, o transportavam deste mundo a um outro mundo muito mais original.

Quando na rua encontrava a singela senhorita com o seu aspecto de deusa, beijava-lhe mentalmente as mãosinhas gentis; e pretendia não a seguir. Porém... quem ha de ficar impassivel deante de uma linda joven?

Placidamente, passava a encantadora estrella; sem saber, attrahindo-o, ella ia bem tranquilla... E elle a seguia como satellite: ainda uma vez queria ver a sua deidade... vel-a e adorar-lhe as fórmas peregrinas...

• • •

Após algum tempo, ajustaram casamento; eram noivos.

Parece incrivel, mas é a pura verdade: tinha Alexandrino tres futuras sogras. Tres, sim: a mãe da pequena e duas tias solteironas, já beirando todas os seus setenta! E sogras passadistas, sogras do seculo do acordar dos povos, as quaes não davam ao pobre moço um naquinho de folga! Nada! Sempre estava uma plantada na frente dos noivos, ao lado delles, a puxar conversa com elles! Sempre elles de sentinella á vista!

Só no cinematographo forravam o poncho, quando acompanhados da cunhada da elegante noiva de Alexandrino. Sabia aquella o que são necessidades em casa de pobre e fingia dormir ao passar das fitas, afim de fazerem os noivos a sua *fézinha* nas caricias mutuas.

Porém, quando acompanhados de uma das taes, era ali-no duro: nem podiam dar um suspiro, porque a sentinella arregalava cada olho de fazer medo ao mais innocente mortal...

E tudo isso supportava o mancebo, dizem as linguas candidas, porque tinha muito amor... ao cobre da pequena! Ingênua perversidade! Talvez o tivesse á propria noiva, que, ainda hoje, por fim de contas, não é nenhuma onça!... Francamente: não é!

• • •

Casaram-se finalmente. Poucos dias após o casamento, commettera Alexandrino pequenino delicto no lar: uma transgressão dos deveres esponsaes; e a senhora, que apparecera sem ser esperada e presenciara o facto, fizera um salseiro dos diabos!

A coisa fôra por isto: a copeira, contratada por ella era muito melindrosa, muito mocinha; e o bisonho chefe de familia, com pena de ver menina tão bonita?

CONTO DE HORMINO LYRA

de modos distinctos, em situação de sobejo humilde, estava a fazer-lhe umas festinhas, quando fôra apanhado de improviso.

Para a senhora não abandonar a propria casa, pois declarara logo ir para a casa dos paes, disse-lhe elle submetter-se ao que ella desejasse: podia dar-lhe bordoada; ali estava de cabeça baixa para, á discreção, fazer delle, a novel companheira, o que julgasse justo; submettia-se até a castigos corporaes, mas, por amor de Deus, não desse escandalo, não abandonasse o lar.

Ella, então, assás nervosa, atarantada, socara-o á larga!

Os criados apreciaram a scena, e, antes do sol se pôr, todo o bairro sabia que Alexandrino apanhava da mulher. Fôra só uma vez, mas ficára espalhada a fama de ser o culpavel marido o armazém de pancadaria da esposa e ninguém acreditava noutra coisa.

Alexandrino, nos tempos de solteiro, fôra estroina; valentão, sem se blazonar de valente; depois de casado, porém, era a mansidão em pessoa, como affirmavam os que o conheceram naquelles bons tempos.

A mulher delle, por causa do acontecido, dominava-o, de sorte á recordar-se esta quadrinha das "Trovas de Hespanha", com tres quartos de arte de Affonso Celso:

"Nada á minh'alma robusta
Causava mêdo;
Hoje me curva e me assusta
Teu debil dedo!"

Queria muito bem á mulherzinha, bonita rapariga, a quem fazia todas as vontades, inclusive a de se lhe submetter gostosamente, uma unica vez, a castigo corporal.

Ganhara fama de apanhar della, mas absolutamente não se importava com isso.

Certa vez, porém, individuo valentão, temerario em commetter delictos, excitara-o, no barbeiro do bairro, com estas palavras:

— Ora, seu Alexandrino! Você não tem vergonha de apanhar de mulher? Pipocas! Você devia mas era levar uma sova dada por homem, para não ser tão molle!

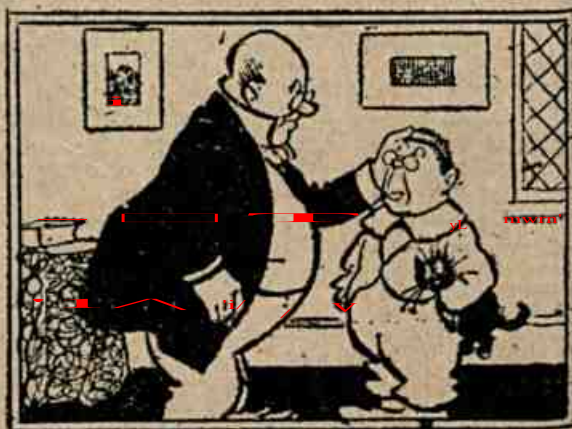
— Ouça, seu Manduca; você trate da sua vida e não se metta com a vida dos outros. Eu apanho de minha mulher porque quero, porque gosto della, porque tenho prazer em apanhar della, e ninguem tem nada com isso! Quanto a homem dar pancada em mim, appareça esse infeliz! Quero mostrar-lhe com quantos paus se faz uma canôa!

— Pois aqui está um, seu sem-vergonha, que dá!

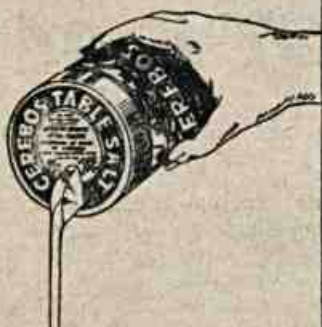
Pulára para a frente do Manduca; e, logo ao pular, verificara este ser Alexandrino de intrepidez admiravel. Muito mais agil, muito mais calmo, muito mais valente, levara maior vantagem; e só a pedido de outrem deixara em paz o temerario Manduca, mas, assim: com a cara escalavrada, côco quebrado, reduzido a trapos, em summa, fez um estrago no valentão, para este nunca mais dizer que *dá nelle!*

ESPIRITO ALHEIO

Ella. — Dizem que os casamentos desiguaes não os mais felizes.
Elle. — Eu o sei; e é por isto mesmo que procuro uma mulher com dinheiro.

— Que fazes ahi?
— Não estás vendo? Tomo banho de sol...

— A professora me castigou por uma coisa que eu não fiz!
— Que foi que não fizeste?
— Os deveres...

O cantor. — "... e, pela formosa Laura, morrerei de bom gosto neste mesmo instante".
Um dos ouvintes (levantando-se). — Não estará por aqui a formosa Laura?

— O teu terno está muito surrado. Por que não o viras pelo avesso?
— Porque, infelizmente, elle só tem dois lados...

Vejam como corre!...
do pacote para o saleiro
— puro, secco e finissimo o

SAL DE MESA

Cerebos

Quando a jovem

se transforma em mulher, é quando mais se deve cuidar de sua pulchritude e de sua commodidade, para evitar-lhe vexames. * * * A toalha sanitaria Modess tem o enchimento muito absorvente e o lado exterior impermeavel para que offereça protecção absoluta. * * * Está feita de flocos muito suaves que a tornam mais commoda e não permittem que se note o seu uso.

Experimente-a.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

Um pequeno detalhe...

muito importante!

Ainda que um homem se vista á ultima moda, se deixar que as pontas do collarinho molle se alcem excessivamente, ou se dobrem e se amarrotem, produzirá uma impressão de descuido.

E indispensavel manter o collarinho em sua melhor posição. Os alfinetes KREMENTZ, além de prenderem bem, são artisticas joias de ouro laminada.

KREMENTZ

O que nem todos sabem

Acaba de ser construido na Italia um modernissimo trem de soccorro, para casos de terremotos, accidentes ferroviarios e toda especie de catastrophes. Esse trem, além dos serviços de Cruz Vermelha, e carros especiaes para passageiros, dispõe de uns compartimentos especiaes destinados a estações telegraphicas e radiotelegráphicas. Dessa maneira, o trem de soccorro não só poderá levar assistencia médica e provisão de viveres aonde seja necessario, mas tambem restabelecer as communicações, geralmente interrompidas em toda catastrophe.

Todos os serviços do novo trem de soccorro são do mais moderno que existe. A machina é rápida e segura, afim de que assim o combolo possa chegar ao logar da catástrophe com maior rapidez que um trem expresso commum.

•

A *bacteriolisis*, ou a destruição dos micróbios pathógenos pelos elementos do sôro sanguineo, foi descoberta por Pfeiffer, em 1895. Um anno depois, Max Gruber demonstrava que o sôro possúe, tambem, a propriedade de agglutinar os micróbios.

•

Parece que monsenhor J. C. Mc Cuigan, que acaba de ser sagrado arcebispo da archidiocese catholica de Regine, no Canadá é o prelado mais moço do mundo. S. ex. revma. conta, presentemente, trinta e cinco annos e é natural de Prince Edward, a mais oriental das provincias canadenses.

•

O osso do cotovelo, que se conhece, vulgarmente, com o nome de *osso da alegria*, não é propriamente um osso, mas um nervo que está perto da superficie, e que, á menor pressão, produz a conhecida sensação nos braços e nos cotovelos.

•

Alguns personagens celebres da historia manifestaram extraordinario affecto aos animaes. Alexandre mimava o seu Bucéphalo. Augusto, a um louro. O imperador Honorio tinha profundo carinho a uma gallinha. Passeroni, poeta italiano, que morreu em 1802, adorava a um gallo, do qual falava sempre em suas poesias.

O Casca Grossa

POR LAURO ANDRADE

MAL se divulgára a morte do Velloso, e já os commentarios fervilhavam pelos cafés e "bars", onde, abancados ao redor de chicaras ou copazios de chopp, os pacatos cidadãos davam livre curso á lingua sobre as novidades de vespera, condimentadas por um tom de maliciosa ironia.

E as anecdotas vinham á tona das conversas picantes desses incorrigiveis tagarellas, relembradas com os exaggeros propositaes de uma dubia e fingida piedade.

Eram historietas da vida intima do fallecido, narradas em tom de necrologio, mal encobrindo o ridiculo de uma tal profanação á memoria de um infeliz homem, cujo defeito maximo, (si merece o titulo de defeito a originalidade inoffensiva, em que vivêra), fôra ter sido excessivamente candido, numa época em que a virtude se vae desvalorizando por ser incompativel com a luta aggressiva de interesses, encobertos pelos convencionalismos sociaes e pela astuciosa hypocrisia.

Os proprios amigos intimos do morto, — si é que os tinha, — não encobriam as peripecias comicas de que haviam sido testemunhas, a attestarem agora, depois de morto o protagonista, uma culpa imperdoavel e que seria a causa unica do fracasso daquelle malogrado cidadão.

— Um casca grossa, rematava um pilherico, num sarcasmo que procura attenuar o rigor da sorte e da miseria em que cahira o Velloso em seus ultimos dias.

Miseria é o termo preciso, pois que Simplicio Velloso da Silveira, mathematico de renome e professor de sciencias naturaes, findára os seus attribulados dias num humilhante catre de hospital.

De volta do enterro, onde, com lagrimas suspeitas, escorropichadas a custo do deposito convencional das emoções do estylo, disséra um discurso nephelibatico em despedida ao morto, um bacharel de letras rendidas, pratico e experiente nesses transes funebres da vida, poz-se a relembrar, emquanto gorgolejava o seu "duplo allemão", outros typos semelhantes, reavivados por sua fertil imaginação e que davam razão ao velho brocardo: *pão torto*...

— O Sarzedas... Lembram-se do Sarzedas? Tal qual o Velloso: alto, espadaúdo, um pouco corcunda e torto, morrêra tambem prematuramente, mas intoxicado pelo alcool. Maestro de fama, muito festejado aos primeiros tempos de sua carreira, viu-se logo depois esquecido e desprezado, porque se entregou ao vicio e vivia a cahir nas sargetas. Diziam que aquillo fôra por causa de uns amores lugubres, inaccessiveis para um typo naquellas condições, quasi grotesco, e cuja unica vantagem residia no seu talento musical. De resto, um eterno objecto de ridiculo a sua esqualida figura...

E o Vallongo, — outro conterraneo desse, — collega de estudos de ambos, e que morrêra miseravelmente, quasi esmoler. Poeta e bohemio, a cultivar inveteradamente o lyrismo parnasico e retardatario com que se extasiam as almas penumbristas, não soubéra se adaptar ás exigencias do dynamismo hodierno, e com seus habitos de contemplativo se deslocára do ambiente em que era obrigado a permanecer, para deixar-se levar de corpo e espirito ao seu pendor idealista, quasi sempre nefasto quanto á vida material. Emfim, todos estes typos, analogos no fundo de seus temperamentos morbidos, merecem estar descriptos num estudo psychologico, dentro da galeria dos anormaes, na alçada dos psychiatras e dos neurologistas, e talvez de um novellista de recursos encyclopedicos, da escola de Balzac, modernizada pelo fundo physiologico do sexualismo á Freud...

"Serviriam, assim descriptos e analysados, de exemplos praticos e authenticos aos seus pósteros, como a dizer, até depois de mortos, na eloquencia de suas derrotas dolorosas: eis como um homem sae vencido quando não sabe vencer sua propria virtude. Paradoxo, talvez. Porem, a pura verdade. E' preciso haver equilibrio entre o bem e o mal, ou melhor, entre a virtude passiva e commoda da inercia e a actividade aggressiva e justa dos bons e dos fortes... Emfim, tudo na expressão dos versos de oiro de Pythagoras:

"Si queres ser feliz, dosa tua virtude e refreia tua paixão".

"Para se gozar o privilegio de ser bom, é necessario antes ser forte ou possuir valores praticos da época —, dinheiro, prestigio ou posição, porque o unico defeito que o mundo não perdôa é o de sermos pobres... Portanto, — concluia o letrado, si o Velloso estivesse ainda aqui nesta mesa, — como era seu costume há um anno atraz, eu lhe diria: "Meu amigo, é preciso ter cuidado com a tua virtude, que é traiçoeira; e actualmente as virtudes estão em decadencia, pelo menos as não sociaes ou catholicas, como diria o Eça..."

E as conversas se estendiam nas "caves" dos litteratos da terra, onde se forjavam as academias e as reputações dos membros das mesmas, numa irrequieta "tesoura" que é o apanagio dos "linguas de prata".

Tambem ouvi taes commentarios, e ao chegar em casa puz-me a pensar no egoismo dos homens e no triste fim do professor Velloso, de quem eu fôra discipulo, no tempo, saudoso dos meus primeiros estudos preparatorios.

E a figura do defunto avivou-se dentro de meu pensamento, a desfilar numa ronda retrospectiva, em que relembrei toda a vida daquelle homem original, victima de si mesmo, porque não soubéra valer os seus direitos sobre os outros. A sua tara physiologica, — pois esta sem duvida dirigia o seu temperamento passivo e sem energias activas, — não alcançara, felizmente, em compensação sabia que a natureza concede, nessas excepções, a sua cerebração privilegiada, e por isto a sua vida intellectual era equilibrada e forte, fecunda até, pelo seu constante estudo, o que lhe déra o justo renome de que gozava platonicamente. Descendo-se, porem, ao lado material, veriamos uma perpetua incoherencia, talvez involuntaria, quasi ridicula, formada pelos pequenos nadas da vida em que elle não soubéra se adaptar para vencer. Sabio e erudito, immerso em constantes especulações scientificas, conseguira fazer-se famoso na cidade, e a modestia quasi selvagem em que se escondia era simplesmente a maneira de se tornar inaccessivel á vaidade...

Timido, de uma timidez quasi doentia, lembrava, á primeira vista, uma pudica donzella. Incapaz de exigir a minima vantagem de alguem, embora fosse a mais justa recompensa ao seu trabalho, não sabia adquirir valor real expresso em dinheiro. O dar, porem, era-lhe grato, nessa prodigalidade aberta que era sua caracteristica superior. Si sabia dar facilmente, era-lhe uma tortura o pedir, o minimo que fosse, nos peores transes de sua crise financeira. Com tal genio, seria fatal a continua crise em suas finanças mal dirigidas, pois elle, imprevidente sempre, se tornava, por esta razão, e sem o querer, um miseravel.

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM A OS ANEMIADOS, VELHOS, CONVALESCENTES.

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTSMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

UM PHARMACEUTICO DA BAHIA, o sr. Jeronymo Rosado Filho, attesta que tem aconselhado o uso do popular e efficaz

PEITORAL DE CAMBARA'

DE SOUZA SOARES

nas affecções bronchicas e das vias respiratorias, tendo obtido em todos os casos os mais lisongeiros resultados, razão pela qual aconselha o uso de tão energico preparado.

—

Para as tosses, bronchites, rouquidão, todos devem preferir o PEITORAL DE CAMBARA' de Souza Soares, que conta mais de meio seculo de successos continuos.

A' VENDA EM TODA A PARTE

CRÊME CANDÈS Oxydante
Dá mocidade, tez limpida e frescura

O Casca Grossa

(Conclusão)

Vivia sozinho, numa casa lobrega, em escusa viella lateral: a sala de visita e de suas aulas tinham apenas umas cadeiras esburacadas e um velho sofá de encosto alcochoado.

Com elle vivia um outro typo tambem anormal: moço ainda, excessivamente barbado, vivia recluso permanentemente numa misanthropia incuravel. Diziam que era um bacharel, victima de um processo judicial, em que era apontado, talvez injustamente, como estellionatario. Quem seria capaz de sondar certo é que o homem vivia recolhido num mutismo aquelle mysterio? Tragedia intima ou publica, o feroz, de accordo, aliás, com a sua feição de troglodita civilizado. O mais interessante era que soffria de umas feridas chronicas, estigma talvez de um passado de orgias e vicios elegantes. A sua molestia se caracterizava, pelo menos assim diziam os alumnos do professor, por um odor fetido insupportavel... Dois bons commensaes, si bem que diametralmente oppostos moralmente...

Mas, a morte do Velloso, no hospital, tivéra uma causa.

..."*Cherchez la femme*". — dirão os scepticos experientes.

Sim, uma mulher havia naquella tragedia.

Loira e esbelta, typo de "girl" yankee, uma dulcinéa vivera na imaginação torturada daquelle infeliz, e tambem na vida real, porque ella realmente era uma mulher de senso moderno, directora de uma escola de commercio feminina, e possuidora de um dote apreciavel.

Para merecer aquelle desejado affecto, que o platonismo não sabia exigir praticamente, vivia entregue ao mysticismo de uma esperança ingenua. Ella tolerava-o, e sabia que elle não merecia o sacrificio de uma vida, que seria talvez immolada por um amor frustrado, fadado a cahir fatalmente no esquecimento e no abandono. Tratava-o com carinho e, quando elle lhe falava no consorcio, mudava de assumpto delicadamente. Assim passaram-se os annos em que ella aproveitava para constituir o seu futuro com o senso pratico das mulheres sem illusões.

Um dia, Velloso adoeceu. Empobrecido, viu-se em breve isolado e sem recursos. Ella offereceu-se como sua enfermeira, e serviu-lhe durante tres mezes de convalescença. Recuperando a saúde, Velloso comprehendeu que o seu desejo era irrealizavel e tornou-se desilludido e ainda mais sorumbatico. Sem energia e sem esperanças, entrou em decadencia physica, ao ponto de tornar-se um tuberculoso por effeito de incriveis extravagancias.

E uma noite, na penumbra do hospital, uma irmã de caridade, tendo á mão um crucifixo, ouvia o doente balbuciar, nos ultimos arrancos da vida.

— Cleonice, Cleonice, Cleo...

E expirou, com um gemido sobre o peito macerado e roxo do Christo de marfim pendente á cruz. A sua alma de santo e martyr das renuncias descreveu, na transcendencia de sua virtude, a sua parabola de transfiguração...

E assim morreu Simplicio Velloso da Silveira, que deixou uma memoria entremeiada de anecdotas tragi-comicas, em que elle figurava sempre como victima de um logro ou de uma perfidia de seus falsos amigos. E todo o seu romance fôra motivado pelo excesso de virtudes passiveis, dessas virtudes não sociaes ou catholicas, como diria Eça, incompatíveis com a hypocrisia deste seculo aggressivo...

AS melhores recordações que uma mulher conserva de seu casamento... são as infidelidades que commetteu.

PERDEMOS uma mulher com a mesma facilidade com que sabemos encontral-a.

QUANTAS coisas são necessarias para *entreter* um homem?... A religião, a autoridade, a opinião publica, seus deveres, seus interesses, sua saúde e seu repouso. No emtanto, ninguem o detém.

SÓZINHA, uma mulher é mulher. Com outras mulheres, todas são umas perfidas.

FALAI-ME de um soffrimento, de um tormento que se esconde e permanece ignorado. E' a esse, precisamente, que eu quizéra soccorrer.

AS pessoas honestas sempre são menos canalhas do que as outras.

A metade do que escrevemos é nocivo. A outra metade é inutil.

A decisão, frequentemente, é a arte de ser cruel no momento preciso.

O amor nobre passa. A familia sempre fica.

AS grande fortunas são o productos de infamias. As pequenas, de porcarias.

Definições

De HENRI BECQUE

AS reconciliações têm um sabor especial, que é necessario saber apreciar. São recahidas leves, das quaes sahiremos completamente curados.

O diluvio não conseguiu o seu proposito, por isso que ainda ficou um homem.

EXISTEM, apenas, duas classes de mulheres: aquellas que se compromettem e aquellas que nos compromettem.

NA maioria dos casos nossos deveres nos fazem mais felizes que as paixões.

A vida é uma obra de arte difficillima. Não é facil acertar com uma de suas partes.

NOS emprestimos, aquelle que deveria recordar, esquece, e aquelle que deveria esquecer, recorda.

SI queremos conservar nossos amigos verdadeiros, é necessario não vêl-os com frequencia.

ADMIRAMOS o talento, a coragem, a bondade, o valor, os grandes deveres e as grandes provas. Mas só temos considerações para com o dinheiro.

PARA ser considerado no meio literario, é necessario não fazer alguma coisa e não pretender nada.

UMA casa para dois prazeres: o de sahir e o de entrar.

QUANDO vaes abrir a porta, um inimigo está por entrar.

DEFENDE-TE, defende-te e defende-te de ti mesmo e dos outros.

QUANDO observamos superficialmente a sala de uma grande dama, notamos que não é muito differente da de uma porteira.

AO falar de salões literarios, talvez seja necessario imaginar que se fala de um logar onde se ouve conversar pessimamente de literatos.

JUVENTUDE ALEXANDRE

PADRÃO DOS TONICOS PARA A BELLEZA DOS CABELLOS

SEM SUBSTITUTO CONTRA CABELLOS BRANCOS

LAVOLHO

Para os olhos dolorosos—olhos inflammados—olhos enfraqecidos—um tonico para os olhos fungados. Lave os olhos com LAVOLHO para os fazer fortes e bellos.

LEIAM

SELECTA

REVISTA

CINEMATOGRAPHICA

Tonico para todas as idades

O uso do QUINIUM LABARRAQUE pela dose de um copo dos de licor depois de cada refeição basta, com effeito, para restabelecer em pouco tempo as forças dos doentes mais debilitatos. É egualmente excellente contra os accessos das febres mais tenazes. Também as pessoas fracas, debilitadas pela doença, o trabalho e os excessos, os adultos fatigados por uma crescença demasiado rapida, as meninas que teem difficuldade em se formar, as senhoras após os partos, as pessoas de idade enfraquecidos pelos annos, os anêmicos, e pessoas cançadas pelo trabalho intellectual, devem tomar : o vinho de

Quinium Labarraque

Approvado pela Academia de Medicina de Paris

Deposito : Maison FRÈRE
19, rue Jacob, PARIS

Venda a retalho : Em todas as Pharmacias

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

Sãos como os dentes d'um menino

O DENTOL (agua, pasta, po, ou sabao) é um dentifricio ao mesmo tempo poderosamente antiseptico e dotado de um perfume muito agradavel.

Creado segundo os trabalhos de Pasteur, dá firmeza ás gencivas.

Em poucos dias, dá aos dentes uma alvura excepcional. Purifica o hálito e é particularmente recommendado aos fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

O DENTOL encontra-se á venda em todas as boas casas vendendo productos de perfumaria e em todas as pharmacias.

Deposito geral:
Maison FRÈRE, 19, rue Jacob - Paris

BRINDE. Para receber, franco de porte, uma amostra de pasta DENTOL, basta devolver o presente annuncio do FON-FON aos Srs. BARENNE & C.ª, 283, rua Buenos Aires, no RIO DE JANEIRO.

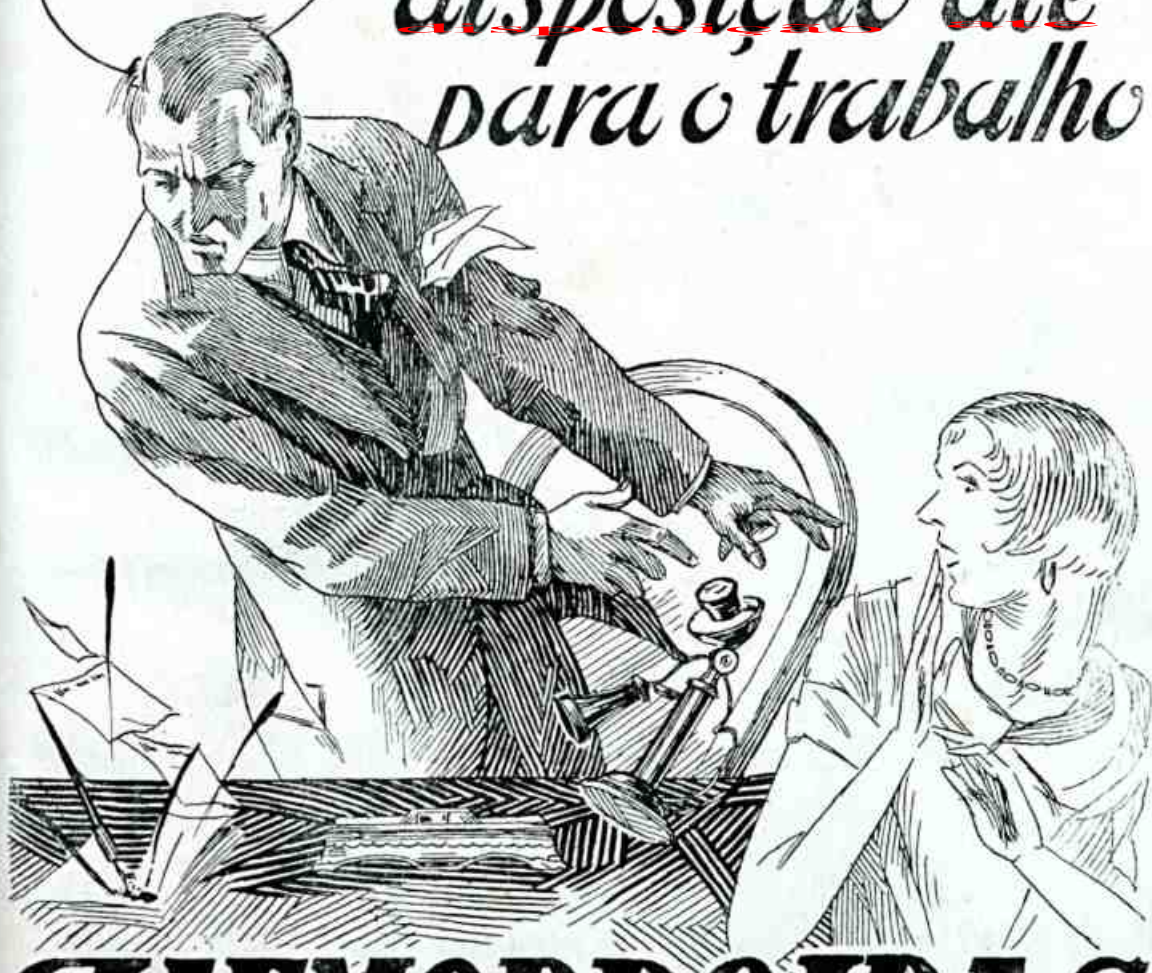
A Cidade Esquisita Que Eu Sonhei...

(A BASTOS PORTELLA)

Dentro de um mundo superior, subjectivo,
num transcendentalismo ultra homogeneo e vivo,
(numa allucinação phantastica e bemdita,
em que o Nada estremece e o Silencio palpita)
meu cerebro evocou,
plasmou,
viu,
contornou
e sentiu
a existencia de tudo o que nunca existiu...
E o meu delirio azul de canalha emotivo
idealizou,
sonhou
e construiu,
em um areal symbolico e nativo,
uma cidade estranha, inédita, esquisita,
— uma Cidade humanizada, — hermaphrodita!

.. ..

Hoje, que, em vão, procuro erguer o que deixei
no meu sonho oriental de propheta e de rei;
hoje, que ensaio, á luz dos desejos perdidos,
a dança emocional dos meus cinco sentidos,
tenho a volupia irreverente de sondar
os abysmos dantescos do Insondavel;
tenho ansias
de apalpar
o oxygeneo ignoto do Impalpavel;
de medir a illusão de todas as Distancias;
de rasgar
o finito
do Infinito
e, depois, exclamar,
num grande, enorme, escandaloso grito
sonoro, como o riso heril do oiro de lei: —
"Senhor! Senhor! escuta: Um sonho, ninguem parte!...
Portanto,
sê menos egoista e sê mais santo!
Repara em que, com ser um crápula tristonho,
tenho, eu, o direito de avisar-te
de que fizeste mal, em roubando o meu sonho!
Dá-m'o, pois, que o levaste; ou, constróe, num momento
para a orgia feudal do meu Deslumbramento,
para a festa pagã do Inferno que evoquei;
constróe, para a emoção divina da minha Arte
a Cidade
Esquisita
Que
Eu
Sonhei..."

Jayme de Sant'Jago

Maldicta doença
que me tira a
disposição ate'
para o trabalho
HEMORROIDAS
POMADA ADRENO STYPTICA MIDY
SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY